

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O Momento	133
BRENNO FERRAZ DO AMARAL	Um confronto infeliz	135
MARTIM FRANCISCO	Viajando (VII)	140
MONTEIRO LOBATO	O caso do tombo	155
SUD MENNUCCI	Uma nova expressão de arte (II)	161
ORVILLE A. DERBY	Um trabalho inédito	171
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda (III)	177
MARIA EUGENIA CELSO		
CARLOS DE MAGALHÃES AZEVEDO	Versos	184
LÉO VAZ	O colibri	193
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Brasil (II)	196
AFFONSO D' ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch (III)	202
PORFIRIO SOARES NETTO	Impressões de viagem	208
ANTONIO MAURO	Lingua vernacula	217
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico	220
REDACÇÃO	Artes e Artistas	223
	Bibliographia	227
	Resenha do mez	233

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 38 - ANNO IV

VOL. X

FEVEREIRO, 1919

RESENHA DO MEZ: — Conselheiro Rodrigues Alves (*Redacção*) — Olavo Bilac (*J. A. Nogueira e Micromegas*) — A conferencia da paz (*Otto Prazeres*) — A prosodia brasileira no theatro (*Júlio Nogueira*) — Homenagem a Euclides da Cunha — Mobilisação de versos (*Micromegas*) — Maridos poetas (*X. X.*) — Usos e costumes da Camara dos Communs (*Alter Ego*) — A belleza da Mulher — Ermelito Novelli — Um rebocador de helice aerea — A ankylostomiasse (*Belisário Penna*) — A travessia do Atlântico pelo ar — D. Luiz de Orléans e Bragança — Pinheiro Junior — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: — Retrato de Euclides da Cunha — Passagem perigosa, Barbeiro de Imbituva, Dentista amador, O orfão, Mau pouso, Corre! corre!, Fim de lucta e Bébe, ladrão!, quadros de A. Zimmermann — Um raio de Sól, Vargem da Penha, Macega orvalhada e Nos campos de Baurú, quadros de Campos Ayres.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em Junho ou Dezembro

REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.
Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.
Pernambuco: Mario Sette, Recife.
Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.
Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.
R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.
Paraná: Seraphim França, Corytiba.
Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
BRAZ DA SILVA - UST 4 - 56

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa postal: 288 - Tel:

Caixa postal: 2-B — Telephone, 1603, Central.

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.



O MOMENTO

Levada pelo cansaço da mediocridade, a nação aspira alçar á governança suprema um homem que rompa a cadeia dos presidentes emperrados. Até aqui a qualidade "mater", o gaz ascensional que levava até á curul presidencial era a compostura grave, a palavra parcimoniosa e ôca, a sentenciosidade revendo ao famoso conselheiro de Eça, o silencio que simula alta concentração de espirito, a ruga na testa e o gesto de Pacheco nas occasões solemnas. Sob esta ridicula indumentaria as mais velhacas raposas da Republica creavam-se fama de emeritos estadistas, evitavam as posições definidas e, de degrau em degrau, subiam de ignaras vereanças á cuspide num colleio manhoso e paciente de lagarta que sobe da raiz da arvore á flor. A serie dos mediocratas foi apenas interrompida por uma farda de boas intenções, mas hilariante, e hoje, neste momento critico para todas as nacionalidades, culmina, pittorescamente, na chefia Moreira, de que não tem culpa nenhuma a excellente creatura que deve ser o Sr. Delphim Moreira.

Chegada a situação a estes termos, evidentemente o apogeu do sistema mediocrata, o instinto da nacionalidade adverte-se da má vereda trilhada, abreem-se-lhes os olhos ao paiz e em todas as almas brota o anceio pela mudança de sistema. Já que experimentamos, com resultados nada lisonjeiros, a gamma inteira da mediocridade com alguns pobres de espirito de lambugem, experimentemos o inverso agora, ponhamos no leme

um homem cuja vida tenha sido uma permanente affirmação de valor mental. E como sob os moldes pedidos só havia um, a nação unanime apontou-o logo: Ruy Barbosa.

A velha politica, entretanto, tenta reagir e impor á nação, mais uma vez, um titere fabricado "ad-hoc" nos conciliabulos da cuscuvilhice patoteira. Não lhe convém abandonar a presa. Ruy não será um seu disciplinado expoente. E' um indesejável viciado pelo crime de valer mais que os outros. E, como um Diogenas de saia, ella gyra e regyra ás tontas procurando de norte a sul o mediocre geitoso, convinhavel á situação. Debalde o procura. A hora fatal dessa politica já souu. O Brasil pela primeira vez na vida republicana se resolve a "querer". Sobe de ponto. Não se limita a querer. Exige.

— E' crivel, então, que o morto resuscite ? que Gulliver rompa a trama e ouse correr com a chusma de Liliput ?

E' espantoso, mas sucede esse estranho phenomeno. A Opinião Nacional, jamais consulta, ergue a voz e pelas mil boccas da opinião publica exige a presidencia Ruy. O medo ao arrengelho das facções politiqueiras do exercito desaparece, e todo mundo sorri compadecido das manobras microscopicamente conspirativas de vagos tenentes ignaras. A submissão ao situacionismo politico desfaz-se. Affirma-se a vontade collectiva. A vontade virilisa-se. A nação "quer" Ruy Barbosa. O futuro presidente será, pois Ruy Barbosa.



UM CONFRONTO INFELIZ

BRAZIL E ESTADOS UNIDOS

Contra a justiça dos homens, a justiça da Historia.

Si a primeira é falha, a segunda não erra. Dentro dos annos a voz verdade se ouvirá, valendo aos bons, condenando os máus. Tarda mas não falta... E por esse teor se adensam as illusões dos que em vida não foram entendidos e que deitam para além, entre os posteriores, a esperança do galardão que lhes foge.

Entretanto, de mãos humanas sáe a Historia e si a humana justiça falhou, não admira ás vezes falseie a outra. O mal tem muita força. E a equidade, como as virtudes flacida e morna, só a muito custo se equilibra.

Eis a nacionalidade nascente e já constituida depois, julgada por nós, que nos arrogamos o direito que a um livro — si livros pensassem e julgassem — competiria de razão. Olhos postos lá fóra, ouvidos tontos da catilinaria farfalhante, sem discernir o que se fizera cá do que se nos mostrava — julgámos e condennamos setenta annos de vida nacional: — "éras de emperramento", "ominosos tempos"...

Porque? — Porque Feijó consolidou a nação, mas não inventou o trem de ferro! Porque Rio Branco libertou o ventre escravo, mas não descobriu a luz electrica! Porque Mauá nos déra a locomotiva e a supremacia financeira na America, mas não inventou o telephone! Porque a princeza assignou a lei aurea, mas não ideou o automovel, nem Ouro Preto o cinema!...

E toda a psychologia daquellas phrases-sentenças se tresdobra em razões taes, em taes considerandos que, de feito, não são para desdens...

Olhos em Nova York, ouvidos em Lopes Trovão, justicámos logo, na praça dos comícios, meia duzia de memoraveis decadas históricas. Pouco se nos dá da relatividade das cousas: — nossos juizos são absolutos. A divergência profunda entre a nossa e a colonisação

dos Estados Unidos, a grande extensão do nosso littoral, a diminuta densidade de nossa população, nada considerámos nem estudámos. Vimos em bruto a fachada "yankee" e sem lhe penetrarmos siquer a Historia, reclamamos para nós os cartazes estapafurdios, que atrahem papalvos ao theatro de uma civilisação de emprestimo...

Um dia descobrimos a America do Norte. Noutro copiamos-a. No terceiro, vaidosos, enfatuados, condemnámos-nos, envergonhados do passado. Civilização é luz electrica e cinema! Progresso é automovel e telephone, cidade cheia e movimento! Nos onimosos tempos do emperramento... duplicara-se a zona povoada da província de São Paulo e a sua população — de 219.200 em 1822 — quadruplica-se quasi em 1872, quando é já de 837.300. Ninharias... De 1873 a 1886 entram no paiz, apezar da escravidão, 304.000 imigrantes, na media de 21.700 por anno; em 1887, sobe esta a 55.000, correspondendo a São Paulo 34.700; no anno da Abolição recebemos 161.000, dos quaes a província toma 92.000 (1).

Nessas epochas malfadadas construiram-se as estradas Ingleza, Pedro II, Paulista, Ituana, Sorocabana, Rio Claro, Mogyana. Desbravou-se o "Oeste". Coisas de nonada... Onde o automovel, o grammophone, o cinema?

A polychromia newyorkina a illustrar as nossas paginas, as mil e uma noites desdobradas pelas cidades, o estupefaciente que enche os olhos — é o que queríamos, a todo o transe. Ademais, a Republica precisava deslumbrar para conter o instinto conservador da nação. Com algo palpável e brilhante, compensar-se-ia a derrocada de sentimentos, em que o proprio, archaico patriotismo chafurdou: — para "distrahir a opinião publica", favoreceu-se o "encilhamento".

E o confronto dos dois grandes paizes, o do Sul e o do Norte do continente, foi o maçante logar commum da propaganda, a sua melhor figura e o agente mais forte de nosso scepticismo. Pois, em setenta annos de independencia, não fomos, cá em baixo, o que ha muito, lá em cima, já eram os outros!

*

Transpondo, portanto, os porticos babylonicos de uns e as portadas vetustas de outros, penetremos-lhes nas casas, a ver si na vontade e possança destes estava o imitar aquelles na altura monumental de suas obras.

Em 1531, á ordem d'el-rei, Martin Affonso fundava São Vicente e Piratininga, miseros feudos, os primeiros do Brasil. Um seculo mais tarde, em 1526, puritanos perseguidos por Carlos I, estabeleceriam Salem, no Massachusets, levando a prioridade, não apenas no povoamento da America Ingleza, senão no crear a communidade politica baseada estrictamente nas regras do Direito.

Uma, a Edade Media rediviva. Outra, a Edade Moderna recente. Cartas-regias e magistrados recebia da Europa a primeira. Promulgava a segunda constituições, regulamentos, leis e decretos;

nomeava autoridades. Uns eram vassallos fieis, attentos e obedientes ao real appello: — traziam no espirito seculos de feudalismo gothico, seculos de imperialismo arabe. Outros eram os rebeldes que fugiam : — com a independencia, que trouxeram para sua sociedade, trouxeram tambem uma civilisacão de uma centuria d'annos adiantada á que bordejou para o Sul, nas náos do Tejo. Ao depois, tivemos cá o governador e a tropa. Lá nunca se soube o que eram vice-reis, nem capitães generaes.

A colonisação proseguiu no correr do seculo, estabelecendo-se no seguinte o ultimo dos primitivos treze Estados, que em 1776 dispensaram a suzerania da Inglaterra : — Maryland, em 1632 ; Connecticut, em 1633 ; Rhode-Island. New-Hampshire, Virginia, Nova Yorw, Delaware, a seguir; as duas Carolinas, em 1663; New-Jersey, em 1664; Pennsylvania, em fins do seculo; e Georgia, em 1733.

Entretanto, a estructura colonial do Brasil definira-se, já no primeiro quartel do seculo de 600. Quando emigrados catholicos fundavam Maryland, que como a Virginia se governava por liberrimo regimen a que pouco a independencia alterou — Pernambuco, opulento de engenhos e de brios nacionaes, galhardamente começava de bater o hollandez. Bahia e São Vicente, pela mesma época, nadavam em aureo e doce mar : — o assucar abundava...

A quem não enxerga, todo este cortejo nos condemna por incapazes. Cem annos de precedencia! Ao fim delles, riqueza e fartura. No entanto, os Estados Unidos, 150 annos após iniciada a colonisação, 43 depois de ultimada, sacudiam para longe as cadeias da dependencia... E seria mesmo desolador, não interviessem por nós algumas circumstancias de nota :

1.º) A America do Norte, contava tres milhões de habitantes em 1776, entretanto que só 46 annos depois, em 1822, attingia o Brasil a essa população ;

2.º) a superficie dos treze Estados revoltosos, limitados pelo Atlantico a Leste e Mississipe a Oeste, pouco excederia á do Estado de Minas ;

3.º) as capitanias do Brasil dispersavam-se por 7.920 kms. de littoral, quatro ou cinco vezes mais extenso que o daquellas colonias;

4.º) a densidade de populacão, factor maximo do progresso, era aqui muitas vezes inferior ;

5.º) o bandeirismo, que além não se registrou, si nos deu Minas, Goyaz e Matto Grosso, arruinou São Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco.

6.º) e como si não bastasse a desesperadora ruina de São Paulo, com que se fechou a epopéa de ouro, Iguatemy, Sacramento, Missões, continuavam a sugar-lhe, annos e annos, o melhor das vidas e energias.

Considerem-se taes factos. Depois, julguem-se os povos e as historias.

Não se nega o assombroso desenvolver da America Ingleza. Pedir, porém, á Portugueza identico surto é desprender-se a gente de toda a realidade : — a extremal-as na capacidade de progresso basta a sim-

ples, eloquente consideração geographica, que, si a umas colonias congrega, a outras isola entre desertos e desertos.

Tres seculos de dianteira levam-nos os yankees e, talvez, mais:— seu viver de povo livre, que legisla, estuda e lê, data de seu apparecimento. Quando da guerra separatista, já possuam universidades e imprensa. A 4 de Julho de 1776 declararam uma independencia já feita. A 7 de Setembro de 1822 iniciamos apenas a constituição de um grande Estado. Regimen, leis, eleições, governos, Direito, tudo o que organisa uma nação foi desde ahi ensaiado por nós. Registra a primeira daquellas datas, mais um nome entre os paizes independentes e mais uma potencia entre as potencias do mundo. A segunda registra um nome. Porque nação constituida só o somos, de facto, desde Feijó e Pedro II. Elles, os cōsolidadores da nacionalidade, que vinte annos gastára a convalescer do absolutismo e da demagogia.

Mas, não quer isto dizer que andamos assim "emperrados". Um contemporaneo, Armitage, consigna os progressos do Brasil sob Pedro I, dando-o por maiores que os dos tres seculos da colonia, inclusive o reinado de D. João VI.

Como, pois, olhos fitos nos Estados Unidos, chamar "emperramento" ao periodo mais grave, mais relevante e mais fecundo da História iniciada por Martim Affonso e Ramalho, Thomé de Souza e Diogo Alvares ?

Sim. Mais grave, mais relevante e mais fecundo. Porque da separação ao desmembramento era um passo. Deste ao dominio estrangeiro, outro. Ao contrario, um salto foi o que demos, o menor que a razão admittia : — de colonia a Imperio liberal, mantidas independencia, cohesão e tradições nacionaes.

"Emperramento", porque não adoptamos a federação ? Mas senso de homem de ciso justificará para um seculo antes o que até hontem era a vergonha da Republica e ainda hoje não é positivamente o seu orgulho ? Imaginem-se os Accioly, os Montenegros, os Lemos ha cem annos...

"Emperramento" porque logo não libertamos os escravos ? Entretanto falha ahi o padrão da America... E foi, decerto, mesmo por falhar que o fizemos tão tarde.

"Emperramento", porque não promovemos a immigração ? Ainda hoje, porém, os desertos do Norte, de Minas, Goyaz e Matto Grosso — oito ou nove decimos do paiz! — aguardam a regeneração pelo estrangeiro...

O facto é que, bem pesadas as coisas, bem medidos os homens, são os nossos Andradadas, Feijós, Evaristos, Rebouças, Paranhos, Mauás e Cotelipes, tão grandes como os Washington, Franklin e Lincoln. que si na apparencia foram maiores, nunca se obrigaram á obra ideal e exhaustiva — que não deslumbra como as conquistas e os monumentos — de fazer-se uma Patria, que elles, de muito, já encontraram feita e perfeita.

Para que o confronto nos condemnasse seria preciso que o Brasil colonial se tivesse circumscresto, por exemplo, ás capitania que vão de Bahia a Pernambuco; e que a população da colonia inteira ahi se

congregasse até fins do seculo XVIII. Si assim fosse, para que o surto do nosso progresso se comparasse ao dos Estados Unidos dispensar-se-iam as outras vantagens de organisação, que estes nos levaram. Porque o grande milagre da America Ingleza foi conter suas energias expansionistas até a entrada do seculo XIX, seculo da maturidade da civilisação néo-latina, época tardia mas feliz em que se multiplicaram os treze Estados Americanos, até attingir a California e o Pacifico, o esplendor da riqueza e o prestigio da força.

Entretanto, fale por nós Oliveira Martins: (2).

"Para bem avaliar o desenvolvimento das duas grandes nações americanas é mister não contrapôr numeros que abstractamente nada significam :é necessario comparar a "ratio" d'esse desenvolvimento. Pois tão pouco tem crescido a população brasileira? Absolutamente será pouco, relativamente é tanto ou mais que nos Estados Unidos".

"A povoação dos Estados Unidos era de 4 milhões em 1790 ; e subia a 33 em 1870: octopticára.

A do Brasil, estacionaria no elemento negro, "decuplicou" no elemento europeu :

	1789	1816 (Balbi)	1872
Brasileiros			8.200.000
	800.000	843.000	

Extrangs. europeus } 220.000"

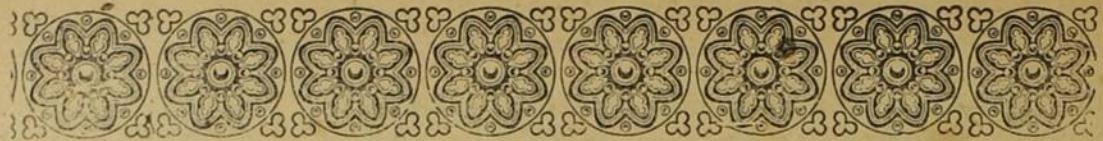
Os dois Imperios nossos não fizeram milagres:—deram-nos. Patria ; dentro da Patria, ordem ; fóra da Patria, honra. As revoltas militares, os estados de sitio, as falcatrusas e os "fundings" vieram depois. O progresso...

Forçoso é confessal-o, só a Republica nos deu o grammophone e o cinema.

BRENNO FERRAZ DO AMARAL.

(1) V. "S. Paulo no Seculo XIX", Theodoro Sampaio, vol. VI da "Rev. do Instituto Hist. e Geogr. de S. Paulo", pag. 197.

(2) V. "O Brasil e as colonias portuguezas", Oliveira Martins, pag 163.



VIAJANDO⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

S. Paulo e Suissa — Maio, 18

— S. Paulo tem muito mais de tres milhões de habitantes; pouco menos de quatro a Suissa tem.

A Suissa importa estrangeiros e exporta relogios; S. Paulo importa emprestimos e exporta juros.

S. Paulo é a zona brazileira onde mais se sabe ler e escrever; a Suissa é o primeiro paiz da Europa em instrução primaria.

Tem a Suissa em Guilherme Tell a sua legenda patriótica; em Amador Bueno tem S. Paulo a sua.

O paulista não é o mais intelligente dos brazileiros; o suíso não é o mais intelligente dos europeus.

Da montanhoza região suíssa, a mais central da Europa, nascem e partem rios em todas as direções; da região paulista, com mediterraneo fluvial, partem o Paraíba — norte, o Tieté e o Paranapanema-oeste-sul, alteando-se em sua fronteira — norte o maior dos nossos picos orograficos.

O paulista explora cafezaes; o suíso explora hoteis.

Com o espirito mobiliado dessas asserções comparativas, um pouco de entuziasmo pelo gosto literario de René Morat, muito pelo talento do Dranmor, caixearo em Santos em 1853-6, um

(1) — Vide os numeros de Agosto a Janeiro.

acautelador forradissimo sobretudo e tinturas geraes de historia helvecia, entro no vagão e sento-me ao lado duma cara larga, dois olhos pardo-claros, nariz proporcionado, sorrizo natural, lealissimo : tudo dum quarentão austro-italiano que me comeca a olhar para a bengala insistentemente : bengala de inquebravel muirapinim, encimada por castão de prata com as minhas iniciaes.

Para a melhor das Republicas

Dia explendido. Comboio grande; marcha regular. A principio a monotonie da planicie é perturbada pela sucessão de povoações nas quaes predomina um agradavel esbranquiçado pallido. Aparece de repente uma montanha, mais outra, outra; bordeja-se o Lago Maior; fogem Arona, Leza, Streza, Palanza. Separamo-nos; para a direita o lago, para a esquerda eu, que com o trem tomo direcção das geleiras. Lindas, mais ainda do que na orografia itala, descem ellas do capuz das montanhas, estendendo-se em lençóes de meia legua, desfazendo-se, nos sulcos dos sopés, em fios dagua que vão alimentar os rios. Lindo !

Entramos num valle. Saimos. Repetem-se os tuneis. Eletrifica-se o trem. Proseguimos. Escancara-se um caminho entre dois morros. Avante ! Silencio cavernozo; vinte e sete minutos de Simplon. Estamos no maior dos tuneis; cazo distaciadissimo de atavismo zoologico: lição da minhoca ao homem: cazo de mocidade progressiva: lição da vereda ao tunel.

Reaparece o sol. Alegria communicativa, irreprimivel. A troca de jornaes pretexts conversações, que a fome commum e um bem temperado cardapio alimentam sem constrangimento. Entre a sobremesa e o café já parecemos, o austriaco e eu, velhos amigos, companheiros de muitos annos.

Quem era elle ?

— ?

— Carlos Kraft, capitalista, grande proprietario em Nice, casado, tres filhos, espoza enferma, comprador de titulos brasileiros, collectionador de madeiras, das quaes lhe faltava muirapinim.

... Quando em Montreux apertando na larga destra o cabo da já sua bengala e exclamando de dois em dois minutos. "Jolie canne ! Jolie canne !, Carlos Kraft se despediu, prometi-lhe meu caçal e respetivo apetite para um almoço, em Nice, em

data de 3 de Maio. Fui além no compromisso : prometi-lhe cumprir a promessa.

— Passam Verey, Lutry; uma caza, dez cazas, centenas: chegamos. Já era tempo.

Em Lausanne

— Acrescentei duas ás 60.714 almas que o ultimo recenseamento contou em Lausanne. Bom o Hotel Continental; fica em frente á Estação Central que derrama na cidade, de hora em hora, gente de todos os tamanhos, caras de todos os feitios; e isso sem o berreiro das estações italianas, sem delongas na entrega dos bilhetes, sem divergencia num vintem de bagagens.

Tudo regulamentado. Tudo previsto. Tudo sabido de vespera. Sente-se, logo ao pôr pé em terra, que a ordem se assenhoreou de tudo que nos pertence.

Devia ser assim o governo dos incas. Tão metodizado, tão administrado, tão cazo — julgado foi elle que, incapaz de qualquer iniciativa, o educando das doutrinas de Mancocapac poude, sem prejuizo individual, dispensar o alfabeto; perdeu-o, esqueceu-o, substituindo-o por "quipos" (nós) que, na decisão dos pleitos, os magistrados dezátavam como podiam. Quando, em Réclus, eu soube dessas coizas, achei-lhes um certo sabor brasileiro ; noto-lhes agora, porém, na previdencia, na tranquilidade, na concordancia generalizada, incontestaveis traços de civilização suissa. O suíço é servo da lei; á lei, qualquer que ella seja, compete descobrir ou não descobrir a polvora. Na Suíça quem manda é a lei. Assim pensando, vou á janella do meu quarto, e começo a abalar a minha opinião .

Juizes e Meretrizes

— Distingo, no largo pâtoe da Estação Ferrea, tres e meia dezenas de carregadores e cocheiros em interessante reunião. Determinava-a utilidade dum acordo sobre preços e outros motivos de reciproca subordinação dos serviços nessas duas classes operarias. Não lhes ouvi os discursos, mas reparei que cada orador gesticulava por sua vez, e só depois que o outro aquietava os braços. Deduzi ser, alli, cada comparecente advogado de si mesmo, o bom senso advogado de todos, e a tolerancia a forma processual do debate.

Quinze ou vinte minutos depois, sem policia, sem refladas,

sem correrias, cada cocheiro, dissolvido o comicio, proseguiu no seu trabalho, cada carregador voltou ao seu serviço.

Que lição de bem viver! Que exemplo de justiça rápida e gratuita! Sem custas; sem advogado — intermediário que fosse dizer ao juiz aquillo que a lei diz que o juiz já sabe; alli no pateo da Estação, quarenta e poucos contribuintes decidiram em minutos pleito que, no Brazil, custaria muitos meses, algumas peitas e muitos contos de reis !

Não estava o fato a ensinar que: mais de harmonia com o valor do tempo, com a nossa época, com a autonomia individual, com a lógica, e cedendo as fórmulas processuais do romanismo logar a uma justiça territorial promta e barata: o contribuinte fosse directamente ao magistrado, expuzesse-lhe a reclamação, e encarregasse o advogado de preparar a prova por despacho, edital, portaria ou qualquer outro meio, ao judiciário parecesse necessária ?

Inconvenientes ? Poucos. E hoje ? Tantos ! Acessível ás paixões como qualquer de nós, poderozíssimo pela inamovibilidade, irresponsável de fato porque superior aos outros poderes, o judiciário, quando explora o mal, não é mau: é o próprio mal. E mal irremediável. Acata-dupam-se os exemplos disso.

Nem o talento indagador de Képler, nem ainda a genialidade de Laplace seriam capazes de aplicar corretivo ao juiz que prolonga os feitos. E que dizer dos juiz que tarifa despechos ? E quando elle promete o voto para obter promoção ? E quando sentencia ser um bilhete de rifa prova superior a uma escritura pública ? E quando furtá dinheiro de orfãos ? E quando insinua e recebe mimos anniversários ? E quando remove marcos ? E quando imagina divizas ? E quando comércio na gerencia de empresas subvencionadas ? E quando falsifica depoimentos ? E quando escamoteia a argumentação das partes ? Perigos ! Perigo permanente contra a indole da civilização no ocidente é o poder judiciário com as atribuições latissimas que tem, e a impunidade que alardeia. Urge remove-lo para o nada.

Si a meretriz sifiliza o corpo, não lhe é inferior, nem superior, o mau juiz deteriorando a moral. Equivalem-se. Equilibram-se como conchas duma balança cujo fiel é o desbrio.

— A opinião pública é o espírito da sociedade. Para que arrosta-la com apozentadorias, condecorações, comissões, notoriedades obstinadamente conferidas a portadores de dois salários ? Porque não acertar contra o escândalo ? Porque não

aprender com aquelles cocheiros e carregadores, alli no pateo da Estação, que o direito não deve ser banca de jogo com baralhos carimbados ?

A' custa desses operarios, reconheço-o, ganhei o meu dia. Que magnifica lição de bem viver me deram elles !!

Março, 19.

— Deante da imponente estatua de Davel — maior que perdeu duas vezes a cabeça : em vida porque, já tendo brilhantemente cumprido seu dever militar, poderia ficar quieto em sua rezidencia, e não sair á cata de motins ; e depois de morto porque lh'a roubaram —, completada pelo taxi, sem discussão, a hora que contratára, recebi dum amigo da possivel agencia consular do Brazil convite e instruções para assistir ao final da installação do “Grande Conselho Cantonal”.

Alto bonito. Nada de solemnidade espetaculoza. Sala grande, quazi quadrada. Tablado prezidencial. Galeria enorme, no alto. Povo, muito e contente. Sobrecazacas; chapéus altos. Conversações sem o zum-zum das assembléas latinas. Ninguem fuma no recinto, nem na galeria.

A propósito d'um desproposito.

— Não fumo. E por isso, e porque dezessasse retirar o relgio de caza de penhor, ha mezes, no Rio, correspondente de jornal paulista telegrafou inventando ter eu sofrido repreensão da Prezidencia da Camara por estar fumando no recinto. Interpellado, explicou assim haver procedido por me não poder tolerar.

Sensibilizou-me a intolerante explicação, partida aliás de individuo frondozamente tolerante.

Verificação de poderes

— Era a segunda sessão. De leitura, debate e votação de parecer relativo a duas reclamações claramente processadas, constava a ordem do dia. Tres foram os oradores num francez sillabadamente carregado; nem um delles exordiou, ou antes os tres exordiaram directamente. Trinta e seis minutos duraram as explicações discursadas. Uma das reclamações, a que se filiava á circumstancia de a recente lei diminuir o numero dos congressistas, foi atendida quazi por unanimidade ; outra, por incompleta de documentação, teve adiamento regimental. E, assim, em completa ordem, se completou a ordem do dia.

O presidente, um octogenario rezoluto, sorrido de quem está contente com sua sorte embora nunca tivesse tirado a grande, em curta allocução observou aos deputados que, diminuido o seu numero, aumentava a responsabilidade de cada um delles. Assentimento geral.

Sessão boa, porque util e simples. Ainda a quem, como eu, duvida da delegação pelo voto — direito, preferindo o voto — função, generalizado, obrigatorio, punido quando ausente, o cazo suíço não deixa de parecer animador. Em prazo não excedente a dois dias ficou installada uma assembléa politica.

— Retiro-me. Compro um jornal. Telegrammas ? Morticínios no México. Mata-se e morre-se nos Bálcãs. Assassinato do rei da Grécia. Despezas militares na França e na Alemanha. Do Brazil ? Nada. Não ha notícias. Antes assim.

Jornalismo.

Que jornal comprei ? **A Tribuna de Lausanne**, maior de vinte e oito annos, dirigida e redigida por G. Aubort, jornalista com artigos, classe quazi a se extinguir no Brazil. Já, em numero lido no trem, lhe eu notara cabedal historico, estilo claro, e verdade independente na ponta da pena. Profissional superior ? Não. Aubort é um médio que comprehende o valor do tempo e a gravidade do seu publico. E' um exemplar de homem de imprensa na Suíça, mas para a Suíça. No Brazil seria, quando muito, senador federal.

O publico prepara e educa o jornalista muito mais do que o jornalista educa e prepara o publico. Cada faze politica engendra o seu publicista ; cada época o seu jornalismo. Ferreira de Araujo não ganharia hoje com que pagar o quarto na pensão ; Firmino Rodrigues Silva talvez não tivesse dez leitores. O "Matraca" e o "Petisca", por serem de mãos limpas, teriam de desistir hoje da profissão de calumniadores, que tão democraticamente exerceram no periodo regencial.

Quem, agora, o primeiro jornalista do nosso paiz ? Incontestavelmente o velho Alcindo Guanabara. Alcindo é a mais brasileira pena de toda, a imprensa nacional. Escrevendo muito, de manhã e à tarde, para uma população excessivamente mexeriqueira, e cuja incessante pergunta — "que há de novo?" — encontra resposta na gazetilha e não no editorial, distende elle os seus parágrafos por setenta e mais linhas, certo, certíssimo, de que nem uma respiração, sob risco de

acesso asmatico, alcançará o ponto final. E essa falta de leitores proporciona ao estilo de Alcindo a mais absoluta liberdade na enunciação do pensamento.

Em S. Paulo, porém, onde algumas vezes, não o nego, o jornalista significa uma fuga da incapacidade para o publico, e onde, tambem não o nego, a mentalidade social exige, na imprensa, mais superficie do que interior, em S. Paulo : o atual principado do jornalismo cabe a Adolfo Araujo. Tem, talvez, a opinião republicana pennas mais brilhantes; nem uma, porém, mais aparada, mais pura, mais independente. Esta é a verdade. O talento natural de Adolfo e a indole paulista, irmanando-se, estabeleceram uma conta corrente de gloria reciproca ; dahi vizivel troca de reações : do talento sobre o meio, do meio sobre o talento.

Recordos.

— Tivesse eu um filho, e recommendar-lhe-ia o vinho "Cortailot"; é macio, barato de tres francos a garrafa; gostoza-mente se entende com a carne um tanto sangrenta e os legumes da meza suissa, e perfeitamente combina com o queijo suisso: o legitimo, o incontestavel queijo suisso que me serviram hoje: o mano daquelle que, quando estudante em S. Paulo, eu saboreava com cerveja no botequim dum allemão corpulento, pai dumas meninas muito gordas, muito sérias, muito uzeiras de vestidos curtos, mas cujas pernas promoviam constantes divergencias na familia. Reclamava o pai quando a freguezia as olhava. Réclamava a mãe contra a reclamação do pai. Balburdia !

— "O Ramalho sabe suas coizas", veiu-me á lembrança esse elogio (unico, talvez, proferido pelo conselheiro João Crispiniano Soares durante sua longa existencia) ao melhor dos nossos praxistas quando, para chamar o somno retardatario, comecei a catalogar vinhos antigos na atenção do gerente do hotel, e o encontrei firme tirocinio do assunto. O homem tambem sabia suas coizas. Mudei-lhe o capitulo, e o helvecio a acompanhar-me !

• Embicámos para a historia, e qual não foi o meu espanto ao ve-lo concordar, embora com sincera e indisfarçada tristeza, que a legenda de Guilherme Tell, com suas capellas, seus poemetos, suas constrangidas cronologias, era das mais formida-

veis petas aninhadas nos fastos da mentireza humana ! Mas a proporção que aprofundavamos esse intrincado problema, e enveredavamos, cada vez mais deliberados, para a sua resolução negativa, o patriotismo do gerente, tremuloso, arripiado, se ia transformando em dor. Li-lhe nos olhos um grande desejo de cascata; previ-lhe inundação nas palpebras. Penalizado, consolei-o, curei-o. Receitei-lhe, com consentimento de Spencer, haver sempre nas falsificações uma alma de verdade, e, imediatamente, lhe injetei na atenção algumas reminiscencias de patranhas vencedoras. Demonstrei-lhe que eu tambem sabia minhas coizas.

Separámo-nos amigos, os dois. Do queijo e do vinho só restavam prato e garrafa.

Mentira colombana.

Todos os geografos e historiadores que tratam da descoberta da America, por Cristovão Colombo em 1492, noticiam viagens e desembarques de João Corte Real, vinte a trinta annos antes, em terras que receberam e conservaram denominações portuguezas. Diogo de Freire, Martim Estreito e João Lavrador são anteriores ao genovez. Já em 1448 o papa Nicolau V nomeara bispo para a Groelandia.

Mentira brasileira.

— Não é verdade que, em 1887-8, o exercito brazileiro houvesse protestado contra o seu emprego na péga de negros fujidos. Desafio apresentação de prova regular que me inutilize a afirmativa. Poucos meses antes da lei libertadora tive, em Santos, de providenciar em auxilio ao recolhimento de escravos perseguidos e feridos, no Alto da Serra, por forças de linha commandadas pelo tenente Collatino, hoje general. A tradição militar brazileira em relação ao elemento servil não dissente das ideas do marechal Cunha Mattos, em 1826, na Camara dos Deputados. No Paraguai a libertação dos escravos em 1870 foi exigencia deciziva do conde d'Eu, sem audiencia dos militares brazileiros.

Amentes.

— Lidei, ha muitos annos com engenheiros, septuagenario, riquissimo, que nunca destruiu nem construiu coisa alguma, mas que estava inteiramente persuadido de que superintendera

uma empreza de viação-férrea, inaugurando então no paiz o emprego da lenha para movimentar o trafego.

— Outro caso de automentireza, e esse, para mim, absolutamente inexplicavel. Prudencio Castello, quarentão, cazado, sem filhos, barba forte e grizalha, alto, claro, tez enrugada, tendo como profissão fazer gaiolas, 1874, S. Paulo, rua do Jogo da Bola: Prudencio não saia de caza sinão quando repicavam os sinos annunciando procissão; vestia-se com relativo apuro; sobrecazaca preta, cartola, botinas de verniz, monoculo prezo a correntinha de oiro, alfinete com brilhante na gravata; ia a um extremo da rua; voltava, seguindo até ao outro extremo; repetia esse percurso dez ou vinte vezes até que se recolhesse a procissão, que aliás não passava pela rua do Jogo da Bola. E no dia seguinte, si alguém lhe perguntava o que fizera na vespresa, respondia capacitadamente:

— Hontem eu fui á procissão.

Francamente: em verdade: como mentirozo que vale Guillerme Tell, que não existiu, deante de Prudencio Castello que foi carne e osso neste valle de lagrimas?

Genebra — Março, 20.

— Agradaveis ida e volta, marginando metade do meio círculo do Leman, o maior dos lagos do ocidente europeu, e que banha e serve a maior das cidades suissas, cuja população, aliás, mal atinge ao numero duzentos mil. Longe disso.

E' dificil ir a Genebra com vontade de gostar della. Seu passado é antipatico. Seu presente, porém, diminue bastante a bagagem moral de indispoziçao com que explicadamente se a visita; diminue, não elimina.

Dois nomes — "Servet" e "Condolle" — me não deixaram a mente durante as cinco horas de que dispuz e empreguei percorrendo a discutivel patria de Rousseau. Um percurso ao acazo. Edificações solidas. Crianças coradas. Acumulação original num distico em esquina de rua : "Assistencia para estrangeiros e pobres". Num botequim após dispensavel demora, outra acumulação, essa de adjetivos : café puro e pessimo. Flores, muitas, muitas flores ; discutindo-lhes o preço, brigam dois compradores. Dos sócios infiro ser inglez um delles. Em varias lojas a mulher é guarda-livros. Aqui, no commercio, a mulher une à competencia do allemão a amenidade da franceza; e quando promette abatimento cumpre a promessa, mas só abate na carteira do comprador.

— "Servet". Genebra, que o torrou em 1553, ainda não sou-

be elevar um monumento á altura desse gigante que descobriu e afirmou a circulação ao sangue muito depois de Platão, é exato, porém um pouco antes de Harvey.

— "Condolle". Foi menino prodigo. Como fazia versos aos nove annos, falhou na metrica e enveredou para a botanica. Sua opinião — todos os seres organizados, tomados em sua natureza intima, são simetricos — infeccionando duns restos de idealismo o surto scientifico do seculo XIX, diminuiu, na gratidão da posteridade, o brilho que lhe aureolava a fama.

•
— Ordeiro, calmo como quem não tem pressa, azuladas as suas aguas, atravessa o Rodano o lago, como hospede bem intencionado em caza conhecida. Sete pontes o dominam. Ei-lo, porém, violento, furioso, ao tocar á repreza que, captada a força, aparelhado magnifico e solidissimo serviço, proporciona á cidade bondes, illuminação e exgotos.

Delicados, delicadíssimos, os empregados que, poucos porém bastantes, atendem completamente ás exigencias do complexo e perfeitíssimo trabalho. Excluidas as secções de escrituração, não ha alli segredos; tudo se explica ao curioso que pergunta, ao estrangeiro que ignora e indaga.

•
Vá um russo á "Cantareira" ou á "Ligth" e peça informação: vagarozamente o empregado communica o facto ao amanuense, este ao sub-director, este ao director que determina queira o russo por escripto; vai o requerimento a informar á respectiva secção; a informação é impugnada pela contadaria porque ha duvidas no sello aposto pela parte; grudam-se em textos e replicas legaes o contencioso e o gracioso; irrompe afinal o despacho, um simples despacho: "certifique-se não havendo inconveniente". Na vespera desse despacho o russo enlouquecera.

Rousseau.

— Refiro-me á estatua. Cumpre aceita-la como está, como já se habituou a estar. Desde 1838, sentado sobre seis livros grandes como o Magnum Lexicon, teima ella em querer acender um charutinho. Feia. Não lhe bulam, porém. Em quanto a deixam, não pede emprestimos sem restituição, como fez com o "Contrato Social" de Spinoza.

Calvino.

Aqui, durante onze annos, morou, intrigou e discutiu esse carrancudo cujo busto, lá no ponto mais alto da cidade, num quadro de metro e meio em marmore, encima uma caza velha. Feio. Cara de espião. Especialista em coizas inuteis. Perseguidor e fanatico.

— A primeira obrigação duma estatua que se preza é ser bonita. Que isso de fazer carantonhas a quem passa só se tolera num Crémieux ou num Littré, nunca em notabilidades de quarteirão cujo anonimato começa com o atestado de óbito.

Urge organizar no Brazil uma associação de rezistencia contra bustos, estatuas, placas e hermas com que filhos, netos, genros e sobrinhos de seminullos ameaçam invadir a posteridade. Esses importunos não tem entrâncias ! Premeditadamente põem em perigo a atenção do porvir.

E que dizer duns maniacos solemnemente chatos, que conseguem ligar nome ás ruas ?

Em Santos, com o diplomata argentino dr. Julio Fernandes, intelligente e caustico, fiquei em apuros quando insistiu elle em que lhe eu explicasse a notoriedade de varios arruados. Atrapalhado, atrapalhei-o. Expuz-lhe que no Brazil, onde ser coronel é obligatorio desde que se é vereador, e ser vereador confere direito a ter nome em esquina como premio a futuros serviços, a marcha da legalidade determinou não haver coronel sem rua, nem rua sem coronel. Não me entendeu. Nem eu.

— Rumo Paris ? Sim, pelo noturno hoje. Compro o "Matin". Discute si Clemenceau será ministro e si as mulheres devem uzar vestido denunciando a gravidez. Em França não serei politico, nem medico parteiro. Despreocupo-me, portanto, das preocupações do "Matin".

— Annuncia-se para amanhã comicio concernente a rivalidades commerciaes dos tuneis S. Gotardo e Simplon. Breve o aeroplano dispensará essas briguinhas. Não sou interessado em qualquer dessas emprezas; minhas boas accções não são ações de companhias. Adeus, Suissa ! Hei de estar em Paris no dia marcado ha dias.

— Mas em que, porque e para que é a Suissa melhor que S. Paulo ? Em nada, por nada, para nada.

O paulista é superior ao suíço.

Suissa e S. Paulo.

I

O paulista confia; o suíço desconfia. Duvidando dos seus políticos, fiscalizando-os ostensivamente, a Suíça está longe, muito longe de S. Paulo que, honrando-lhes o caráter, lhes concede, sempre e sempre, a mais ampla liberdade de ação.

Na verificação de poderes do "Grande Conselho Cantonal", testemunhei-o, não havia um logar vazio na Grande Galeria; fosse em S. Paulo e não haveria um logar ocupado. Aqui desconfiança manifesta; lá, confiança unânime. Aqui debate, chapas, divergências; lá, o progresso, adaptada a lei do menor esforço, substituindo todos os sistemas eleitorais pelo sistema das apurações, até hoje reconhecido como o menos complicado e o mais decisivo.

II

Na Suíça não são raros os precedentes de derrotas do governo nas consultas à opinião por meio das urnas. Em S. Paulo, a datar de 1889, e quase trinta anos não são trinta meses, não há exemplo de desarmonia entre a vontade do governo e o resultado do sufrágio. A coincidência paulista das aspirações do povo com as realizações, prévias, da administração, é incontestavelmente um dos casos curiosos da sociologia universal! Governo e povo têm um só pensamento.

Toda a história da Suíça, indagada, estudada o mais possível, não é capaz de apresentar fenômeno tão pitoresco! A Suíça mantém o referendo popular; nobremente S. Paulo o dispensou.

III

O paulista é grato. O suíço é ingrato. Sem excesso, mas com equidade, o paulista retribui a competência dos seus altos funcionários; deprime-a o suíço. Os vencimentos anuais do presidente do Estado de S. Paulo equivalem aos de todo o Conselho Federal da Suíça.

Outra nota a consignar: não há notícia de presidente paulista empobrecido no exercício do cargo, o que constitui um acariciador incentivo às candidaturas a tão elevado posto.

IV

Na Suíça, em regra, o presidente assume o exercício do cargo com apreensões e receios; preocupa-o o futuro. Em S. Pa-

lo, não. Tranquilliza-o o apoio da opinião. Antes mesmo de prestar compromisso já o eleito do povo recebe das camaras municipaes, das corporações legislativas, de todos os directórios locaes, de amigos e até de desconhecidos, expontaneos protestos de aplauzo a tudo quanto fizer.

E na Suissa ? Na Suissa não ha exemplo de governo elogiadado antes do respetivo exercicio. Que vergonha !

V

O coração paulista é generozo. Velha pratica dos tempos do Imperio, em S. Paulo ninguem se inutiliza.

E na Suissa ? Tergiverse num ponto de honra qualquer politico, e verá como lhe cortam immediatamente a carreira. O suíso não é tolerante, não é bom : não admite a regeneração.

VI

A imprensa suíssa, privilegio de grupinhos, é muito inferior á paulista. Na Suissa o jornal é a redação; em S. Paulo o jornal é o povo: alli o ineditorial, a pedido, instituiu a colaboração geral. Até o governo, cuja verba secreta costuma empregar estilo convicente, é jornalista, especializando-se nas transcrições.

A Suissa não tem, portanto, como S. Paulo, imprensa igual para todos.

VII

Na Suissa as más leituras são permitidas, consentidas, respeitadas, animadas mesmo pela ausencia da censura policial. Não conhecemos, felizmente, isso em S. Paulo. Alli os funcionários postaes, quazi todos chefes de familia, e moralizados todos, impedem a divulgação de ideas subversivas, e cortam os vôos á pornografia, retirando os livros das malas postaes, vendendo-os a pezo e guardando o dinheiro.

VIII

Na Suissa o apozentado é apozentado, o jubilado é jubilado, o reformado é reformado. Invalida-se, dess'arte, em absoluto, o patriotismo de muita gente. Não é assim em S. Paulo. Lá esse despotismo inutilmente tentaria carreira; derribalo-iam os impulsos de galhofa; nem rezistiria á energica inter-

venção das cartas de empenho. E' que na terra dos bandeirantes não ha limites á dedicação ao publico serviço. O apozentado, que deliberar rededigar-se ao paiz, pode faze-lo cobrando seus novos trabalhos com a maxima sobranceria.

IX.

O suisso é excluzivista, é bairrista. Incomoda-o, zanga-o a ingerencia alheia em seus problemas. O paulista, esse tem mais descortino, tem mais coração; não vê no batisterio merito ou demerito: quem chega a S. Paulo, venha donde vier, e quer trabalhar, qualquer que seja o trabalho, é considerado paulista para todos os efeitos. O peregrino lhe foi sempre amigo; e quanta vez o forasteiro já lhe vem dono da caza!

As cronicas paulistas relatam, durante a Monarquia, uma porção de hospedes reenviados, das margens do incaudalozo Anhangabau', para regentes, ministros, deputados na bellissima baia de Guanabara; e atualmente multidão das notabilidades, que doutros Estados vieram honrar S. Paulo ocupando-lhe a direção politico-administrativa, assegura ao nosso porvir solidissimo alicerce. E cumple á verdade reconhecer que os precedentes historicos de Timoleonte, Mazarino e Bernadotte — individualidades que o desenvolvimento de nossa instrução publica tornou estudadissimas — justificam por completo a magnanimidade dos paulistas em homenagem á superioridade desses que, brazileiros bemfadados, os procuraram e governaram, os procuram e governam.

Elle !

— Manda a justiça que, dos legionarios do bem, vindos doutras paragens para dar destino aos destinos paulistas, um nome seja destacado. Sem ofensa ao valor indiscutivel dos muitos vivos e mortos, que se sujeitaram a padecer com os paulistas os sacrificios duma accidentada direção social, deve elle permanecer primeiro entre os primeiros.

Foi parcella importante de nossa historia. Deputado geral de 1838 a 1860, com insignificante intervallo; cabo eleitoral invencivel; chefe de todos os partidos; governador dos governos: no conhecimento e no reconhecimento, na memoria e na saudade da alma popular sua figura é inapagavel.

Refiro-me, está visto, ao dezembargador Joaquim José Pacheco.

X

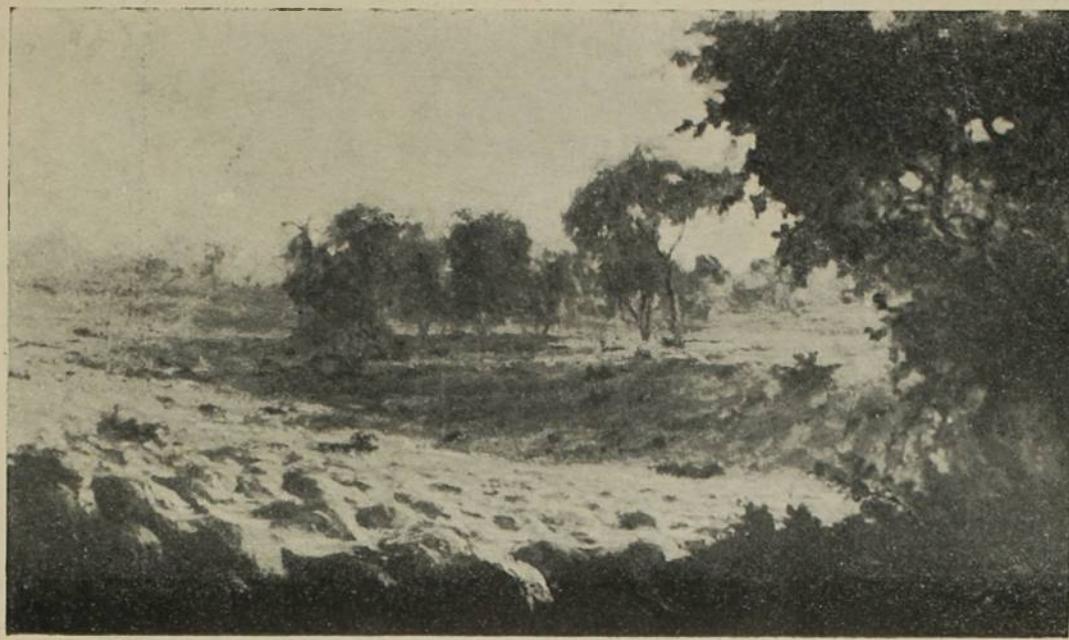
Aceitando por base o recenseamento de 1870, que contava 7.764 idiotas numa população de 2.800.000 almas, deve hoje contar a Suissa, quebrados á parte, 10.000 idiotas. Ainda nisso lhe é superior S. Paulo. Muito superior ! Ponderada, igual em numero á da Suissa, a população paulista só conta um idiota : sou eu.

Avizam-me. Aproxima-se a hora da partida. Não quero que o trem me perca. Outra vez: adeus, Suissa !

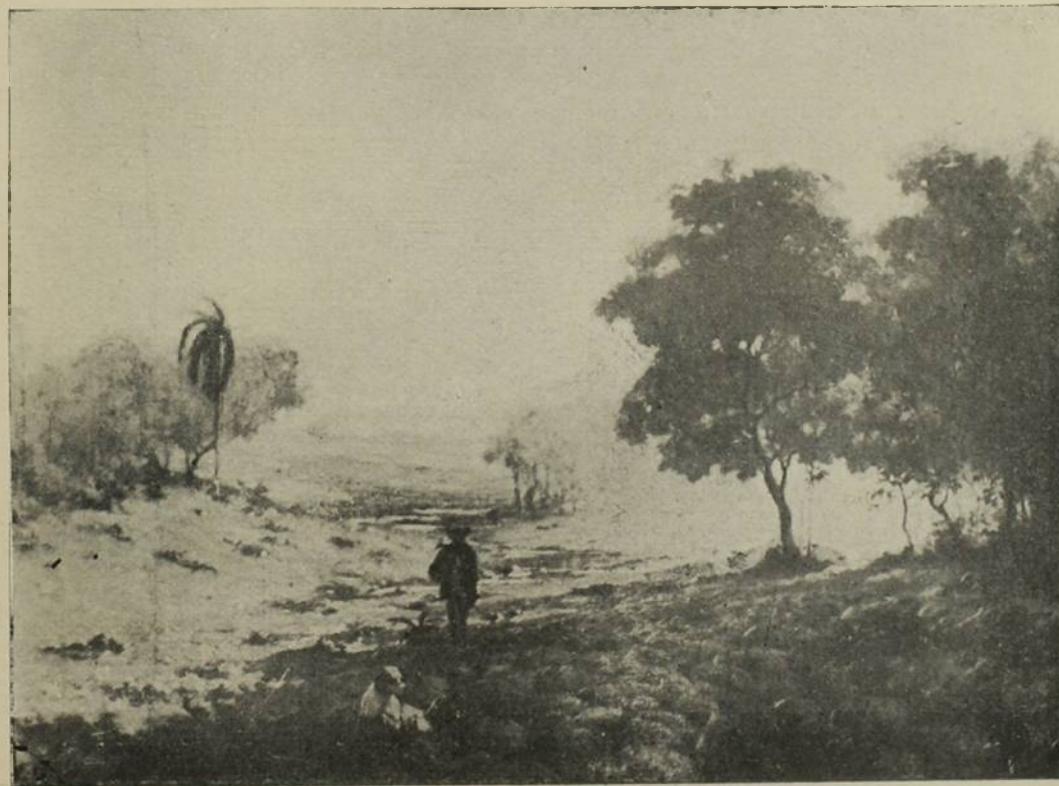
Rumo Paris.

(Continua)

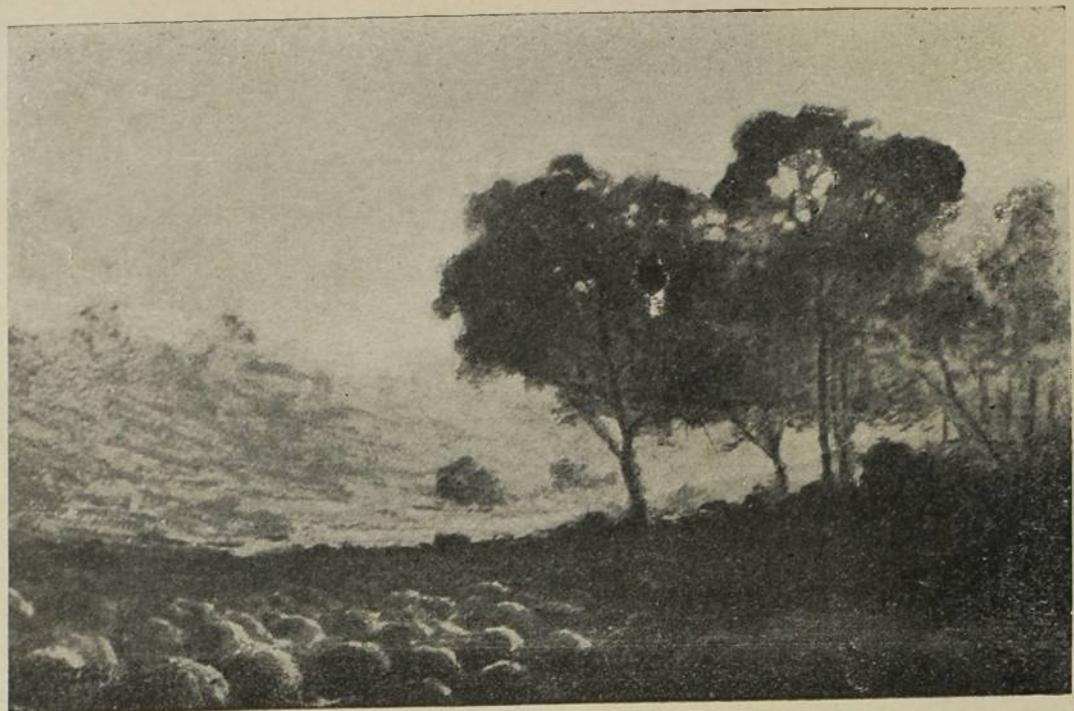
MARTIM FRANCISCO.



Macega orvalhada, Campos Ayres



Nos campos de Bauru', Campos Ayres



Um raio de Sol, Campos Ayres



Vargem da Penha, Campos Ayres



O CASO DO TOMBO

Não é meu este caso, mas d'um tio, juiz em comarca beira-mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, hemorrhoidas, pigarros e mais macacôas da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha e gosta de contar casos pandegos que descambam a meio em caretas rheumaticas muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridicos são o reino da propria Pacatez. Os annos alli fluem para o esquecimento no marasmo sereno dos ribeirões espriados, sem cascatas nem corredeiras encrespadoras do espelho das aguas — disturbio, facada ou escandalo passional.

O povo escasso e rarefeito como pennas em frango impubere, vive de apanhar tainhas e ameijoas. Feito o que, come-as. Feito o que, digere-as. Em seguida, "da capo" ás tainhas. E assim, annos e annos a fio até a derradeira conta do rosario da vida.

E' extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem té o berro final sem o tremelique d'uma emoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no cofre vazio dos acontecimentos, o vin-tém azinavrado d'um velho mariseador morto de pigarro senil ou o tostão d'uma pessoa grada, collector de rendas, fiscal, agente do correio. Em tempos deu "nota", um barão de Jimanta, ultimo varão conspicuo de que ficou memoria por ali.

Fóra disso nada mais bole com a sensibilidade em perpetua coma de excellente povo; nem dramas de amor, nem rixas eleitoraes, nem coisa nenhuma destoante dos mandamntos do Manual do Sereno Viver.

A tamarelagem das más linguasvê-se forçada, nos serões familiares, na venda do José Inchado, (club da ralé), ou na Botica do Caçao de Ouro (aqui o escól), a esgaravatar as casta-

nhas chochas do assumpto sovado ou frívolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm. A grande preocupação local é matar o tempo que em vez de dinheiro é uma maçada. Matam-n'os os homens pitando cigarrões de palha, e as mulheres gestando a prole enfermiga. E assim, os dias, os meses, os annos, feitos lesmas de Chronos, escorregam para o Nirvana sempre iguaes, deixando nas memórias um rastilho dubio breve extinto.

Nessa lagoa urbana rebentou um dia, com estardalhaço, a notícia de que ia funcionar o Jury. Rejubilou-se o povo. Vinte annos havia que realejo da justiça popular empoava n'um desvão do Forum, mudo á falta d'um capadocio que lhe mettesse no bojo o nickel dum modesto ferimento leve. Fizera-o, agora, o Chico Bahiano, ave d'arribação despejada ali por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a aria tremenda da Accusaçāo; o Zezeca Esteves, solicitador, recitaria a Douda de Albano disfarçada em Defesa. Sua Excellencia, o Meritissimo, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em casebre humilde, o pae explicava ao filho:

— Aquillo é que é, Manequinho! Voce vae ver uma estrume-la de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, n'um estrado deste porte; á mão direita fica o doutor promotor; a esquerda o Chico Escrivāo com uma maçaroca de papeis na frente. Em baixo, na sala, uma mesa comprida com jurados em roda. E a coisa garra num falatorio té noite alta: o Chico lê que lê, o promotor fala e refala; o Zezeca rebate e tal e tal. Uma lindeza!

No José Inchado:

— Lembra-se, compadre, daquelle jury, deve fazer vinte annos que “absorveu” o Pedro Intanha? Eh! jury macota! O Dr. Gusmão veiu de Pinda especialmente, e falou que nem um vigario. Era só: o nobre “orgo” do ministerio p'r'aqui, o “meriticio” dr. juiz p'r'alli. Sabia dizer as coisas, o ladrão. Tambem comeu milho grosso, p'ra mais de quinhentos, dizem. Mas valia! Isso lá valia!

Na Botica de Caçāo de Ouro:

— Não, não, voce está enganado, não foi desse geito, não! Ora, ora! Pois se eu servi de testemunha!... Não teime, homem de Deus!... Sabe como foi? Eu lheuento: O Pedro Intanha teve um bate-bocca com o major Vaz, perdeu a cabeça e lhe chamou “estupor”, bem ali defronte da Nha Vica; e vae o major e diz: “estupor é a avó”. Foi então o Pedro, e...

Só não gostou da notícia o tio juiz. Maçada! Um crimezinho que não pagava a pena.

E tinha razão. O delicto do mulato não valia uma casca d'os tra.

Chico Bahiano costumava todas as noites "soverter" um martelo da legitima no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não ia além. Certa vez, porém, errou a dose e em vez do martello costumeiro chamou para o papo dois e tres. O restilo era de primeira e lhe subiu logo ao caço. A principio Bahiano destabocou. Deu grandes punhadas no balcão, berrou que o Sul era uma jossa, que o Norte é que é, que bahiano é ali no duro, que quem fosse homem que pulasse para fóra etc. O botequim estava deserto, não havia quem lhe apanhasse a luva a não ser o Ventania, mas este accendeu o cigarro, trancou as portas na cara do bebedo e foi dormir.

Chico Bahiano, na rua, continuou a desafiar o mundo, que rachava, partia a cara, arrancava figados.

Infelizmente tambem a rua estava deserta e nem sequer a lua, a pino, lhe dava sombras com quem esgrimesse.

Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras, o *Joli*, cachorrinho de estimação da Sinharinha Moura, bichinho de collo, metade pellado, metado pelludo, e deu de ladrar feito um bobo, na frente do insolito perturbador do silencio.

O bahiano sorriu-se. Tinha contendor afinal.

— 'guenta lixo!! disse, e, cambeteando, descreveu umas letras de capoeiragem, cujo remate foi um valente ponta pé no tótó. *Joli*, projectado a cinco metros de distancia, rompeu num ganir de cortar a alma, e o offensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourada despertou de sobresalto, e á porta surgiu o rotundo Maneco Moura, intendente da Camara, de camisola, carapuça de dormir e uma vela na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava nada desta vida a não ser o clarão da luz.

— Que é lá isso ahí? berrou para a rua.

— E' pimenta malagueta! roncou o mulato já a prumo; e enquanto o Moura, esfregando os olhos, perguntava a si proprio se não era pesadelo aquillo, o facinora desenha no ar um rabo d'arraia, do qual resulta desmoronar o vereador fragorosamente na calçada, mais a vela e a carapuça, esborrachandose-lhe o nariz.

Era esse o facto sobre cuja talagarça ia a Justiça bordar as scenas serio-comicas do *intermezzo* inglez que traduzimos em calão.

Fale o tio: foi urna sécca sem nome o tal jury. O promotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte annos de chôcho, atuchou no auditorio cinco horas massigas de uma rhetorica do tempo da onça, que foram cinco horas de pipigarros e caroços de encher balaios. Principiou historiando o direito criminal desde o Pithecanthropo Erecto, com estações em

Lycurgo, Vedas, Moysés, e Zend-Avesta. Analysou todas as theorias philosophicas que vêm de Confucio a Farias Brito; anniquilou Lombroso e mais as "lerias" de Garofalo (que dizia Garofálo); provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e os deterministas uns cavallos inimigos da religião de nossos paes; arrazou Comte, Spencer e Haeckel, como os representantes do Anti-Christo na terra.

Contou depois a sua vida, a sua nobre ascendencia entroncada na alta prosapia d'uns Esteves do Rio Cávado, em Portugal, bem brazonados; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguai e o não menos heroico ferimento de um primo, hoje escripturario do Ministerio da Guerra, que teve offendida, por bayoneta, em Cerro-Corá, a "face lateral do lobo da orelha sinistra."

Provou, em seguida, a immaculabilidade da sua vida; releu o cabegalho da accusação feita no julgamento-Intanha; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores; leu paginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação christã; adduziu todos os argumentos do Doutor Subtil a respeito da Santa Trindade; e concluiu, finalmente, pedindo a condenação daquella fera humana que "cynicamente me olha como a um palacio" a "galés perpetuas por 30 annos", mais a multa da lei.

Aqui o tio parou acabrunhado. Correu a mão pallida pela testa suada. Negrejaram-se-lhes as olheiras. Depois continuou: — Sinto um cansaço d'alma ao recordar esse dia... Como é fertil em recureos a imbecilidade humana! Houve replica. Houve treplica. O Zezeca bateu o promotor em asnice. Engalfinharam-se, cada qual disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta.

A noite já ia alta. Os candieiros de petroleo, de vidros fumados, modorravam, com preguiça de emitir luz. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás escuras. O destacamento policial (duas praças e o cabo) cabeceava dormindo em pé. Correm tres horas de somnolenta espectação, ao fim das quaes, se abre, enfim, a sala secreta e saem os jurados com o papelorio. Entregam-n'o. Corro os olhos e esfrio! Tudo errado! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fizeram elles dos quesitos. Tornava-se mister voltarem ao curral do conselho.

Expliquei-lhe novamente, com infinita pacienza, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam?

— Entendemos, sim, senhor, respondeu o presidente, mas

por via das duvidas era bom que o doutor mandasse cá dentro o João Carapina, a nos ajudar.

Abri a minha maior bocca, e olhei assombrado para o escrivão: e esta, amigo Chico?

O escrivão advertiu-me de que era sempre assim; em não sahindo sorteado o João Carapina, não havia meio de vir serviço decente da sala secreta. E citou varios antecedentes comprobatorios.

Não me contive, berrei, chamei-lhes azemolas, asnos de Minerva, onagros de Themis, e filos trancafiar de novo na saleta.

— Ou a coisa vem conforme ao formulario ou voçes, cambada, ficam ahi a vida inteira.

Decorreu mais outra hora, e nada. Nenhum rumor promissorio na sala secreta. Perdi a esperança e acabei perdendo a paciencia. Chamei o official de justiça e disse-lhe: — Vá-me desentocar esse Carapina, e ponha-o cá debaixo de vara, dormindo ou accordado. Depressa!

O official muscou-se lepido, e meia hora depois volta com o carpinteiro dos nós gordios, a bocejar estremunhado, de chinellas e cobertor vermelho no pescoço.

— Sr. João, metta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgaduras. Com seiscentos milhões de reus, é preciso acabar com isto!

O carpinteiro foi introduzido na sala. Mas não demorou dois minutos — toc, toc, toc, bateu. O official de justiça abre. Surge-me o Carapina com cara idiota.

— Que ha? perguntei escamado.

O homem cogou o pescoço.

— O que que ha, senhor doutor, é que não ha ninguem na sala, os jurados fugiram pela janella!...

— !!!

— E deixaram em cima da mesa este bilhetinho para V. Exa.

Li-o. “Sr. Doutor Juiz nos desculpe, mas nós condenamos o bicho no gráo maximo.” (Maximo foi palavra que decifrei pelo sentido: estava escripto maquecimo”).

Levantei-me possesso.

— Está suspensa a sessão. Sr. commandante recolha o reu á... Que é do reu?

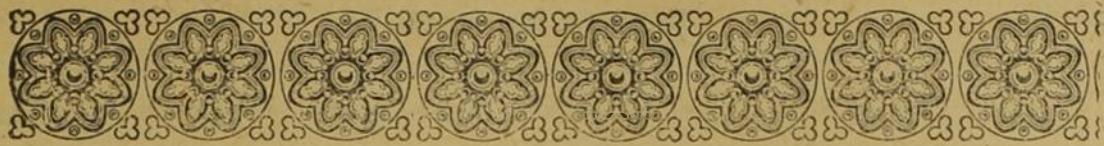
Firmei a vista: não vi sombra do reu no banquinho. O commandante, que estava a dormir, despertou sobresaltado, esfregando o olho.

— Sr. commandante, que é do reu?

Elle (coitado) e as praças mal accordadas, deram busca em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, em baixo das escarradeiras. Ao cabo o commandante perfilou-se. e:

— Saberá V. Exa. que o safado escafedeu.
O relogio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!...
Perdi a compostura, e explodi.
— Sabem que mais? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o palavrão maior da lingua portugueza.
E, desabafado, fui dormir.

MONTEIRO LOBATO



UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE⁽¹⁾

II

Vimos, em o numero p. passado, qual é a philosophia do illustre poeta patrício.

Resta-me, hoje, estudar-lhe os effeitos no campo literario.

A revolução esthetica que tal directriz philosophica inicia no mundo das artes, revela-se mais claramente na sua expressão.

Esta é, verdadeiramente, um salto á frente de um dogma de arte que está no pleno vigor e no effectivo exercicio de suas funcções.

A arte tem sido até agora considerada como a immobilização de um momento da Belleza que passa. Nós todos dissemos — eu também já o disse — : Devemos surprehender os flagrantes da Natureza para os immobilizar em canones de Belleza Eterna.

Exagerando o phenomeno, como fazem todos os humoristas, a gente poderia comparar a arte a uma syncope da natureza.

Mas a vida é, ao contrario, o movimento constante, irreductivel, eterno. E' o vai-vem, o fluxo e o refluxo, o nascer e a morte, o renascimento e a destruição.

E a arte, que disse sempre almejar a reproduzil-o, nunca fez mais que o inexpressivo papel de lanterna magica.

O nosso vate, ensaia, pois, o tentamen, por demais arrojado de, refundindo os valores estheticos, encaminhar-nos á realização desse desejo.

Uma figura definirá mais claramente a tentativa que dez dissertações. (E isto está de acordo com o meu plano, pois eu prometti baixar as "cravelhas".)

(1) Vide o numero de Janeiro

Nuvens pelo ceu, que no glorioso começar do crepusculo recebem a luz do sol morredouro, incendeiam luminosamente o poente numa fulguração que vai desde o ouro-jalde ao de metal aquecido a branco.

Diante dessa escala de cambiantes moveis, irrequietas, que se transformam sem cessar, o encanto nos prende e boia, á luz de nosso olhar extatico, preso do sonho, uma profunda e doce magua, como que a expressão de um desejo que se não realizará...

Vem-nos á alma uma vontade de conseguir o impossivel, de alcançar o inattingivel ; exsurge de dentro de nós a sede do irreal, da chimera, do impressionante e vago : prender pelas palavras ou pelo pincel esses momentos que se eternizam na mente do homem.

E nós fizemo-nos, então, os "immobilizadores dos momentos da Belleza que passa."

Amadeu Amaral surge agora com uma comprehensão mais larga e uma visada mais profunda a respeito desse mesmo phenomeno.

Para a sua expressão esthetica, a belleza das nuvens, morrendo gloriosamente aureoladas ao Sol-pôr, não está no flagrante.

Está na consciencia mesma de que esse momento é ephemero, e a graça que lhe descobrimos vem dos rapidos, nuancados, imprevistos e mais do que isso fataes transformações por que atravessam, desde o ouro-jalde ao cinzento inexpressivo.

A belleza da scena não está na photographia, mais ou menos bem acabada, de um momento dado, mas no encadeamento dos phenomenos que a criam e ao mesmo tempo a destroem.

Escolho, propositadamente, o seu soneto **Nuvens** para o certificar:

"Sobre a lamina azul de um ceu todo bonança
passa uma nuvem clara em curvas franjas de onda,
— vaga que adormeceu num mar que não estronda,
nas mudas convulsões de uma dormenta mansa..."

Bruma, sonho da terra, ergue-se; e enquanto avança,
busca a forma fugaz, que se esboça e esbarronda;
aqui se esgarça, ali descai, além, redonda,
boia ao sol que a redoira e ao vento que a embalança.

Sonhos, bruma secreta, entre anseios e dores,
sobem-nos da alma assim, livres, espaço em fora,
na lenta indecisão dos informes vapores..."

Possam os meus pairar na luz por um momento.
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido — embora
succeda a cada esboço um desmoronamento!"

Em toda a obra essa idéa é dominante. Ouvi a queixa da rosa
nessa inegualavel joia que é **A Estatua e a Rosa**:

"O meu viço é agonia. Um fado bem diverso
te assegura uma vida esplendida e tranquilla.
O sol, meu pai e algoz, juntou, meigo e perverso,
ao rigor que me exalta o mal que me anniquila.

E a Estatua respondeu :

— Rosa, invejo-te a sorte,
A gloria de durar é uma longa miseria.
Que ironia viver, engolfada na morte,
a vida vã da forma e o sonno da materia !"

Idéa aliás que elle magistralmente exprimiu no ultimo tercetto do Vencedor :

"A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te, numa investida triumphal ; depois, reciou desfeita...
Como ha de a onda parar, para que brilhe a espuma ?"

O que ha de profundo nessa concepção resalta ao mais ligeiro exame.

Applicada á vida, ella transparece filha de uma philosophia de olympica serenidade e de uma indulgencia superior e risonha, incapaz de lamuriar e de deblaterar.

E', aliás, por isso mesmo que tem sido malsinada.

E' natural. Inédita, desconhecida, imprevista mesmo, os homens querem avizinhala de alguma cousa que elles já acotovellaram pela existencia afora.

Ella se presta a tanta interpretação !

Câbe, nella, por exemplo, a "theoria da renuncia". Não n'a prega A. Amaral no IV dos seus sonetos **A um adolescente** :

"e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
impelle-a para além á proporção que avanças."

ou no V:

"nada vale morrer pairando sobre o abysmo
e a graça de morrer antes que morra o sonho ?"

E, no entanto, esses pensamentos que parecem afirmar clamorosamente que o Ideal não deve ser attingido, nada mais são que o desenvolvimento de um aforismo de Nietzsche, que não foi bem entendido :

"Quem atinge o proprio ideal, porisso mesmo o ultrapassa".

E para quem prega, como Nietzsche e como A. Amaral, antes que tudo a experiencia e o tragico vivido e sentido, a escola da dôr co-

mo escola do homem, que pode haver de verdadeiramente tragico e humano na renuncia do proprio ideal ?

Mas não basta. Alcunharam-n'a de symbolismo.

Tocamos neste ponto o nó gordio de toda a revolução esthetica de Amadeu Amaral.

Elle exige que a belleza se fixe no movimento constante, no goso transitorio de toda obra universal, que nos mesmos elementos de que se forma põe o veneno que a extermina.

A' luz desse pensar, a obra de arte nada mais vale desde que esteja finda, como elle proprio o diz em **A Estatua e a Rosa**:

"Eu provenho de um sonho, e essa flôr de poesia
só dentro da alma brota, e fenece onde medra.
Em nascendo, tornei-me a carcassa vasia
da illusão que intentou eternizal-o em pedra.

O sonho é um torvelim sem medida e sem norma ;
é um latejar de vida, onda fervente e amarga.
A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá forma,
é a vasa densa e vil que a onda, refluindo, larga...

O sonho de belleza, esse estado de graça,
não se fixa jamais ; move-se como a vida.
A obra surge, e resplende. Elle prosegue e passa.
E a obra viva e perfeita é a que não foi concluida..."

Decalque é tudo, seja o papel carbono ou a chapa sensibilizada pela prata ou seja o marmore que se amolda á vontade de um creador.

Nem isso é tudo. Sente-se no Açude que elle leva esse pensar até á questão da gloria e fama, á vaidade humana de autoria artistica:

"o açude
lá está, triste e apagado, e para a gente rude
é como a arvore bôa á beira de uma estrada:
pouco importa saber por que mão foi plantada..."

Nada suggere mais profundamente a idéa da inutilidade da literatura e em especial do que ha de frívolo na extremada vaidade artistica dos autores.

Eu penso que aos literatos, nestes séculos por vir, talvez, lhes aconteça reproduzir o caso dos polypos.

Estes juntam-se e formam uma colonia. A' medida que o tempo passa, os polypos de baixo morrem, e se transformam em pedra, enquanto vivem os de cima.

O trabalho vale assim pelo facto de o haverem conseguido e não pelo nome do autor.

Em literatura isso já está, em parte acontecendo: Os philosophos de pensamentos destacados são modernos. Presuppõem nos leitores um grande conhecimento das theorias anteriores, sabedores do que foi dito e pensado.

Só assim podem ser comprehendidos.

Ora, o que ficou assente vale por si mesmo, não pelo nome de quem o disse.

Veremos, assim, acabar a mania das citações... Será essa, nestes cem annos, talvez, uma tarefa de bibliomanos.

Ao lado porém dessa idéa da inutilidade fica parallelamente, e de igual força, a da necessidade.

Decalque é tudo, menos a vontade. Essa é incohercível.

E então, indagará o leitor, como pôde conseguir expressão a arte de Amaeu Amaro, se além do mais, esbarra ainda na incapacidade de todas as línguas em imitar a natureza?

Essa esthetica para dar a sensação nitida e profunda do movimento perenne que anima a vida, deveria ser irregular, nervosa, violenta, desordenada incoherente, como elle.

E ella o não pôde ser, porque isso a faria confusa.

Resta-lhe, porém, o recurso da evocação e da suggestão e ella se torna symbolica.

Symbolica, não symbolista, isto é, não ao gosto e geito do "symbolismo", mas ao criterio da maxima de Nietzsche (sempre elle!): "Tout ce qui est profond aime le masque".

Eu já disse uma vez que esse modo de encarar as cousas "deusos, ao mesmo tempo, o symbolismo modernizado e as grandes obras da literatura actual.

E' que uns, os grandes, tiveram serenidade bastante para olhar a derrocada dos preconceitos, achando que a vida assim valia mais. O fluxo e o refluxo natural das cousas, a mudança perpetua, a inconsistencia, o redemoinho, a incoherencia enfim da propria vida dava-lhe encanto e razão de ser. Sabio seria quem a comprehendesse nesse vai-vem e sorrisse com o sorriso estranho, que realiza o impossivel de ser um mixto de compaixão e desdem, entendendo que se não é um verdadeiro artista, si se não fôr um temperamento sentimental e emotivo, incapaz de viver, sem comprehendêr a grandeza da existencia sem as rajadas do tragico.

Os outros, os que padecem da febre de creadores de sonhos em grau reduzido, quizeram immobilizar a vida pelos symbolos. Affligiram-se... "e crearam a moda dessa afflictão".

Os simples confundiram A. Amaral com os ultimos e declararam-n'o symbolista.

Os simples só, não digo bem. Os invejosos tambem.

* * *

Essa theoria tão clara, tão bella, tão simples não a querem entender uns, não n'a sabem aquilatar outros.

Chamam-n'o frio, que alinhava as emoções como um geometra.

E' que a Arte da poeta não é nem só exaltação nem só raciocinio. E' mais que isso: uma doce sensibilidade de sceptico, uma suave ternura de experiente, uma alegria de homem que sentiu demasia-do a grandeza da dôr e que por isso não se deixa levar pelo arroubo e entusiasmo das proprias emoções, mas ama coal-as atravez de um exame introspectivo para exprimil-as não só com alma e arte mas tambem com consciencia de que representam verdades obje-tivas.

A frieza é apparente e é o mais bello apanagio do seu esforço. Sentirá a grandeza do que pensa e canta quem o souber ler.

Ouço, aqui, uma voz aparteando:

— Um autor assim se torna impopular !

Realmente, é esse o maior elogio da mediocridade. Meu Deus ! Devo eu voltar a bater esse doloroso refrão do analphabetismo no Brasil ?

Não, falemos de outra sorte.

Impopular ! Goethe, que é considerado o maior genio poetico do seculo passado, foi e é um autor impopular, como todos os que se alçam demais.

E' um contraste elucidativo: o que é popular é sempre inferior como producção e isso está na logica das cousas. E' impossivel que um homem culto, por mais claro e conciso e luminoso que possa e queira ser, consiga transmittir aos "outros" os matizes de suas idéas. Ha a diferença da cultura, sem contar a diferença dos cerebros.

Como, por exemplo, conseguiria Amadeu Amaral mostrar que do parallelismo entre a inutilidade e a fatalidade da vida brotou para elle uma philosophia serena, quando a todos revolta e faz lamuriar ?

Como faria entender aos outros que a obrigação do homem está em ser homem, quando todos os outros aspiram a ser "deuses", "bons", "superiores" ?

A questão da popularidade de um escriptor prende-se a um fa-tor que nenhum parentesco, nem proximo nem remoto, tem com a arte e si nella insistem os criticos, batendo-se em pród das obras

"au gout populacier" é porque sabem ser grande a vaidade humana... e tambem porque conhecem as proprias inclinações.

E quando esbarram em alguem que não faz da popularidade essa questão fechada, que é o pesadelo dos outros...

A. Amaral tem razão. Desde que o querem obrigar na escolha, antes na companhia de Goethe do que no meio de uma ovação de praça publica.

Dil-o no Açude :

"Sabias que a ovação da cidade e do povo
premiava em teu labor — não o bom mas o novo,
(pois de agora não é que o vulga insciente e pulha
só se abre com rumor ao que chega com bulha".

* * *

A expressão esthetica de Amadeu Amaral tem para mim o inegualavel merito de se pôr de encontro á absorvente mania do martellado "rythmo ideologico" a que nos querem acorrentar os fazedores de verso do mundo inteiro.

O rythmo está modernamente elevado á função de um pendulo da arte.

Parece inspirado na pedagogia, que, como se sabe, virou sciencia tambem.

Não ha Pedagogia sem Psychologia, como não ha Psychologia sem Biologia. Logo... pedagogia é sciencia.

Os homens podem ser disciplinados nas suas manifestações sociaes.

Conclusão evidentissima: os homens podem fazer "arte parecida" executando em arte movimentos rythmicos. Não é o rythmo a beleza toda !

O rythmo, sim. O rythmo a compasso, não. Graças a Deus que chega um a tempo para o provar.

Ninguem pôde, verdadeiramente, aquillatar a enorme emoção, mixto de surpresa e encanto, que eu tive, ha bem annos, quando encontrei em **La cena delle Beffe**, de sem Benelli, trechos como estes :

"Si, perché
un'altra donna ho tolto per amarla
assai piú bella e piu' lusingatrice...
Si chiama essa Vendetta. Io la saprei
dipingere cotando l'ho sognata
e posseduta in sogno: la farei
tutta gaia, beffarda e sghignazzante
e in pieno riso mostrerebbe i denti
canini e gli occhi lampeggiant verdi:
la toga elegantissima scomposta
da una parte in un gesto di follia

le cicatrici rosse mostrerebbe
sopra la carne sua martoriata...
E la triste danzante ci direbbe:
chi ama me, tutte le donne ama;
chi ama me, tutte le gioie tocca;
tutte le grazie esprimo io di me stessa.
Ma, per avermi, ridi, ridi, ridi;
se no, non puoi toccarmi, ch'io ti pungo,
se no, non puoi guardarmi, ch'io t'abbacino;
perché il mio riso non conosce pianto;
se vuoi pigliarmi, ridi, ridi, ridi!...

O que ha de novo nesses versos é uma reforma na comprehensão do rythmo.

Com ella conseguiu o notabilissimo artista italiano transformar o decasyllabo, duro, emperrado, adoptado para as longas e massantes dissertações epicas num verso souple, agil corrente, destrançando, plastizando-o até tornal-o ductil e malleavel quasi como um alexandrino.

Os versos citados, lidos em voz baixa, parecem uma prosa burilada. Mas como são dramaticos, e portanto feitos para os recitar, lidos em voz alta, o rythmo poeticus apparece, um rythmo novo, desconhecido, profundo, de uma harmonia ineffavel cheia de estranhos effeitos, que se desdobra e amplia embaladoramente como numa successão de accordes.

E afinal de contas a reforma de Benelli não passa de uma inovação technica.

Imagine-se, pois, o valor da reforma de Amadeu Amaral, cuja novidade é de ordem ideologica.

Que quer elle? A liberdade de comprehendender os rythmos da vida sem compasso.

O encanto irresistivel do mar donde lhe vem?

Vem do seu inconstante movimento, que de ser inconstante não lhe diminue a constancia do phenomeno, nem a barbara e rythmica belleza e, muito menos, a poderosa força suggestiva e suggestionadora.

Só isso. Amadeu Amaral quer a arte seja mobil e inconstante como a onda, bella e forte, como a onda, encantadora e inutil como a onda.

* * *

E' difficil, sinão mesmo impossivel, determinar os factores que preponderaram no espirito do poeta para a realização de sua reforma.

Onde buscarias elle o material que lhe revelasse a concepção do "movimento perenne" da vida transportado á arte?

Em Nietzsche, é a resposta facil e prompta que acertadamente deu esse brilhante espirito que é J. A. Nogueira.

De acordo, a philosophia do grande pensador entra por muito na idealização dessa nova expressão artistica.

O homem, porém, vive mais adstricto ao poder forte das imagens que á logica subtil das abstracções.

Em se tratando de imaginação creadora muito mais pôde uma imagem que uma lei scientifica ou um aphorismo philosophico. E a prova ficou no que atraç deixei dito sobre os poetas.

Penso eu dahi que Nietzsche sósinho não levantaria esse portentoso edificio que é a arte de Amadeu Amaral, mesmo porque os systemas philosophicos, em regra, não criam artistas. Muito mais facilmente engendram sectarios e declamadores.

Nesse caso é mais logico suppôr que foi a vida a inspiradora do vate.

Não a vida em si mesma, mas sim por meio de um apparelho que a resume hoje: o cinematographo.

A literatura, em muitas das suas melhores epochas, se deixou sempre influenciar por uma arte convizinha, imitando-as nas suas regras geraes.

E' uma observação facil verificar que o Realismo é todo elle inspirado na pintura. Alguns autores mesmo foram até á photographia.

Entre o "impressionismo" literario e o pittorico a technica é a mesma.

O atticismo grego prende-se em linha recta á estatuaria, á preocupação da harmonia plastica das linhas corporaes, á sobriedade severa della immanente para haver arte veridica e sincera.

A Renascença é filha da Architectonica, em especial da architec-tura hellenica.

A construcção enorme — a epopéa, com Dante, Tasso, Camões, mesmo na satyra com Ariosto e Cervantes — dividida em cantos, observando regras absolutas como nas ordens e sem que isso peasse a forma e a invenção.

A musica offerece-nos, modernamente, o caso dos mysticos e symbolistas, luctando para reduzir as palavras á força de simples notações musicas e querendo emocionar pelo que ha de som nos vocabulos.

Que haveria demais, assim, que fosse o cinema uma das pedras de toque reveladoras do que ia no subconsciente do poeta?

Parece-me foi elle que representou para Amadeu Amaral o papel que a „camara clara” representa para os pintores paisagistas.

Animatographo já o chamaram com justeza. Elle mostra-nos, na tela, vivendo a vida verdadeira do mundo. Focaliza a nossa atenção para determinados pontos, sem lhes immobilizar o flagrante.

De todos os elogios que fizeram ao moderno invento nenhum é maior que esse: ensinar a vida tão completamente, como si vivessemos quarenta annos numa hora.

Foi indubitavelmente elle que revelou ao poeta que a arte não tem passado, em relação á Natureza, de uma mera e simples lanterna magica.

E naturalmente lhe suggeriu essa idéa de a levar até á relação do animatographo da vida, pois só elle seria capaz de ensinar que: "a ambição de prolongar o prazer atormenta-o, estraga-o, converte-o numa ancia dolorosa. Os mais intensos, e melhores, são os mais breves. Os mais altos, os supremos, como os do amor, são aquelles que se gosam na absoluta certeza de que passam, de que estão passando, irremediavelmente, fatalmente, como relampagos de felicidade..." (1)

* * *

Ahi está, escarvoada em quatro traços principaes, a innovação estheticá com que nos presenteou Amadeu Amaral ao publicar as Espumas.

Será essa arte definitiva? Não, de certo. Em quanto houver angústia humana, a arte assumirá sempre outros aspectos.

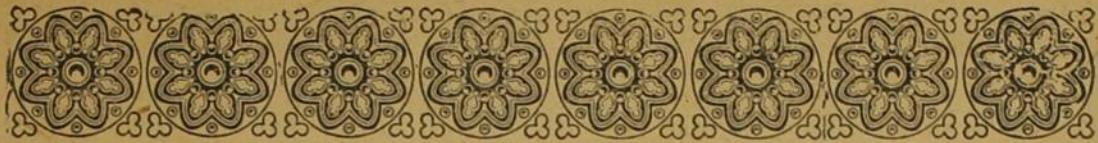
Será ella nova? E' duvidoso. A tara organica da humanidade foi sempre, mais que as doenças, a mediocridade. Não se pôde saber, verdadeiramente, quanta gente desconhecida e incomprehendida passou pelo mundo.

Nem nova nem definitiva. Em todo caso moderna e com o consolo supremo de que não ha de fazer escola.

Sabem porque? Porque inimitável. Demanda elementos raros em prozadores e rarissimos em poetas: idéas e visão profunda.

SUD MENNUCCI.

(1) — Amadeu Amaral — "Vida Moderna", n. 284.



UM TRABALHO INEDITO

DE ORVILLE A. DERBY

Meu caro Capistrano:

Esta nota precisa ser revista, mas isto só posso fazer depois de aberto o instituto ou a Bibliotheca.

Eu preferia que o amigo a usasse com certa parcimonia, no seu trabalho para não mais antecipar de mais um trabalho neste genero, que talvez faça algum dia para o Instituto, mas deixo isto á sua discreção.

DERBY.

Os mappas que ainda se acham conservados do periodo dos descobrimentos da costa do Brasil, têm sido estudados por ORVILLE A. BERBY, que assim resume as suas conclusões a respeito, as quaes, pela maior parte, têm sido encorporadas em memorias publicadas na Revista do Instituto Historico de S. Paulo (vol...) e no volume commemorativo do tricentenario do Ceará.

O primeiro monumento cartographicó da descoberta da America, que possuimos, é o mappa de Juan de la Cosa, feccionado em 1500. A parte sul-americana consiste em um trecho presumivelmente originario do proprio autor, que fazia parte da expedição de Hojeda, de 1499, e que representa a actual costa da Venezuela e Guyana, até um ponto intermedio entre a fóz do Essequibo e o Amazonas, onde emenda com` um trecho derivado da expedição de Vicente Pinzon ou

de..... Lepe, cujo pessoal se encontrou com o de Hojeda, em Santo Domingos. Do ponto de aterramento destas expedições, tanto ao oeste do Cabo São Roque, o mappa é fantástico, bem que represente, com certa fidelidade, (presumivelmente por um puro acaso), a grande saliência do continente da região dos Cabos São Roque e Santo Agostinho. A figura tosca e mal collocada de uma "Ilha descoberta por Portugal", é evidentemente uma tentativa de representar graphicamente a descoberta, por Cabral, da costa ao sul do Cabo Santo Agostinho, da qual o autor evidentemente tinha recebido uma notícia vaga, antes de concluir o seu trabalho.

O segundo mappa, cuja data pode ser definitivamente fixada em... de de 1502, é o do italiano Cantino, residente em Lisboa e apparentemente confeccionado, em parte, por informações colhidas entre navegantes, naquelle porto, supplementares ás derivadas dos mappas que o autor pôde obter. A parte que interessa ao Brasil é a costa do Cabo São Roque, até um ponto que não pode ser bem determinado, mas que apparentemente está além do estuario do Prata. Este trecho acompanha, com bastante approximação, os resultados da expedição portugueza de 1501, enviada para continuar a descoberta de Cabral, do anno anterior.

A representação mais minuciosa e exacta dos resultados desta expedição acha-se nos dois mappas conhecidos por nome de "Kunstmann n.^o II e n.^o III, que presumivelmente datam do anno de 1503, sendo desenhados independentemente por dois membros da expedição, dos quaes um era italiano, e talvez o celebre Americo Vespucci. Ambos terminaram em Cananea, creando assim forte presumpção de ser fantastica a representação, além daquelle ponto, do mappa de Cantino, bem como a narrativa de Vespucci, da sua viagem no mar do extremo sul.

O mappa de Macollo de 151... dá a primeira representação que tem sido conservada dos resultados da expedição de Solis em 15..., que acrescentou aos mappas existentes o trecho da costa que vae de Cananea até o estuario do Prata, o qual foi emendado e continuado até o estreito de Magalhães, pela expedição, em 15... do navegador deste nome, cujos re-

sultados vêm figurados pela primeira vez, entre os mappas conservados e conhecidos, no mappa conhecido pelo nome de "Lurin" e attribuido ao anno de 1523.

Estes dois ultimos mappas, bem como o de Freducci, de 151..., contêm detalhes e nomes no trecho ao norte do Cabo São Roque, que indicam diversas fontes de informações, das quaes a historia escripta não tem conservado noticia, salvo no caso da carta de Estivão Froes, escripta de Santo Domingos a.... de de 1514 (?). Entre estes nomes, o de "Cabo Corso" (do mappa de), parece commemorar um dos companheiros de Froes e o de "Maralion" (no mappa de)

() é certamente o primeiro apparecimento na cartographia do nome "Maranhão, que foi applicado pelos Hespanhóes ao mar Doce de Pinzon e o rio das Amazonas de Orellana. Esta confusão nos mappas hespanhóes teve consequencias que se estenderam até nossos dias, na quasi interminavel controversia entre Brasil e França, relativa ao territorio de Amapá.

Um notavel melhoramento na representação da costa do Brasil, desde o Amazonas até o Prata, vem no mappa de Gaspar Viegas, de 1534, que se pode considerar como mappa oficial (não se sabe se original ou copia) de um novo levantamento de toda a costa feito pela expedição de Martin Affonso de Souza, em 153..., que assim teve um caracter scientifico que não tem sido reconhecido pelos historiadores, sendo apenas revelado por este admiravel trabalho cartographico, que mereceu a admiração de auctoridades tão competentes como sejam Ferdinando Denis e o almirante Monchez. O trecho ao norte de Pernambuco até á fóz meridional do Amazonas, no qual é mais apreciavel o melhoramento que este mappa apresenta sobre os seus antecessores, foi evidentemente levantado por algum hydrographo habil (Gaspar Viegas?), que fez parte do pessoal de Diogo Leite, mandado ao norte por Martin Affonso de Souza, comparado com os trabalhos quasi contemporaneos (1526-1530) da expedição hespanhola, para a exploração do rio da Prata, que vêm representados nos mappas de Sebastião Cabolto e Alonzo da Santa Cruz, ambos os quaes depois ocuparam o cargo de hydrographo real da Hespanha; o do

hydrographo portuguez anonymo mostra superioridade bem frizante.

Para salientar esta superioridade, basta comparar a configuração relativamente exacta, dada pelo cartographo portuguez á bacia hydrographica do golpho de Maranhão, com a figura grotesca dada á bacia do Prata pelos seus collegas hespanhóes, que aliás gastaram ahi, mais annos (4) do que, provavelmente, se demorou semanas o cartographo anonymo portuguez, no campo dos seus trabalhos. Esta circunstancia faz acreditar, que nas visinhanças do Maranhão foi encontrado algum europeu (naufrago ou desterrado) domiciliado entre os indios e já familiarisado com as feições e nomenclaturas geographicas da região. Confirmiam esta hypothese o agrupamento de nomes indigenas (alguns conservados até' hoje) em redor deste ponto, e a referencia a um "Pero Gallego" na carta de Estivão Froes.

Este mappa de Gaspar Viegas, ou o original, de onde foi tirado, serviu por muitos annos, cerca de um seculo, de prototypo para a representação deste trecho da costa; até que foi substituido pelos trabalhos mais minuciosos, e em escala maior, do portuguez João Teixeira e dos hydrographos hollandezes, que se ocuparam com serviços cartographicos no tempo de Mauricio de Nassau.

A expedição de Diogo Leite, e o mappa que della resultou, deram para a cartographia um trecho extenso, do golpho de Maranhão á foz do Rio São João (Pará), que nos mappas então correntes, quasi exclusivamente de origem hespanhola, era não existente, por ser a quebrada da costa, que depois (1542?) se verificou ser a fóz do Amazonas, identificada como o golpho de Maranhão. Os cartographos hespanhóes, cujos trabalhos foram depois largamente copiados e divulgados pela imprensa, pelos hollandezes, fizeram esta interpolação de modo muito desastrado, que pouco persistiu na cartographia, mas que se prestava admiravelmente á chicana politica e diplomática na questão secular dos limites entre as Guyanas brasileira e franceza, que só terminou ultimamente, graças ao trabalho monumental do representante brasileiro, o Barão do Rio Branco.

Com a contribuição fornecida pela expedição de Diogo Leite, toda a linha da costa do Brasil ficou muito regularmente delineada, e os mappas subsequentes ao de 1534 nenhuma novidade trazem na região litoreana, e apenas um aumento sempre crescente de detalhes de configuração e nomenclatura. Nelles, o ponto de interesse passa a ser as tentativas de representar o grande interior do Continente. O primeiro mappa, em que esta representação não esteja inteiramente fantastica, é o de Diogo Ribeiro, de 1529, em que figura, em esboço tosco, a bacia do Prata trazido por pessoal da expedição de 1526, sob o commando de Sebastião Cabolto e presumivelmente feito pelo hydrographo Alonzo da Santa Cruz, que acompanhou aquella expedição. Logo em seguida, no mappa de Gaspar Viegas, de 1534, vem a já referida figuração da bacia hydrographica do golpho de Maranhão; verdadeiramente o interesse dos cartographos, em representar o interior, foi despertado pela viagem de Orellana, através do Continente, pelo valle do Amazonas, que se tornou conhecido na Europa em 1543 (?). Para representar as surprehendentes revelações deste arrojado feito, os cartographos interpolaram uma enorme figura de serpente, nos seus mappas já feitos (Desbiens 154...), ou deram livre vôo á sua imaginação, na confecção de mappas novos. Apparecem dois typos de mappas que por muitos annos dominaram a cartographia, que justamente nesta época tomou um enorme impulso devido ao empredimento (em parte tambem ás rivalidades) dos impressores e editores hollandezes. O typo hespanhol, do qual o primeiro exemplar (ou pelo menos o primeiro conservado), é o mappa de Gutierrez, de 154..., é caracterizado pela duplicação do rio descoberto e navegado por Orellana, o qual, regularmente representado, é acompanhado, ao sul, por um irmão gêmeo, conduzindo as aguas do Lago Titicaca através do Continente ao golpho de Maranhão, e assim resolvendo, com uma pennada, os magnos problemas apresentados pela bacia fechada andina, e pela confusão introduzida pelos primeiros cartographos, no emprego do nome Maranhão. O typo portuguez, cujo primeiro exemplar conhecido é o mappa de Bartholomeu Velho, de 1662 (?), é caracterizado por grandes lagos

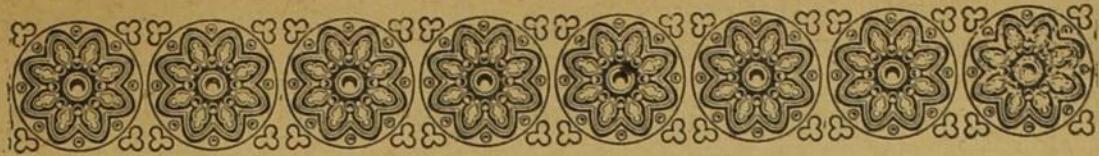
e rios entrelaçados, pelos quaes as grandes bacias hydrographicas do Amazonas, Paraguay, Paraná e São Frncisco se communicaram livremente entre si.

Por muitos annos, estes dois typos de mappas, tendo cahido nas mãos emprehendedoras dos impressores hollandezes, correram parallelos entre si, e até 1700 (no mappa de Delille) ainda se encontram na ligação do Rio Real com o São Francisco — traços da arrojada concepção de Bartholomeu Velho, relativa ao regimen hydrographico do interior do Continente.

Assumpto interessante é o desenvolvimento da nomenclatura geographica nos primeiros mappas. Os da primeira decade, depois da descoberta, só trazem denominações tiradas do calendario (Santa Maria da Consolação etc., no de Juan de la Cosa, etc.), ou da Escriptura Sagrada (Pinaculo da Tentação, Cananea, nos mappas de Kunstmann), ou descriptivas (Rostro Hermoso, Terra de Fumos, etc. no de Juan de la Cosa etc.). As decadas de Pedro Martyr e o processo de...

.....Colon introduziram na historia escripta varias denominações, como Maria Tombolo (Mar.....) que não figuram na cartographia, e uma outra (Paracura), que são evidentemente de origem indigena, mas que só apareceram depois que Pinzon ou outros tinham voltado á costa, já familiarizados com os indios por meio de escravos levados na primeira viagem, ou "deixados" entre elles.

Como já referido, o nome "Maranhão", em uma outra forma appareceu muito cedo, tanto na cartographia (Freducci 1514), como na historia escripta (processo Colon 1512), e em circumstancias que fazem acreditar que seja de origem portugueza, antes do que hespanhola ou indigena. E' muito caracteristico, de uma grande serie de mappas, o emprego deste nome sem qualificativo (Maranhão) ou com o artigo sómente (o Maranhão), e esta circumstancia o faz parecer uma denominação topographica descriptiva, talvez derivada de "Marachão", que seria muito bem applicada nesta costa. De facto, um diccionario portuguez cita um autor antigo que escreveu (por erro, diz o lexicographo) "Maranhões" por "Marachões".



PAIZ DE OURO E ESMERALDA⁽¹⁾

Era um homem singular o doutor Strauss. Medico, mas incorrigivel sonhador, emigrára, havia muito, para o Brasil, estabelecendo-se a principio em Santa Catharina, onde desposára uma compatriota já entrada em annos e que havia nome **frau** Mathilde. Mais tarde, a convite de um amigo, tambem allemão, transferira-se para S. Paulo, sequioso que andava de ter com quem trocar idéas sobre a essencia do universo e os grandiosos destinos do povo de senhores a que tinham a gloria de pertencer.

Em chegando a Paulicéa, fôra residir á rua Aurora, paredes meias com o compatriota. Quebraram, porém, não fazia muito, em consequencia da irredutibilidade das doutrinas philosophicas que professavam. Doutor Strauss entendia que a maior obra de Kant era a "Critica da Razão Pura" e que o mestre cantára a palinodia com a sua moral esteada no imperativo cathegorico. O amigo, ao contrario, teimava em convencel-o da unidade e harmonia de todos os ensinamentos kantianos. Discutiram, beberam e sonharam juntos durante quatro longos annos e alguns meses; mas, como nenhum delles cedesse terreno, capacitaram-se de que a lei superior a que cada um devia obedecer os obrigava a rompimento definitivo, e separam-se corajosamente, consolando-se com a idéa de que talvez existisse immensa orbita sideral na qual esti-

(1) Vide numeros de Dezembro e Janeiro.

vessem comprehendidos, a modo de curtos segmentos, os caminhos apparentemente oppostos que tomaram as suas profundas meditações. Não era a primeira vez que dous grandes allemães sacrificavam a amizade a exigencias de ordem puramente intellectual. Bem o sabiam elles, e foi com secreto orgulho que repetiram os gestos famosos de seus illustres antepassados Nietzsche e Wagner.

Doutor Strauss poz-se então a procurar uma morada socegada, onde pudesse dar livre curso a seus devaneios metaphysicos. E como tivesse noticia, por um annuncio de gazeta, do confortavel **chalet**, cujos apartamentos inferiores os irmãos Orsini queriam alugar a um casal sem creanças, com a condição de fornecer-lhes as refeições nos dias em que não sahissem, foi a casa escolhida sem detença, por corresponder justamente aos desejos do medico.

Leonardo e Angelo tornaram-se logo amigos do allemano, embora este nem sempre pudesse ouvir sem contradicta a entusiastica exposição, constantemente feita pelo primeiro, das utopias sociaes que lhe traziam accessa a imaginação. Quanto a Angelo, taciturno e hyper-sensivel, o tudesco desde o começo viu elle um doente, em quem se propunha experimentar a applicação de engenho-so metodo de reeducação — o qual metodo consistia em inocular-lhe no espirito umas tantas subtilezas baptizadas com prazer de “idéas-forças transmutadoras da sensibilidade”... Ao cabo, porém, de não muito espaço de tempo declarou-se a fallencia, em semelhante caso, do maravilhoso processo de cura, e o moço foi consciente-samente classificado sob a rubrica dos “destinados a desapparecer”, o que aliás não tolheu continuassem entre ambos — classificador e classificado — as mais amistosas relações.

Succeu entao uma cousa que veio transformar de repente o moral do joven italiano.

Strauss, que, segundo se dizia, havia salvo a vida ao coronel Vieira, de quem era medico assistente, frequentava-lhe assiduamente a casa, aonde ia quasi todas as noi-

tes, ora só, ora em companhia de frau Mathilde. Com razão ou sem ella, pae e filhos votavam ao loiro sabio verdadeira adoração, pelo muito que julgavam dever á sua sciencia e dedicação profissional. Recebiam-n'os por isso com intimidade cheia de carinho e gratidão.

— Porque não levamos de vez em quando o snr. Angelo á casa do coronel? perguntou certo dia ao marido, entre timida e maliciosa, a risonha e gorda Mathilde.

Strauss, a essa proposta, não deixou de cuidar de si para comsigo que o methodo de cura lembrado pela mulher talvez fosse mais efficaz do que a systematica inoculação das "idéas-forças".

Assim fizeram. E ao termo de poucas visitas, insolita exaltação succedia ao abatimento e melancolia do costume. Angelo não era mais o mesmo. Trocára-se inteiramente. Animára-se e transfigurára-se... Agora fallava muito e tinha expansões que se lhe não conheciam dantes. Ria ao menor gracejo, contava anecdotas, chegava até ao sublime de ouvir com prazer a flauta do medico... Porque Strauss adorava a musica e todos os dias invariavelmente, alli pela volta das nove horas da manhã, antes do almoço, não deixava de tocar uma ariazinha, lembrando-se talvez, á imitação de Schopenhauer, de que a emoção musical é uma verdadeira communicação da realidade metaphysica do universo.

IV

Apenas Angelo ganhou o andar inferior do predio, defrontou-se com o sapientissimo doutor, que já lhe vinha ao encontro, enorme e pesado, com o largo rosto bonachão, côr de lagosta cozida, aberto num grande sorriso:

— Já sei que está impaciente... Mas não me foi possível vir mais cêdo. O peor é que ainda não jantei...

— Temos muito tempo, obtemperou o rapaz, receoso de que se viesse a adiar a visita projectada para aquella noite. Ainda não são sete horas. Chamarei um automovel

pelo telephone. Assim gastaremos no trajecto poucos minutos...

— Então venha fazer-me companhia á meza.

Angelo seguiu-o, indo sentar-se á sua frente, enquanto **frau Mathilde**, como que transbordando toda de silenciosamente risonha, punha os ultimos pratos.

— Os amorosos têm uma taboa de valores que é preciso respeitarmos... observou pacatamente o medico, ao mesmo tempo que se preparava para embocar, de olhos postos nos guizados fumegantes, o primeiro copo de cerveja.

— Pois não é "o amor que move o sol e os outros astros"? acudiu Angelo, rindo-se.

Strauss meneou a cabeça, murmurando:

— Estes latinos molham todo o universo em agua de rosa... Nada de combatividade, de gosto á lucta, ao esforço, ao dominio... O resto de sua força é empregada em nivelar, em rebaixar e dissolver a vida...

Angelo ouviu-o um pouco espantado, pois não percebia bem que relação existia entre o seu amor e a severidade desse juizo que abrangia diversos povos na mesma condenação. O tudesco, porém, exprimia o resultado final de longa meditação, cujos meandros se perdiam em vapores de cerveja. O verso de Dante lhe aparecera talvez como um principio explicativo universal em oposição á metaphysica da força, que lhe sorria. E de nuvem em nuvem chegára a colher mais uma contra-prova de que á sua raça estava reservado o papel messianico de salvar o mundo da anemia e da morte.

— Então o doutor julga que ha alguma cousa que valha mais do que o amor? perguntou Angelo em som de gracejo.

Julgo não... retorquiu o medico depois de alguns instantes absorvidos em deglutar um pedaço de rosbife seguido de saboreada libação — **Julgo** não... Não se trata de formular um juizo. A sua pergunta importa a crença de que ha um valor **absolutamente** superior a tudo quanto existe...

— Perdão, doutor, acudiu o joven a ver se ainda era tempo de fechar a porta a taes vôos philosophicos. Não pretendi dar tamanho alcance á palavra **julgar...**

— Se não foi nesse sentido que o snr. empregou o termo, — interrompeu Strauss, olhando maliciosamente de esguelha a gorda **frau** Mathilde, que arranjava a louça nas prateleiras do armario, — é que talvez não saiba que eu e minha mulher já estamos fóra da edade canonica...

— Longe de mim tal intenção, doutor...

— Sei... sei... O snr. não está tão mal acompanhado como pensa. Platão prégava as idéas-seres, as idéas absolutas, a verdade transcendente... Kant, o maior dos philosophos do mundo, não teve a fraqueza de inventar o imperativo cathegorico? Acreditavam, como o snr., que ha valores absolutos...

— Como eu não, doutor. Não ando por essas alturas, nem pisco muito de philosophias. Sirvo-me das palavras sem segunda ienção, pelo que são para toda a gente...

Baldados esforços para pôr termo às divagações do metaphysico-amado. Strauss discreteava mais para clarificar as proprias idéas do que por comprovação no seu interlocutor.

— O snr. faz inconscientemente — proseguiu inexorável — o que fazem todos os homens. — Procura transformar em valor absoluto e intangivel o que é actualmente para o snr. uma attitude de vida e de felicidade. O snr. proclama a grandeza do amor porque está amando, do mesmo modo que um velho que não quer abdicar, louva as excellencias da velhice, escrevendo tratados de **sene-ctude**. Para o snr. o amor é hoje o supremo valor, a mais alta razão de viver e de gozar a vida. Pretender que um velho, como eu, adopte a sua affirmação equivale a querer eu convencel-o de que deve suspirar para chegar á minha edade...

— Valha-me Deus, meu caro doutor. O snr. não está velho como diz. Mas creio que sobre qualquer assumpto se pôde sempre formular um juizo desinteressado, um juizo que não aproveite a quem o faz.

Strauss poz-se a limpar a bocca com o guardanapo, lançando em volta de si olhares intensamente azues. Depois pediu a **frau** Mathilde que lhe trouxesse o cachimbo. Ascendeu-o vagarosamente dispoz-se a responder.

Angele entrou a recear seriamente que a visita á familia Vieira não se realisasse aquella noite.

— Doutor, agora creio que posso chamar o automovel. Está ficando tarde...

O medico, em resposta, tirou do bolso do collête um relogio grande e pesado. Mirou-o com ar beatifico, gosando as primeiras baforadas do cachimbo.

— Sete e quarto, observou. Podemos chegar lá ás oito horas. Temos muito tempo.

O moço quiz advertir que era melhor chegarem mais cedo. Mas não ousou fazel-o, para não quebrar o bom humor do doutor. Resignou-se a ouvil-o.

— Juizo desinteressado! exclamou Strauss. Nenhum acto humano é desinteressado. Sempre que acceitamos como verdade uma affirmação que nos é prejudicial, damos prova de fraqueza, soffremos uma derrota. Não ha verdade. Ha verdades. A verdade para o amoroso é o amor; para o velho, o elogio da velhice; para o que padece, a nobreza da dôr, e assim por deante. O triumpho de uma idéa não é mais do que o triumpho de uma especie de homens mais forte sobre outra mais fraca. Creia o snr., — a força é a unica medida de tudo o que existe. Até as chamadas verdades logicas e mathematicas têm uma origem inteiramente guerreira. Se hoje os angulos de um triângulo são eguaes a dois rectos, é isso devido a uma victoria ganha na época das primeiras tentativas da vida para chegar ao conhecimento. Nessa occasião os conceitos, que Kant chamou de “fórmas a priori”, de tempo, de espaço e de causa affirmaram-se mais fortes do que todas as demais modalidades possiveis de actividade mental. Não ha lei. Cada acto de força produz a cada instante sua ultima consequencia. Não existe coisa em si. Todas as noções com que acreditámos conhecer o mundo não passam de meios de inventarmos o mundo. Mas ain-

da aqui ha uma illusão. Não ha nem sujeito nem objecto de conhecimento. Descartes não tem razão. "Penso, logo existo" já suppôe a crença na substancia. "Pensa-se, logo ha pensamentos" não resolve a questão da realidade do pensamento. Como podemos saber que ha cousas? Só o sujeito afigura-se demonstravel, visto como o objecto é um modo de ser do sujeito. Mas supprimindo o objecto, tambem desapparece o sujeito. Não ha, pois, sujeito, nem objecto, nem substancia, nem ser, nem idéa, nem lei, alguma. Ha talvez uma apparencia de pensamento...

— Pelo amor de Deus, doutor, permitta-me agora que chame uma apparencia de automovel, para nos levar á casa do coronel Vieira...

Doutor Strauss riu-se brandamente, satisfeito com as evoluções do seu pensamento. Sentia o orgulho intimo de um gymnasta que acaba de mostrar, em perigosos exercícios, toda a força e agilidade de que é capaz.

Angelo correu, a final, ao telephone, enquanto frau Mathilde, sempre solicita, trazia o chapéo e o sobretudo do marido.

D'ahi a alguns momentos começou-se a ouvir insistente e em crescendo o buzinar do auto, que se approximava. Sahiram os dois. Foi uma como pequena tempestade insurdecadora, precedida de projecções luminosas que varriam longo trecho do caminho deserto. Parou em frente ao portão. A machina taralhava e refervia, como impaciente por desembestar. Trocam-se palavras gritadas. Fecha-se com estrondo a portinhola. Redomoinham. Vão-se arrebatados.

— Frederico... Frederico...

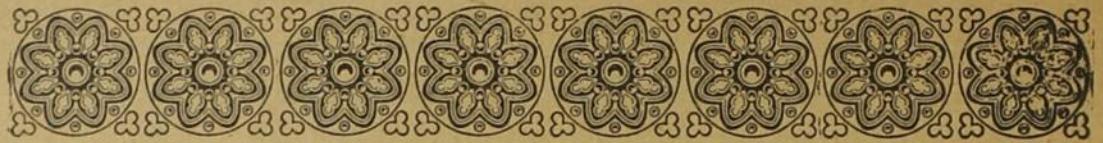
Era frau Mathilde que, pressurosa e desengonçada, acudia com o guarda-chuva e as galochas do doutor.

— Frederico... Frederico...

Mas o auto já desapparecia, como um relampago, na curva, a cem metros da casa, deixando após si um como estremecimento de vendaval.

J. A. NOGUEIRA

(Continua)



VERSOS

ENTARDECER NA CIDADE

— Cahe a tarde... No azul que se fez côr de lousa
No cinabrio em fusão de um céo meridional
Uma estrella isolada e pequenina pousa,
Doirada mariposa,
Entre as torres iguaes da Velha cathedral.

A' nostalgica luz que ás cousas enlanguesce
Baila um raio vermelho ao longe, sobre o mar...
Da rua a animação, de instante a instante, cresce
E das arvores desce
A pensativa uncção da hora crepuscular.

A sombra, leve ainda, é como aerea renda
A esgarçar-se por sobre os telhados além...
Não ha vidro que ao sol morrente não se accenda
Em ouros de legenda,
E outra estrella a tremer accende-se tambem...

O crepusculo põe, meditativamente,
Na balburdia de em torno um subito pedal.
A saudade de alguma intimidade ausente
Nos punge de repente,
E enche aos olhos tambem de sombra vesperal...

*E' quando mais febril se torna o movimento,
Mais, na cidade era festa, alegre a diversão
Que, sentindo a frieza de meu isolamento,
A angustia experimento
D'alma ter solitaria em meio a multidão.*

*Póde a turba mesclar os gestos indecisos,
Os passos misturar no mesmo obscuro pó,
No precario explendor de nossos paraíso
Sentimos, sob os risos,
A alma, dentro de nós, eternamente só...*

ORGULHO

*Elmo dominador de aurea viseira
Por sobre a mesquinhez de todos nós,
Força, emprestando á graça dos cipós
O arrojo de enlaçar a alta palmeira.*

*Couraça que da magoa prisioneira
Abafas n'alma a humilhadora voz
E, da illusão de um vôo de albatroz,
Alimentas a audacia da carreira.*

*Bella coragem de quem, fronte alçada,
Sabe manter o garbo da fachada
Quando ao castello a ruina conheceu,*

*Bem dito sejas tu, sereno orgulho,
Que impassivel dos ventos no barulho
Contra o abutre tornaste Prometheu!...*

MARIA EUGENIA CELSO

A BRANCA MARIA

*Leio nos olhos teus, tão joviais de costume,
uma secreta magua;
são como, orfans da luz, no soturno negrume,
duas nascentes de agua...*

*Dizem-me eles, fieis: "Amigo, bom amigo,
tu que gosavas d'antes
em ter-nos cada dia e cada hora contigo
para espelhos radiantes,*

*porque tão raro vens sobre nós inclinar-te?
porque rosto dileto,
com incuria ou desdem assim deixas de parte
nossa desejo inquieto?"*

*Teu coração ao meu diz: "Grande é a culpa tua,
coração imprudente!
á doce intimidade, em fim, não se habitua
uma alma impunemente;*

*"uma alma de mulher, uma alma de menina,
que ama o riso, a confiança,
coração insensato! e que sofre, mofina,
da menor esquivança..."*

*"Não devéras, então, fazer-me como um doudo,
coração deshumano!
medir meu tenue ritmo, em violento denodo...
pelo teu, soberano..."*

*"Pois agora qual péndulasinha débil,
que o seu leve compasso
perdeu, que bate a esmo, irregular e flebil,
arfando de cansaço..."*

*Belos olhos fieis, se vos cobre saudosos,
uma nevoa de pranto;
coração original, ninho de castos gosos,
seinda me queres tanto;*

*sabeis que não me fez da vossa graça indigno
o olvidio; que a mereço,
se alguém merecer pode o mero dom benigno
de um tesouro sem preço.*

*Eu era, na verdade um gentil companheiro;
promto a cada chamado
do prazer, da aventura; andeiro e cavaleiro;
garboso e apaixonado.*

*Que espirito feroz! que ardente fantasia!
que luminosa, intensa,
nunca exausta efusão de ideal, de poesia!
que juventude imensa!*

*Murmurante uma vez: "Teu sentir é diverso
dos outros. Sempre dizes
cousas novas..." Absorto eu te escutava, imerso
em sonhos tão felizes!*

*E' que, cada manhan, eu proprio, ao levantar-me,
novo em um novo mundo
renacer me sentia; e com alado carme
saudava o sol jocundo.*

*De cada ingenuo ser em meu caminho, fosse
flor, pássaro, donzela,
ou criança, eu obtinha a caricia mais doce,
com a prenda mais bela.*

*Lembras-te do verão, passado na montanha?
que terna convivencia!
A saudade, subtil, como a mim, te acompanha
atravez da existencia?*

*Guardas, como eu, no peito, o nostálgico enlêvo
d'essa agreste paizagem?
as fragrancias do abêto, e do louro, e do trevo,
e da menta selvagem?*

*Cláros júbilos do ar! com que brioso gôsto
ele, audaz, te beijava,
as cores te arivando á frescura do rosto,
que sublime irradia!*

*Magias perenais da luz; carmins da aurora;
pugnas do ocaso em sangue;
philtros que a celestial ninfea notiflora
vertia lenta e langue;*

*gemas iriaias do orvalho em ondulosos prados;
coxins no bosque, e alfombras,
de pervincas azuis, de ciclamens rosados,
sob as virentes sombras;*

*amorosas canções dos ninhos em folguedos;
coro amplo da floresta,
quando o vento agitava as copas do arvoredo,
como sinos em festa;*

*reboante fragor do rio e da cascata,
que, entre musgosas penhas,
precipitavam seus lençois de flúida prata,
teares nutrindo, e azenhas;*

*vozes confidenciais das fontes, na espessura
dos recessos tranquillos,
onde iamos colher, entre a rama escura,
amoras e mirtilos;*

*e em tudo uma expansão germinal de saude,
de liberdade plena,
que a seiva nos movia, ora súbida e rude,
ora discreta e amena;*

*porque delicias tais, de minuto em minuto,
creava a natureza,
se não as depor a teus pés em tributo,
donairosa princeza?*

*E tu, com que real opulencia de vida,
e que espontaneidade,
as tomavas, tu, linda, elegante, instruida
fidalga da cidade!*

*tu, cultora exemplar da complexa doutrina,
que as modas senhoreia,
eras, na singeleza, a mais fresca e genuina
serrana d'essa aldeia !*

*Ah! o teu riso! o teu riso! o teu leve, suave,
melodioso riso!
dir-se-ia, ouvido em sonho o gorgorio de uma ave
no antigo Paraíso...*

*Quantas vezes, então, passeando a teu lado,
vi gárula andorinha,
que, ao ouvil-o, deixando o beiral do telhado,
voar-te em torno vinha!*

*quantas vezes na matta um pintarroxo esperto
uma róla hesitante,
deciam de alto galho a escutar de mais perto
esse riso cantante!*

*Com éco fraternal tambem a essa alegria
respondia minha alma,
como a um raio de sol responde, luzidia,
vibrando, esbelta palma!*

*Inda quando sem ti eu sahia, e num êrmo
pensava, contemplando,
no declinio do dia, o horizonte sem termo,
misticamente; quando*

*só titinavam as campainhas remotas
de algum rebanho arisco
de cabras, que o pastor, trauteando vagas notas,
conduzia ao aprisco;*

*ou longe, muito longe, um musical respiro
de amorosos pezares
fazia estremecer, no pânico retiro,
os silencios, lunares;*

*inda em mim triunfava o teu leve, suave,
melodioso riso
de moça... oh! melhor, sim, que o gorgorio de uma ave
no antigo Paraíso!*

* * *

*Hoje... como dizer-te a tristeza diurna,
em que jazo doente?
como explicar o horror da atra noite soturna
a marchar resplandecente?*

*Muitos, ai! o poder da noite envolve e oprime:
homens, famílias, povos.
Mais que nunca insolente, ousa afirmar o Crime
que é lei dos tempos novos.*

*A máscara caiu á falsamente humana
Bêsta do Apocalipse.
E a face do Senhor ofendida se empanna
em negrejante eclipse.*

*Um vento de loucura as hordas incendiárias
açula, cohorte a cohorte;
e são seus capitães, sob as libras cesarias,
o Roubo, o Estupro, a Morte.*

*A liga dos cristãos á Força iniqua e bruta
move sagrada guerra.
Ai! que enxurros de sangue a alucinante luta
derrama sobre a terra!*

*Ao céu, entre um rubor de colossais fogueiras,
sobem descompassados
gritos de angustia e de ira; ai! são nações inteiras,
que tombam trucidadas!*

* * *

*E nós, com as visões da Infancia e do Heroismo
nas pupilas insomnes;
nós, vendo perecer — azas num paroxismo
de atordoantes ciclones —*

*tanta ilusão, que de joelhos adorámos;
tanto ideal disperso
sem cuja luz a vida um escarneo julgámos,
e um absurdo o universo;*

tanta obra de beleza e fé, tanto talento...
 na flor da mocidade,
 tanto laço de amor, e tanto juramento
 vão de fraternidade;

nós, com armas nas mãos, nós, se a sorte nos priva
 d'essa suprema glória,
 com os anhelos tendendo e a abnegação votiva
 para a santa vitória;

nós só vivemos para a febre, a ancia, o tumulto
 da universal tragedia;
 ela é nossa obsessão; tudo mais jaz sepulto
 no pântano da acedia...

Ah! o teu riso! está longe... o teu leve, suave,
 melodioso riso!
 tão longe... é outra vez como o gorgorio de uma ave
 no antigo Paraíso!

Pois tu sofres! Cristam bem nacida, em teu nobre
 peito a honra se rebela
 contra a lepra aleman, que de pústulas cobre
 a terra, antes tão bela.

Mais ainda te adeja e brinca a adolescencia,
 que até o imo não sonda
 os aleives crueis do Destino, e a potencia
 do Mal, proterra e hedionda.

Sonhos em barco leve e florido no abrigo
 de uma enseada, em que as cenas
 do alto mar, a procela, incessante perigo
 se adrinham apenas.

Se, indo do oceano, uma onda impetuosa
 fórça a barra da enseada,
 logo na mansidão d'essa agua côr de rosa
 se espreguiça encantada...

No fragor da tormenta eu vivo dia e noite;
 contra o embate violento
 não tem minha alma pouso algum onde se acoite;
 nem mais fugir-lhe eu tento.

*Em vão relembro e chamo as delícias de outr'ora.
Ao meu apêlo muda
a natureza fica; a arte se descolora;
tedio o mundo transuda...*

*Eis porque, minha amiga, eu me escondo, eu te evito,
bem que, assim, mais padeça.
Não quero que a impressão do meu semblante aflito
teu rosto entenebreça.*

*Belos olhos fieis, caros olhos saudosos,
por vós; por ti, eu tremo,
coração virginal, ninho de castos gosos;
doce amiguinha, temo*

*que, em tanta desventura, o teu leve, suave,
melodioso riso
se extinga... eco final do gorjeio de uma ave
no antigo Paraíso!*

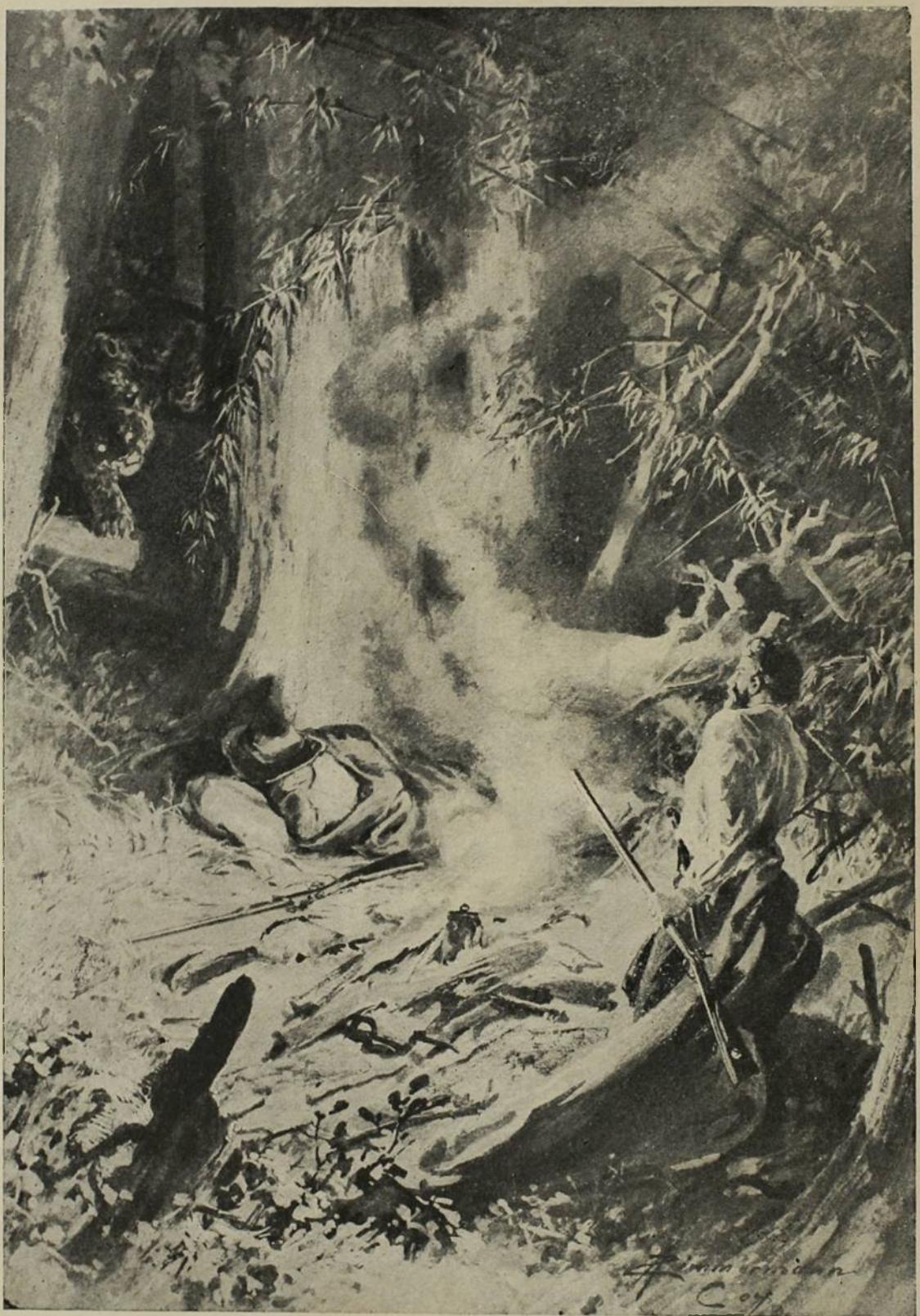
CARLOS DE MAGALHÃES AZEREDO

Roma — 25 de Fevereiro de 1918.

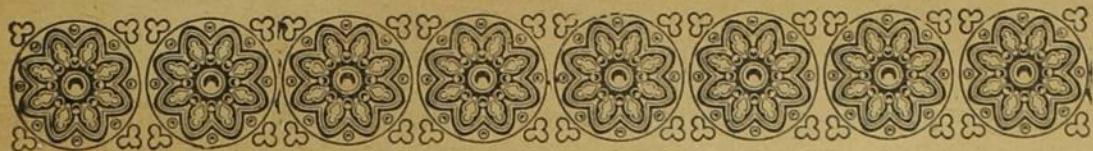


Aurel Zimmermann.
1883

Corre! Corre!, A. Zimmermann



Máu pouso, A Zimmermann



O COLIBRI

Não era daquelles colibris todo ouro, todo esmeralda, que eu em creança, aprendera nos livros. Era quasi cinzento; apenas, nos encontros das azas e no peito, alguma penna brilhava com reflexos verdes e azues. No resto, um perfeito pária da raça dos colibris.

Era methodico. Todas as manhãs vinha alli á janella churrrear nos calices entreabertos de pouco, com a fleugma e a regularidade de burguez que vae diariamente ao leite quente da chacara. Pousava um pouquito num galhinho secco que amparava uma cravina, alimpava o bico, relanceava um olhar indiferente pelo arredor e desapparecia. E só vinte e quatro horas depois me era dado tornar a velo, na mesma faina invriavel.

Ora, eu sempre ouvira contar da colera dos colibris quando encontram uma flôr já violada. Porisso, nesse que diariamente vinha á enga das minhas flôres, cuidava ver realizar-se esse espectaculo grandioso. Esperava que um dia ou outro algum mais madrugador podia passar alli pela janella e roubar ao meu commensal o seu almoço costumeiro. Teria eu então, a tres metros de distancia, a scena epica da colera colibrina, tão pittorescamente cantada pelos poetas ornithologistas da minha infancia. Havia de chegar o dia.

Quasi chegou. Era uma manhã baça, de chuva. Um outro colibri, maiorzito e mais escuro de pennas, de repente surgiu, es-

voaçando ante o jardim suspenso da janella. Apressado e arisco como quem sabe alheia a seara, alli não se demorou mais do que o tempo indispensavel á colheita de todo o mel que guardavam as florinhas. Sugou-o vorazmente até a ultima gotta e sumiu-se com dois gritos e duas curvas-ligeiras.

Com pouca demora ahi vinha outro. Disfarcei o meu interesse, trauteando uma velha toada, para não tolher a expansão daquelle ciume tragico. O colibri...

O colibri a uma flôr, depois a outra, a outra ainda, a todas ellas, enfiando o aculeo pelos calices a dentro e retirando-o logo, desolado. Todas percorreu e inquiriu, sem melhor exito, vindo depois repousar no galho da cravina, onde quedou algum tempo, immovel.

Oh! era a raiva, pensava eu esperançoso, era a raiva concentrada e á cata de um extremo de crudelidade para a vingança. Não era. O colibri inda voltou ás flôres; de novo investigou as corollas e com desconsolo de esfomeado inda veiu ao galhinho predilecto, pousando numa attitude pensativa e lastimosa.

Comecei então a sentir em minha toda a raiva que aquelle colibri me negava. Resolvi exprobar-lhe directamente a pusillanimidade. Acerquei-me da janella e interroguiei-o com impeto:

— Então, não almoça?

— Não; hoje não almoçarei, talvez. E' tarde já, e outros colibris já levaram todo o mel. O mel é tão pouco, e tantos os colibris!...

Aquillo intrigava-me. Um colibri a philosophar! Aquella avesita que eu sempre concebera como uma colera com azas, a suspirar diante do irremediavel! Era uma decepção.

Procurei incitá-lo com uma intriga:

Mas essas flôres eram tuas; deviam reservar-te este mel que levianamente entregaram a outro...

— Minhas?... Não; não eram. As flôres não são de ninguem. O mel, rouba-o o primeiro que apparece, o mais esperto ou mais forte. Sempre foi assim...

— Sempre?... Mas eu sempre ouvi dizer que os colibris despedaçavam as flôres infieis, ás bicadas...

— Phantasias, pode crêr. Um outro, talvez, em tempos idos

e remotos, teve esse procedimento insensato. Mas em outras eras, quando ainda havia colibris sentimentaes. Hoje somos os mais pacatos dos passarinhos. Se empregamos acaso alguma violencia, é na fuga. Porque somos muito perseguidos, os colibris. A vida é penosa...

— Mas, então, a colera?

— Historias... Demais, de que nos valeria tal colera? As flôres são indiferentes. Tanto se lhes dá que o seu polem transite no bico de um colibri, como nas dobras de um verme. O que querem é fecundar-se. As flôres!... Para que destruirl-as? Seria mais um esforço inutil, com o estomago sempre vazio.

— Mas pensam assim todos os colibris?

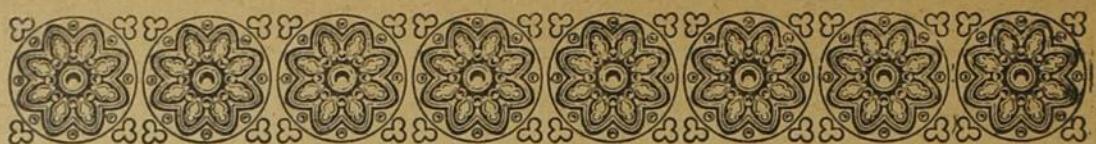
— Quasi todos. Não ha razão para pensarem differentemente. A vida é a mesma para todos...

Calei-me despeitado. O colibri permaneceu por largo tempo alli, soturno e quedo como um colibri de museu. Depois, voltando-se para mim:

— Bem; até logo!... Virei mais cedo amanhã. E' preciso ser o primeiro a chegar.

E assim foi.

LEO VAZ



CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS Á MARGEM DO RELATORIO DO
DR. ARTHUR NEIVA SOBRE O NORTE

II

Não ha duvida que a agua diminue sempre no Brasil Central; o morador das margens dos grandes rios não percebeu o fenomeno, mas o depoimentos dos habitantes das proximidades dos pequenos cursos e de collecção d'agua pouco volumosa é unanime em confirmar este facto.

Dr. Neiva, pag. 76.

Em a "morada" "Cannavieira", que pertenceu aos jesuitas, travei conhecimento com um velho matuto — o sr. Bernardo Francisco de Souza, nascido em 20 de Agosto de 1832. E' coisa rara, um matuto do interior do nordeste brasileiro saber a sua idade, e muito mais a data do seu nascimento. Fiquei admirado da precisão com que o sr. Bernardo me disse o dia, mez e anno do seu.

O sertanejo tem signaes para marcar a "era" do gado, mas deixa a da sua prole completamente esquecida. Assim que se interroga a idade de um camponio, elle coça a cabeça e meio acanhado gagueja: "eu não sei quantos annos tenho, nhor não. O meu pai disse que eu sou da "era das santas missões, quando o Frei João andou por aqui baptizando e crismando o povo". Outros dizem: "eu sou da "era do papa-fogo".

O papa-fogo é um apparelho, conhecido tambem aqui, entre os nossos caipiras, a que chamam "isqueiro". E' uma ponta de chifre com algodão queimado dentro, "isca", a que se ateia fogo por meio de uma pedra attractada por um pedaço de aço-fuzil. Logo que appa-

receram as primeiras caixas de phosphoros, os papa-fogos foram postos de lado. A queda do papa-fogo ficou marcando uma época.

O velho Bernardo é quasi analphabeto: assigna o nome, e é eleitor. "Eu, disse-me elle, voto desde o tempo das eleições geraes, mas não posso comprehendere esse negocio: não sei que significa eleição".

Perguntei-lhe si sabia qual a forma do nosso governo, respondeu-me que só se lembrava de ter ouvido falar em D. Pedro II; quanto a D. Pedro I, não sabia quem tinha sido.

Contou-me que em 1832, mesmo no rigor da secca, os riachos tinham sempre agua: não "cortavam" no periodo secco. O riacho Itaueiras que passa a 20 kilometros, nos tempos das "cheias" fornecia peixes grandes ás "baixas", terrenos marginaes alagadiços, de tal forma que em "Cannavieira" pescavam-se surubins (peixe de couro que se parece com o "pintado" que se encontra nos rios de S. Paulo).

As "baixas" agora são alagadas no tempo do inverno, mas por espaço de tempo mui pequeno. Antigamente as culturas principaes eram: canna e arroz; hoje, não mais se fazem tæs culturas, por falta de agua, limitando-se os agricultores ao plantio de mandioca e milho. O arroz só é plantado em pequena escala e em logar ainda molhado.

Do que se deduz que nestas regiões as aguas vão diminuindo.

No valle do rio Urussuhy, para o sul do Estado, até S. Filomena, onde puz ponto final á minha jornada, não se nota nenhum indicio de que as aguas estejam diminuindo. Todos os riachos, affluetes que conheço do rio Urussuhy, do logar chamado "Morro-d'agua", até a sua foz no Parnahyba, são perennes. Em Agosto de 1915, os animaes de montaria, passaram a nado o Urussuhy, em meio do seu curso.

"Morro-d'agua" ou "Ronca", como tambem é conhecida pelos sertanejos, é uma interessante exquisitice da natureza. Nos "baixões" da margem esquerda do rio Urussuhy, ergue-se um morro que, embora muito menor, faz lembrar o Pão de Assucar, com a respectiva Urca ao lado.

Na base, do lado do nordeste, abre-se a bocca de um tunnel, que penetra uns 20 metros e ahi curva-se para a esquerda. A porta de sahida tem uns 8 metros de altura, por 4 metros de largura e termina em ogiva. Deste tunnel, que tem as paredes a prumo e lisas, como se fossem feitas pela mão do homem, sâe um riacho de 70 cents. de profundidade, tomândo-lhe toda a largura.

A agua crystalina, tepida pela manhã, deixa ver a mais pequena pedra no fundo do leito. Logo que sâe do tunnel, corre por um plano inclinado, pedregoso, formando uma cachoeira, para, logo adiante, sob a sombra de copadas arvores, cahir n'uma bacia de uns 6 metros de diametro, cavada num arenito esverdeado. Ahi toma uma coloração de esmeralda, que mais realça o encanto da paizagem.

Quem penetra no tunnel, vai com a agua até a cintura. Fazendo a curva, vê que a abobada se vai abaixando até encontrar a agua, e que

esta vem de baixo como si fosse de um siphão. Neste ponto o tunel é tão escuro que é preciso levar-se uma luz.

Geralmente os matutos têm medo entrar nesta "grotta", pois receiam encontrar a "Mãi-d'agua", entidade fantastica que elles muito temem. As paredes, como a porta de fóra, que forma a bocca de sahida, são constituidas de arenito vermelho. Nas pedras, que são molles, o viandante que passa grava o seu nome e a data da sua pousada nesse pedaço de paraíso perdido: o meu nome lá ficou tambem.

Creio que por este riacho encantador ninguem consegue passar sem tomar um delicioso banho.

A abundancia de agua nesta zona, no anno que se notabilisou pela secca — 1915, é um attestado eloquente a favor da suposição de que ahi as aguas não estão diminuindo.

O riacho Tapuyo, em S. Filomena, não pára de irrigar os pomares daquella villa, o que se traduz pelo grande poder productivo das laranjeiras, que dão fructos durante todo o anno, os quaes são comparaveis aos da Bahia.

E' um dos poucos serviços de irrigação que conheço no Piauhy.

A região acima é a melhor que conheço no Estado. Coisa curiosa: é a que tem menor população.

Nem tenho a menor duvida de que, mais dia menos dia, será justamente a parte que maior papel representará no progresso do Piauhy, já pela fertilidade do solo, já pela abundancia de agua, facilitando a agricultura e a criação de gado, assim como pela sua vantajosa posição geographica em relação aos Estados de Maranhão, Goyaz, Ceará, Pernambuco e Bahia.

(A presença dos agrupamentos de buritis (*Mauritia venifera*, Mart.) é considerada como indicio da existencia de agua.)

Dr. Neiva, pag. 77.

Quem percorre os sertões piauhyenses e vê ao longe um buritzal, pode ter certeza de que se trata de um paul, termo com que se designa o brejo ou pantano. Nas cabeceiras dos ribeirões — chamados brejos ou riachos — os buritizeiros se agrupam, enchendo toda a "baixa" humida, o que forma quasi um bosque só de buritizeiros. Acompanhando o leito do riacho, ora mais estreito, ora mais largo, segue uma estreita de buritizeiros que, conforme o valle se aperta entre os morros ou se alarga nas "baixas", de longe apparece, coleando até a embocadura dos referidos riachos no Parnahyba.

O buritizeiro *Mauritia venifera*, talvez tenha recebido o seu nome específico, devido ao liquido que contém no tronco e ao qual os sertanejos chamam vinho, tanto o acham gostoso: tem o sabor

adocicado, razão por que ás vezes para "adoçar um café", o homem do matto, vandalicamente, faz tombar a golpes de machado, uma das mais bellas palmeiras que ha em todo o norte brasileiro.

Geralmente as palmeiras são muito uteis, e esta é das que mais o sejam.

Difficilima seria a vida do pobre sertanejo, se a natureza não lhe offerecesse, com mão prodiga, todas as partes da **Mauritia venifera** para as suas necessidades.

As folhas servem para cobrir as casas; a parte externa, linhificada do tronco, é aproveitada com grande vantagem, para o fabrico de ripas; do fructo aproveita-se o mesocarpo, de que se faz um doce semelhante á goiabada, mas um tanto azedo e muito oleaginoso. O oleo do buriti se infiltra de tal maneira no organismo das pessoas que o comem, que chega a tingir de amarelo a esclerotica. Trazido pelo suor á superficie da pelle, fica todo amarelo o lenço, quando o passamos pelo rosto.

A parte, porém, do buritizeiro, que maior serviço presta ao sertanejo, é o peciolo das fibras — "talo", que tem até 8 centimetros de diametro, por 4 a 5 metros de comprimento. Com o "talo" de buriti, o agricultor prepara uma embarcação que se chama "balsa", uma jangada, em que transporta pelos grandes cursos d'agua, á procura de mercado, os productos das suas culturas.

O agricultor ribeirinho, depois da colheita vai ao buritizeiro de preferencia nas cabeceiras dos "brejos", á busca dos "talos" que elie de antemão "matou". Os "talos" são enfeixados aos 50, e amarrados por fortes "imbiras". Os feixes, que são muito numerosos, conforme o tamanho das balsas, são conjugados por travessas de madeira resistente, umas por baixo e outras por cima, ás duas e duas, estas áquellas.

Assim se faz um estrado de "talos" de buritis de uns 40 centimetros de grossura, tendo uns 6 metros de comprimento por 4 de largura. Nas extremidades deste estrado adaptam-se duas "vogas", — remos — que exercem as funcções de leme. Finalmente, com varas flexiveis em arco e folhas de palmeiras ou couros, se forma a cobertura.

Fazem-se "balsas" com capacidade para 5.000 litros de arroz.

Prestam-se, elles tambem, para o transporte de passageiros. Quem escreve estas linhas desceu, numa "balsa", de S. Filomena a Floriano.

Preguiçosamente estirado numa confortavel "tapuerana" — rede grande — á mercê das aguas, é agradavel a viagem observando-se com vagar, as bellezas marginaes do rio.

Nas noites de luar, a "balsa" não "esbarra": caminha toda a noite. O que, por certo, irrita um pouco os nervos, são os ventos "ge-

raes", quasi a annular a marcha da "balsa", desgovernando-a. Neste caso, o "mestre" manda atracar.

Na voga da frente está o "mestre", que dá a direcção, e na de tráz, o "contra-mestre", que ajuda a manobra a fim de que a "balsa" não bata numa pedra ou encalhe na cabeceira de uma ilha, ou se enrosque num "balseiro" — garranchos de arvores tombados á margem.

Depois de uma ilhota, se a "balsa" perde o "fio d'agua", fica "estudando", á mercê no remanso, até que de novo a correnteza a apanha, e continua a viagem.

De vez em quando o "mestre" faz soar um "buzo", (buzina como nós a chamamos no sul) feito de um cifre de boi, com a ponta cortada. Chama a attenção dos moradores que tem mercadorias para "botá p'râ baixo". Isto quando a "balsa" "pega frete". Geralmente, as "balsas" desde que não estejam com a carga completa, "pegam frete", pois só assim o respectivo dono pode alliviar a despeza que não é pequena: o "mestre" ganha de 60\$000 a 80\$000 réis e o "contra-mestre", de 30\$000 a 45\$000 réis, não contando a farinha, a rapadura, e a matalogem, isto é, a rês que se mata para o consumo da casa. "Meu compadre fez hoje, uma matalotagem: quero vê si elle me arranja um "chambari" (mocotó), pois fai tempo que eu não como uma carniña".

Matalotagem na sua verdadeira accepção quer dizer provisão de comida para marinheiros. Em 1587 Gabriele Soares, dizia no seu "Roteiro", á pagina 159: "e os navios, que vem do Brasil para estes reinos, não tem outro remedio de matalotagem, para sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha". Mais adiante continua: "também costumam levar para o mar matalotagem, de beijús"...

E' que o sertanejo é conservador: o sentido do termo está modificado, mas, o que é facto, é que a graphia se conserva ainda intacta, e o termo é empregado na accepção de alimentos.

Na popa da "balsa" o "contra-mestre" isola os buritis com um pouco de terra molhada e sobre ella arruma uma "trempe" de pedras, onde, enquanto a embarcação vai "rodando rio abaixo", elle prepara o "de cumê".

Cincoenta "talos" de buritis conduzem perfeitamente um homem, si a viagem não é muito longa, pois em sendo, os "talos" se vão encharcando dagua" e se o "freguez" não botá uns embonos, nem que seja de bananeira não botá em sua casa".

Uma "balsa", pequena, de duzentos talos", chama-se "macaco"

Dos "talos", também, o agricultor, faz grandes caixões com capacidade para 5.000 litros. Arroz, milho e farinha de mandioca, são assim armazenados.

A parte lenhificada dos "talos", o revestimento exterior, é apro-

veitado para fazer cestas, côfos, desde o tecido mais grosseiro até o mais delicado que é a "urupema". Eu preparei essa "palha", uma palhinha para cadeira, que bem pode substituir a que vem do Japão.

No Alto Parnahyba tive o prazer de receber, na choupana que eu habitava, o illustre piauhyense Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, a quem mostrei um assento de cadeira por mim tecido, de palha do buriti. O Dr. Nogueira Paranaguá ficou admirado de mais esta riqueza do Norte.

A "balsa", no Amazonas, segundo o Dr. Mario Guedes, autor do interessante livro "Os seringaes", não é outra cousa mais que uma porção de "pelles" de borracha, em numero de cem, mais ou menos, pesando cada "pelle" de dez a sessenta kilos, na proporção do tamanho.

Essas "pelles" se assemelham a grandes pães.

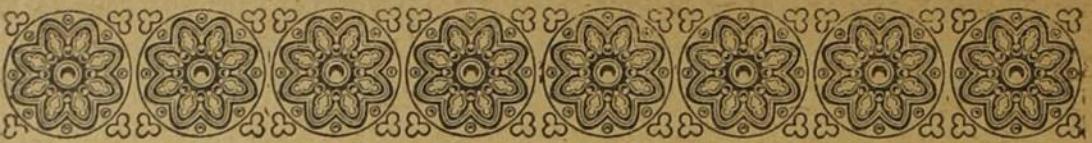
Ligadas umas ás outras, seguem rio abaixo, morosamente, ao sabor da corrente, ou "de bubuia".

Nos rios Parnahyba e Itapicuru', a lenha é conduzida assim, para o consumo das villas e cidades.

As "balsas" para carregamento de vigas lavradas para construcçāo, constam de tres series de feixes de "talos de buriti", tendo um intervallo de 1,50 metro, onde se collocam, ao comprido, as madeiras. E resto, tudo é igual, sómente não costuma ter cobertura, como as que são para cereaes e outros productos agricolas.

O "macaco" de 50 "talos" é muito instavel. E' preciso ter-se muita pratica para poder descer o rio sem naufragar. O matuto coloca a sua "ligeira", — sacco de roupa, e nella se acommoda, até encontrar o centro de gravidade, e assim bem equilibrado, tendo como remo um proprio "talo de buriti", começa a descida, distrahindo-se em observar os rastos de paca, capivaras e anta, nas ribanceiras.

FRANCISCO IGLESIAS



UM ALBUM DE ELISA LYNCH⁽¹⁾

IX

Pouco conhecedor das cousas platinas, ignoro qual o valor exacto documental do livro de Heitor Varela de onde extrahi os interessantes pormenores que aos benevolos leitores nos precedentes artigos apresentei. Do sabio e saudoso mestre Dr. Vieira Fazenda ouvi que a obra de "Orion" faz fé.

Graças á amabilidade de erudito historiador paraguayo a quem, a propósito do assumpto que nos occupa, tive o ensejo de consultar consegui de um parente proximo da celebre irlandeza as aliás restrictas informações, que passo a condensar.

Nasceu a companheira de Lopez II em Cork, Condado de Galway. Filha de distinto medico procedia de uma das mais velhas familias daquella parte da Irlanda, contando no seu abolório, chefes de clans sheriffs etc. "en numero de mas de ochenta" diz o noticiarista.

Havendo irrompido gravissima epidemia em Cork prestou o Dr. Lynch os mais abnegados serviços profissionaes aos concidadãos sendo-lhe então confiado o governo civil da cidade, posição em que revelou a maxima energia na repressão das depredações e desordens então ocorridas. Quando o flagello estava por assim dizer extinto enfermou e falleceu. Recorda-lhe os meritos uma placa de bronze com significativa inscripção, num dos mais frequentados locaes da terra a que serviu devotamente. Silenciando quaesquer outros pormenores a ponto de declarar desconhecer a data do falecimento da Elisa Lynch estendeu-se o consultado, longa-

(1) Vide numero de Janeiro

mente, sobre um irmão que ella transportara ao Paraguay, muito mais moço, aliás, o tenente Lynch, da marinha do seu cunhado da mão esquerda e, ao que parece, ex-official da esquadra britannica de guerra.

"Era un distinguido oficial de marina, criado y educado como tal, desde su niñez, como acostumbran en la marina britannica — relata o seu parente. Era un correctissimo gentleman y mui querido por sus compañeros, hasta, no mas: joven, rubio, alto de estature, bien proporciorado, lleno de vida, alegre, se reia a mandibulas abiertas de las penurias y peligros y (lo que fue causa de su muerte prematura) muy y generoso amigo y adorador insigne de las chicas — á quienes festejaba sin tregua ni descanso — por quienes gastaba todos sus haberes y alas que, en definitiva terminó por dar su vida, se puede decir pues a causa de ellas murió tisico".

Nascera o tenente Lynch assim como a sua linda irmã, sob o signo venusino, deduz-se do ranzel do seu parente...

X

E' tempo porém de justificar a epigraphe dos despretenciosos estudos que tanto desenvolvimento tiveram com as digressões a que me entreguei. Movia-me o desejo de apresentar aos leitores alguns aspectos physionomicos de uma personalidade, cujo nome é em nosso paiz tão conhecido e cuja biographia se reveste comtudo da ausencia de pormenores perante o publico brasileiro.

Do esfrangalhado album de Elisa Lynch restam dez paginas, in-4, escriptas, onde se lêm as lucubrações em prosa ou poeticas de seis personagens notorios, já o disse, ou por ordem chronologica: a 14 de fevereiro de 1862 um trecho em prosa do sr. von Gülich, desde 1852 ministro plenipotenciario da Prussia no Paraguay e republicas platinas; a 19 de março de 1862 longa poesia de Juan José Soto, politico uruguayo, agente secreto e espião chefe dos Lopez, nas republicas do Prata — a 28 de maio immediato, longo trecho da prosa do então ministro americano no Paraguay Charles Ames Washburn; a 20 de agosto seguinte as linhas curtas do Internuncio por Pio IX enviado á republica, Monsenhor Marino Marini, arcebispo titular de Palmyra e de seu auditor Luiz del Vecchio. E afinal as tres paginas onde se esparrama a larga e optima calligraphia do successor de Washburn, o general Martinho Thomaz Mac Mahon, autor de dez arrombadas e violentas estrophes, em que exalta o valor paraguayo, fazendo votos para que — isto em junho de 1869 — dentro em breve possa a heroica e esmagada nação triumphar dos oppressores.

Este grande lapso de sete annos, entre os cinco primeiros escriptos e o ultimo, decorrente de 1862, época de paz e prosperidade, e do apogeu da cortezã, aos dias amargos de 1869, em vespertas de Perebebuy. Campo Grande e Aquidaban, faz-nos crer que do album tenham desapparecido muitas folhas. Seja como fôr, assim como está, abre-o o ministro prussiano com as suas vinte linhas de excellente gothicó.

Bem se sabe quanto, em occasiões destas, é difficil escrever alguma cousa que valha e quanto inçado de perigos e deslises para o ridiculo, a trivialidade e até mesmo o calinismo, a litteratura "albmnesca". O que o representante do governo de Guilherme I traçou é tão chatamente infeliz e vulgar, tão bajulatorio que chego a suppor haja o diplomata, — no emtanto homem de velha estirpe aristocratica, — fiado na impunidade conferida pela insignificante divulgação do seu idioma na America meridional de antanho, deixado uma serie de conceitos carregados de acirrada ironia. E realmente só a titulo de impertinentes remoques se poderá admittir a lealdade das expressões de quem affirma a existencia de Civilisação "não sómente na capital quasi européa do Paraguay, como nas mais pobres choupanas dos mais longiquos páramos deste paiz livre!"

Ahi vão, na integra, as phrases sinceras do ministro prussiano:

"Em que consistirá a civilisação?:

Acaso no aperfeiçoamento ou elegante imitar das mais recentes modas parisienses? na interpretação fiel de grandiosas operas? na applicação das mais modernas invenções de mecanismo? não residirá antes acaso, no Christianismo, nos ensinamentos das Sagradas Escripturas e na sua pratica, o fundamento basico da verdadeira Civilisação?

Se assim esta é com effeito a essencia de tão celebrada Palavra, muita civilisação vim encontrar no Paraguay que, até hoje, tem conservado encantadora originalidade e isto em tempos como os nossos, em que as ideias niveladoras pouco a pouco estão roubando ao globo o interesse tão agradavel da diversidade. E civilisação existe não sómente na capital quasi européa, como nas mais pobres choupanas dos mais longiquos páramos d'este paiz livre. (1).

F. von Gülich

Assumpção, 14 de Fevereiro de 1862.

Quiçá a troco de tanta lisonja e por intermedio da possuidora do seu autographo almejasse o plenipotenciario alguma mercê do tyranno, pois já ahi não ha sómente innocuas amabilidades nessas phrases repassadas de funda deturpação da verdade.

(1) Traducção do sr. Edmur de Souza Queiroz.

Em todo o caso não fez cumprimento algum á amazia do bajulado despota. Juan José Soto, velho estipendiado de Lopez I, parásita constante do thesouro paraguayo, amigo do peito de Lopez, II, um de seus galfarros mores no Prata e confidente de tranquibernias de toda e especie... Seria pasmoso lhe não desse o estro charro e baratissimo para celebrar a ligação que ao patrão, por quem fora herdado, tão cara sabia ser. E assim o fez nas seguintes nove quadrinhas de bala de estalo, fructo talvez de larga e densa locubração altamente desphosphorante de sua cerebração beguinesca e mercenaria...

LA FLOR TRANSPLANTADA

Desde una pradera umbrosa
De la nebulosa Albion
Fué llevada a la Assucion
La mas elegante rosa

Y en el ameno pensil
De aquella zona abrazada
Esta flor privilejiada
Descubre bellezas mil.

A los fuertes resplandores
Del nuevo sol que la alienta
La preciosa flor ostenta
Mas vividos sus colores.

Alli un habil jardinero
Lleno de amor y ternura
Cifra toda su ventura
En cuidarla con esmero

Y en cada estacion que asoma
Lujosa en nuevos destellos
Brotá pimpolhos mas bellos
Exhala mas rico aroma.

Y ufana con sus primores
Es en languido desmayo
En el verjel Paraguayo
Reína de todas las flores.

Tu eres Elisa en verdad
Esa rosa purpurina
Que mi mente se imagina
Como emblema de amistad

Si en medio de los placeres
 De uma vida venturosa
 Alguma vez bondadosa
 Estas lineas recorrieres

Excuta de amargo hastio
 Digam tus labios discretos:
 "Improvisó estos cuartetos"
 "Un sincero amigo mio".

Assucion, marzo, 19 de 1862.

JUAN JOSE' SOTO.

Admiravel o fecho, gryphado, — note-se-o bem, das nove quadras hepta syllabicas. Transcrevendo-as lembramos apenas a razão de ser da presença de Juan José Soto na côte da Assumpção, como chefe dos esbirros platinos dos dictadores paraguayos.

Muito mais habil que os seus collegas de diplomacia foi o Internuncio nas poucas linhas que a pressão das circumstancias o fez deixar no album de Elisa. Realmente nada mais constrangedor do que esse caso de um arcebispo, legado papal, obrigado a fazer zumbaias documentadas a uma ex-cocotte, a quem officialmente visitava, na sua qualidade de soberana, embora de mão esquerda.

Creado nas tradições da velha diplomacia romana, criteriosa e matreira, safou-se brilhantemente o finorio arcebispo de Palmyra do difficult passo:

Me es muy grata la oportunidad que me proporciona la distinguida Señora Da. Eliza Lynch para manifestar-le que en mi corta permanencia en el Paraguay he admirado no solo los ricos y abundantes dones con que la divina Providencia lo ha faborecido sino tambien sus adelantos en todo sentido, el trato fino y amable de sus habitantes, y con especialidad le acertada politica del hombre eminent, que dirige sus destinos. Felicito, pues, a la Señora D. Eliza Lynch por haber elegido para su residencia este Pais tan privilegiado.

Assucion, agosto, 20 de 1862.

Marino, Arzobispo de Palmira.

Faz grandes barretadas ao Paraguai ao "homem eminent que lhe dirigia os destinos" mas á Sra. D. Elisa apenas acha meios de lhe applicar o innocuo "distinguida" felicitando-a "por ter eleito para sua residencia tão privilegiado paiz..."

Quanto ao seu secretario não lhe cabendo as mesmas responsabilidades que ao prelado chefe, nem sendo homem de egreja

escreveu umas quatro a cinco linhas amaveis e galanteadoras; na sua vulgaridade inventiva:

"A la Snra. Da. Eliza Lynch.

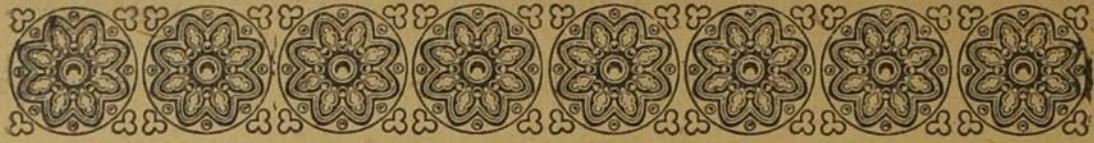
Assucion, agosto, 20 de 1862.

Pocos son los dias de dicha, muy estimada e interessante Señora: pero el haber podido apreciar muy de cerca las caras prendas que le adornan, ha sido uno de ellos para el que se honra en suscribirse. Su afmo. y Seguro Servidor.

Luis del Vecchio".

(Continúa)

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNNAY



IMPRESSÕES DE VIAJEM⁽¹⁾

De Iguaba ao Cabo-Frio, do Cabo á Armação dos Buzios

Ainda outra vez faço questão de insistir, todo o programma de reconstituição de Cabo-Frio depende só e só da estrada de ferro. Enquanto a Leopoldina não levar a ponta dos trilhos aonde se comprometteu a levar, Cabo-Frio ficará sendo uma cidade que ninguem conhece e de cujas probabilidades economicas ninguem suspeita. Já uma vez construida a estrada, as suas riquezas terão um surto expontaneo, e com o simples e facil trabalho de um prefeito activo e intelligente, ter-se-á uma cidade de verão e balnearia que, se estendendo da lagoa ás praias do Cabo, offerecerá aos veranistas o mais bello espectaculo que pode a natureza reservar aos olhos humanos.

O ARRAIAL

Ir á cidade de Cabo-Frio e não ir ao Arraial é o mais incompleto dos passeios. A belleza dos seus panoramas, a originalidade de costumes, a actividade e dignidade do cabista, assim chamado para se differençar do cabofriense ou filho da cidade, impressionam devéras ao observador mais vulgar.

E' um arraial modestissimo em que os homens pescam enquanto as mulheres fazem renda ou salgam o peixe, auxiliadas

(1) V. numero de Janeiro de 1919.

na labuta quotidiana pelas crianças. Todos trabalham e por maior que venha a ser a pobreza, o cabista, por principio de honra, não pede esmola a ninguem.

Si se lhes pergunta si A. ou B. é um homem serio, respondem immediata e invariavelmente que todo o cabista é verdadeiro.

Um velho que morrera, havia pouco, com quasi noventa annos, fora desfeiteado antes dos vinte, quando pretendia embarcar com outros companheiros numa canôa de pescaria. Dahi por diante jurou não mais entrar em canoa de pesca e cumprio a promessa morrendo pobre e velho na profissão de lenhador.

Si por acaso morre algum cabista na cidade, immediatamente o cadaver é carregado por grupos de quarenta ou oitenta companheiros afim de ser sepultado no cemiterio local.

Os enterros são acompanhados por individuos descalços ou de tamancos, sem luto, em mangas de camisa e de chapéu de palha de caboclo. Este é o trajo de rigor afim de que todos os amigos do morto possam acompanhal-o ainda mesmo quando não possuam a roupa preta, a botina e o chapéu escuro. Quando uma vez dizia alguem em presença de um cabista com um ar de bondosa malicia ser este tambem o trajo de rigor em dia de eleição, ouvi delle, sem magoa mas com mal disfarçada altivez, a resposta energica e decisiva — mas não pesamos ao candidato.

São todos amaveis sem affectação, gostam immenso de mostrar a belleza das suas praias e, no correr de qualquer palestra em que é muito commum o emprego do pronome — vós — sente-se sempre o caracter do homem obsequiador sem humilhação.

Com serem dignos, nem por isso põem de lado o bom gracejo a seu modo. Entrando uma vez em casa de um cabista relativamente abastada, que fez questão de minha presença ao jantar da familia, que então festejava as bodas de um filho, perguntei por curiosidade si ali não se cuidava na laboura. A resposta original e prompta confundio-me: a unica laboura daqui é a de pesca, mas ha entre nós alguns ourives. Não tardou, entre boas risadas, a explicação. Ourives é o homem que trabalha em ouro para ganhar dinheiro mas o é tambem o comprador de peixe em alta escala para revendel-o depois de salgado, secco e enfardado, trabalhando pois em dinheiro ou ouro para enriquecer.

E' de vel-os nos dias piscosos, deitados de bruços nas praias,

vigiando o peixe que se approxima enquanto com os dedos escrevem versos na areia. A metrica não os preoccupa muito, sinão a rima das syllabas e as taes estrophes serias desprovidas de interesse si não foram as ironias endereçadas aos companheiros formando a ideia principal do versejador.

POLITICA E RELIGIÃO

Tal como a cidade em tempos passados, o arraial que em matéria política forma quasi um só partido, está dividido em dois grupos que se hostilizam veladamente: o povo da praia do Anjo como lá chamam e o da praia Grande, os primeiros Barretos e Viannas e os segundos Felix e Alcantaras. Excusado é dizer que esta hostilidade é um caso intimo, uma especie de rixa de familia porque, si um cabista é offendido na cidade, o protesto do arraial é unanime e sem restricções.

São todos, excepto uma unica familia protestante, catholicos sem extremos mas tambem sem desleixos, collocando sempre imagens ou mesmo oratorios nas primeiras salas das casas e não pronunciando nunca a palavra — Deus — ou outra equivalente sem descobrirem a cabeça.

Um passeio ao Cabo é relativamente facil. Fiz dois, não gastando nunca siquer duas horas a cavallo. Andei, partindo da Cidade, cerca de legoa e meia pela praia até em frente a uma ilhota chamada do Pontal e dahi, o restante da caminhada colleando por entre um correr de collinas cobertas de pastagens e cardos sylvestres.

O CABO

O cabo propriamente fallando é formado por um rochedo tão alto e bem mais largo do que o Pão de Assucar, onde esbarram as aguas vindas sem interrupção de corrente desde Saquarema, um percurso de cerca de nove legoas. Ahi fica a praia Grande. Segue-se uma outra, impropriamente chamada praia, a Brava, pois não é mais do que uma das fachadas verticaes do rochedo batido violentamente pelo Oceano; vem em seguida a Praia do

Anjo entre o alludido rochedo e um outro de menores dimensões e por fim o remanso, lago ou gruta do Forno, a paizagem mais delicada e caprichosa do arraial.

Vi a praia do Forno depois de transpor a pé, pois é de todo impraticavel a travessia a cavallo, o morro ou antes paredão de granito que a separa da praia do Anjo. A caminhada foi quasi diabolica, pois, sendo o granito revestido de uma vegetação esquisita, rasteira e dura, em alguns pontos, e de cardos espinhosos noutros, tive de correr verdadeiros trilhos de cabras onde me salteiava constantemente a imaginação, a visão de uma jararaca infelizmente commum em todas as collinas do arraial. Mas eis que apóz dez minutos, si tanto, surgem-me aos olhos, como em apparição de extasis, os recortes indescriptiveis da praia encantada.

E' um quadrilatero que, medido pelos meus calculos oculares, devia ter oitocentos metros de largo sobre mil e quinhentos de fundo. No fundo e dos lados, paredões de granito com uma media de cem metros de altura e um desvio da vertical sobre as margens de cerca de trinta gráos, mas todos cobertos de luxuriosa vegetação, deixando apenas ver em pequenas clareiras a mancha cinzenta do granito descalvado.

A luz solar cár quebrada e irisada sobre as aguas e o som que vem de uma grande canôa prestes a partir, chega-me aos ouvidos produzindo um effeito magico de echo e amortecimento.

Não ha quem, vendo este remanso, aliás quasi uma gruta, onde as ondas sem força antes se desmangkan dō que se quebram sobre a praia de areia e granito polido, não evoque logo os recantos magicos, onde a phantasia popular primitiva criou a lenda que os povos cultos immortalizaram em poemas e canções nacionaes. A imaginação mais rude faz reviver logo a lenda da Mãe d'agua, carregando o barqueiro quebrantado para o fundo das ondas onde o espera no solio crystallino do palacio aquático o reagço, os filtros e o acalento da Yara das aguas. No emtanto é de extranhar que se não conheça uma só lenda a respeito desta praia, quando a de Saquarema onde a violencia das ondas não lembra como esta um recanto de lendas, transfigurações e milagres, conta no archivo da sua historia heroica um episodio dramatico capaz de immortalizar a mais triste e sensaborona das praias.

UMA LENDA

Quatro pescadores partiram numa canôa para o alto mar. No fim de algumas horas, sem que o pudesse perceber, da distancia de terra em que se achavam, o oceano começa a encrespar. A população do logarejo dá o signal convencionado, accendendo uma fogueira no outeiro da Igreja de Nossa Senhora de Nazareth. A canôa parte para a terra como uma flexa mas era tarde e, a cerca de quinhentos metros da praia, naufraga. Tres dos pescadores dão á costa são e salvos mas Manoel da Silveira Felix não apparece. Passam-se momentos de agonia entre desesperadas jaculatorias á Virgem do Sanctuario e Felix é colhido junto a um rochedo, pela tarrafa de Antonio José Tradim e arrastado para a praia, frio como um cadaver. As preces continuam invocando o prodigo de um milagre e o naufrago, que estivera bem meia hora submerso, dá signaes de vida e acorda. Não se lembra de mais nada sinão de que dormira e sonhara. E entre as lagrimas dos parentes e amigos, interrompidas por gestos nervosos de accões de graças, conta-lhes na sua simplicidade de pescador, que sonhara muito com Nossa Senhora de Nazareth que o auxiliava e protegia na mais movimentada e bonançosa das pescarias.

Como não seria mais bella a praia do Forno, si ahi houvesse dado a costa o pescador que sonhou com Nossa Senhora!

No entanto, o milagre immortalizou para sempre a praia de Saquarema, tão longe, a cerca de nove legoas de distancia do Cabo, na ultima extremidade da praia Grande, e, como esta, encapellada e terrivel. Ahi e na praia Brava a impressão de medo assoberba os olhos e a alma do observador. O perfil escuro e trôico do rochedo em cujo dorso se quebram as ondas enfurecidas e enormes lembra, em extraordinario contraste com a praia do Forno, o quadro camoneano de um novo Adamastor ameaçando agora invencivel o aventureiro ouzado que pretendesse acaso afrontar a raça livre dos seus velhos desencantadores.

UMA FORTALEZA COLONIAL

Bem na extremidade do rochedo que separa as duas praias, a do Forno e a do Anjo, consegui ver os alicerces, da velha fortâ-

leza colonial com quatro canhões de ferro iguaes aos de S. Matheus, num dos quaes vi a inscripção 44-14 e creio que ainda no mesmo a data — 1727.

Uma excellente vista para uma das extremidades da ilha do Pharol descontina-se deste ponto estrategico magnifico para a defesa das duas praias e do proprio sacco da ilha.

A praia do Anjo em frente á floresta montanhosa e escura da ilha é apertada entre dois rochedos, o da Fortaleza e o do Cabo, seria do genero da do Forno si não fora a presença deste ultimo e do das outras praias tirando-se-lhes o relativo remanso das aguas.

Pode-se, pois, sem exagero concluir que todas as praias do arraial formam, na escala das emoções humanas, um crescendo suave e imperceptivel, que começa na angelica delicadeza da praia do Forno e culmina na pavorosa brutalidade das praias Brava e Grande.

Estava na praia do Anjo ao sopé do Morro do Cabo ou do Telegrapho, como lá é conhecido, e ahi pergunto a um grupo de erianças qual o caminho da estação. A informação foi facil: apanhar o trilho na areia e depois a picada recentemente aberta pelo morro acima.

DO ALTO DO MORRO

Esporeio o cavallo e sigo a galope. Em menos de vinte minutos corro a picada cuidadosamente aberta pela parte do morro onde ha camadas de terra e uma abundante vegetação de cardos e outras plantas de restinga. Pelo caminho, enquanto vejo atravez das clareiras manchas azues do mar muito em baixo, vou prelibando a emoção final da chegada. Até que enfim, apeio, amarro o cavallo num moirão proximo ao edificio da estação telegraphica e ponho-me a palestrar com o agente. Em frente ao morro alonga-se a ilha do Pharol em sentido de leste-oeste, tendo na primeira direcção um morro muito alto e coberto de matta virgem, encimado pelo torreão do pharol velho, hoje abandonado, e na segunda uma collina muito menor, rochosa nuns pontos e arenosa noutras onde se acha o pharol novo, que aliás só é visto do oceano.

A ilha que parece continuar-se com o morro do Cabo, donde comtudo é separada por um canal de cerca de cento e quarenta metros de largura, forma entre as suas costas quasi sem praias e as do Forno e do Anjo um sacco de enormes dimensões e grande profundidade.

Numa sombra do edificio da estação, batida intensamente pelos ventos, põe-me o agente uma cadeira e em frente um magnifico oculo de alcance, um apparelho aperfeiçoado girando sobre tripeça, proprio para observações no alto mar.

Dahi donde estava comprehendo então porque foi retirado o pharol do ponto mais alto da ilha para o outro mais baixo: o cume do morro está constantemente coberto pelas nuvens.

Com o oculo cuidadosamente apontado em direcção á torre do pharol velho, aguardo com paciencia o momento em que as nuvens me dêm uma folga de alguns segundos para observal-o. Consigo-o mas tão de relance que mal posso ver uns vagos desenhos de um grande portão e creio que duas janellas no alto.

O sacco da Ilha não parece muito largo mas o telegraphista desenganou-me fazendo ver com o auxilio do oculo, numa de suas praias, aliás a unica, uma grande canôa de pescaria e varios bois que a olho nú se me afiguravam pontos escuros sem maior importancia. Pedi-lhe em seguida o obsequio de m'o assestar para a estrada do canal e olhei mas nada de mais vi, sinão o movimento das aguas indicando a corrente que acha caminho aberto e franco.

BOIS DE NOSSA SENHORA

De quem são aquelles bois? São de varios donos, embora denominados bois de Nossa Senhora. Desde varios annos era costume entre os cabistas offerecerem-se bois á Irmandade de Nossa Senhora dos Remedios, por occasião das festas á padroeira do arraial, afim de se lhe formar o patrimonio. Estes, na falta de um curral, eram soltos na ilha onde desappareciam e reproduziam-se pelas suas mattas ricas em forragem nativa. Laçar um boi destes, crescido ou mesmo nascido na floresta, era uma empreitada arriscada em que se não poderia saber qual o maior perigo, si o boi selvagem ou a jararaca traiçoeira. Assim pois foi se creando

uma raça de bois ilhéos do peso e desenvolvimento das melhores raças conhecidas.

Sabida de todos a excellencia das pastagens da floresta, começaram varias pessoas a fazer dellas uso commum e assim existem lá hoje bois de varios donos, sem talvez nada que authentique a propriedade. Futuramente será a ilha povoada pela boiada de Pedro Malazarte.

A praia do Anjo e o sacco da ilha são considerados por todos os cabistas como dando calado para qualquer navio de guerra e a do Forno, além de não ser considerada menos propria para fundeadouro, já accusou numa sondagem feita, ha alguns annos, pelo sr. José Jalles, que ahi pretendeu organizar o serviço de embarque de sal, sessenta braças de profundidade em alguns pontos e oito metros ao pé da antiga fortaleza.

PARA UMA BASE NAVAL

Mas o que faltará por ventura á praia do Forno afim de ser transformada em base de um porto militar? Parece que nada, responde-me o agente, é pelo menos essa a opinião de um official de marinha que por aqui andou em comissão do governo.

Tive sede e perguntei si havia ali agua filtrada. Não ha filtros mas ha uma excellente agua de chuva, aparada do telhado que não recebe poeiras, nem é procurado pelos urubús. Acceitei a agua e com agradecimentos montei a cavallo e parti.

Estava de malas promptas para vir para o Rio, quando em conversa com um amigo, Joaquim Nogueira, perguntou-me este si punha de lado o passeio a Armação dos Buzios. Já havíamos em tempo combinado a viagem, mas como fosse muito vago o compromisso anterior e, além disso, tivesse eu receio de molestar outro amigo que muito antes houvera feito offerecimento identico, aliás recusado por me parecer um transtorno á sua actividade funcional, fiquei na aborrecida situação de quem não podia, sem ferir certas normas de gentileza, insistir no auxilio offerecido por ambos.

A pergunta de Joaquim Nogueira veio pois salvar-me a situação e satisfazer ao meu melhor capricho, qual o de conhecer a ba-

hia gabada em todos os tons, até mesmo pelos que nunca a viram, como a melhor base de um porto militar no Brasil. Adiei a partida, acceitei alegremente o convite e marcamos dia e hora.

(Continúa).

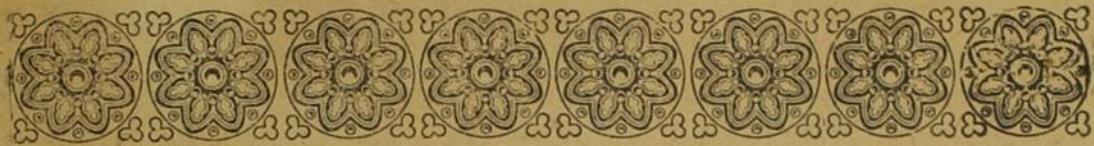
Porfirio Soares Netto



Dentista Amador, A Zimmermann



Passagem perigosa, A. Zimmermann



LINGUA VERNACULA

CONSULTAS E RESPOSTAS

II

Um assignante da "Revista do Brasil" escreve-me:

— "Li, ha tempos, num diario dessa capital:—"Urge corrigir-se
taes vocabulos..."

E numa outra: — "Não basta fazerem-se leis, etc.

Porque uma e outra forma? Qual a mais correcta?"

Um dos pontos mais contravertidos da sintaxe vernacula, e a cujo respeito ainda se não disse, felizmente, a ultima palavra, é — reconhecem-no todos — o emprego dos infinitivos.

As regras formuladas por Jeronymo Soares Barbosa e Frederico Diez — unicas dignas de registro até hoje — são optimas. Ambas, porém, são muito relativas, pois foram formuladas — não ha negar — sem uma observação minuciosa dos factos da linguagem.

E os factos da linguagem — diz Candido de Figueiredo — "constituem o corpo da lingua, e precedem todas as teorias, todas as gramáticas, e todas as discussões filológicas." A regra de Frederico Diez, por exemplo, autoriza estes dislates: (1) — "Viajemos para aprendermos", "deixei entrarem os inimigos"; etc.

Um dos melhores trabalhos que conheço sobre o assumpto é o do dr. Carlos Góes, do Gymnasio de Belo Horizonte, publicado em o **Jornal do Commercio** de 18 de Julho de 1915. Devo acrescentar que, entre os modernos escriptores, o que, a meu ver, empregava os infinitivos com mais correção era Herculano, considerado por G.

(1) — Dislates, entretanto, que se podem apadrinhar com exemplos de Camões e outros.

Vianna "o mais vernáculo, rigoroso e perfeito escriptor do século passado." Concluindo: ambas as formas citadas por um assignante da "Revista do Brasil" são usadas. Eu, porém, partindo do principio — verdadeiro axioma para mim — que infinitivo impessoal constitue a regra e o pessoal a excepção, opto pela primeira: (2) "Urge corrigir-se taes vocabulos..."

Ou, melhor ainda: "Urge corrigir taes vocabulos..."

Nem a clareza, nem o rythmo da phrase, creio, soffrem com a minha preferencia.

Eis, sub censura e salvo meliori judicio, o meu parecer.

Ruy Assis quer saber por que damos o nome de "facultativos" aos medicos. Nunca pensei sobre o caso, francamente. Creio, entretanto, o seguinte: o medico — dizem-no todos — é um verdadeiro sacerdote. Embora ingrata, muito ingrata, exerce elle a profissão mais nobre que existe. A vida do medico está constantemente em perigo. Arriscar a propria vida para salvar a dos outros, principalmente quando grassam molestias contagiosas, é mais do que humano: é divino. Todos nós, quando um ente querido ou um amigo dedicado está enfermo, nada fazemos sem ordem do medico. Reconhecemos, portanto, que elle é o unico competente para ordenar que se faça ou se deixe de fazer tal ou tal coisa em pról do nosso doente. Elle governa tudo: prescreve os medicamentos; aconselha a dieta precisa; consola os parentes; etc. O medico, pois, tem poderes, tem "faculdades" que os demais diplomados jamais hão de ter. Eis, por conseguinte, a razão por que, a meu ver, chamamos "facultativos" aos medicos.

Não devo terminar sem dizer ao sr.. Ruy Assis que não é portuguesa a sintaxe "chamar de": é sintaxe brasileira. Leia o sr. Ruy dois artiguelhos que escrevi sobre o assumpto, publicados em o "Diario Popular", de 30 de Novembro e 5 de Dezembro de 1918, e convencer-se-á, supponho, que na phrase "chamamos de facultativos" o "de" é demais. Os nossos maiores, como Vieira, por exemplo, "que" — diz Carlos de Laet — "fixou a sintaxe vernacular", sempre escreveram assim: "...que com igual e maior razão se podem "chamar" milagres."

III

De uma carta de "Ignotus", de Tietê, transcreve o seguinte: — "Desejo muito ouvir a opinião de V. S. sobre a seguinte construc-

(2) — O dr. Carlos Góes autoriza, se me não engano, a flexão do infinitivo no caso presente.

ção: — "Compete aos juizes de direito "conhecerem dos" despa-chos de pronuncia, sem prejuizo de allegação, como materia de defesa, no plenario, da justificativa, dos arts. 32 e 35 do Cod. Pen.", ou "Compete aos juizes de direito "conhecer" nos despa-chos de pronuncia etc. "das" justificativas, etc."

Prefiro e aconselho a segunda: — "Compete" aos juizes de direito "conhecer..."

Pelo visto, "Ignotus" hesita, e com toda razão, sobre o emprego dos infinitivos. Sobre o assumpto muito se tem discutido, sendo digna de menção, sob todos os pontos de vista, a discussão que houve ha poucos annos entre os drs. Ruy Barbosa e Ernesto Car-neiro Ribeiro.

Uns seguem as regras formuladas por Jeronymo Soares Barbo-sa, autor da "Grammatica Philosophica", e outros as de F. Diez.

Grammaticos ha, até, como, se me não engano, o sr. Eduardo Carlos Pereira, que procuraram conciliar ambas as theorias, isto é, a do velho grammatico português e a do notavel philologo alle-mão.

Ultimamente publicou um substancioso trabalho sobre o assumpto o dr. Carlos Góes, de Bello Horizonte, trabalho que se encontra na "Syntaxe de Concordancia" do referido grammatico mi-neiro.

Compre "Ignotus" a obra citada, que lerá, creio, com summo prazer, e verificará a minha affirmativa.

Quanto a genero do vocabulo "larynge", saiba "Ignotus" que só compulsou diccionarios de pouco ou nenhum valor em questões de linguagem, como, por exemplo, o de João de Deus.

O diccionario de Moraes, do velho Moraes, não passou — diz Candido de Figueiredo e, supponho, tambem Leite de Vasconcellos — da segunda edição. Qual a edição que possue "Ignotus"? A quarta, provavelmente.

Para que "Ignotus" se convença que "a larynge" é a unica forma que devemos adoptar, aqui estão exemplos autorizados: o primeiro foi subscripto por Camillo e o segundo pelo dr. Mendes dos Remedios, da Universidade de Coimbra.

"Solta d'essa larynge..."

("Annos de Prosa", Lisboa, 1904, p. 161.)

"Destes orgãos o mais essencial é "a larynge..."

(Introducção á "Historia da Literatura Portuguesa", Coimbra, 1911, p. p. 1.)

ANTONIO MAURO



VOCABULARIO ANALOGICO

CORES E SIGNAES DE BOIS

Albistellado, que tem estrellas ou manchas brancas. Cortesão, Subsidios.

Almarado, que tem em volta dos olhos uma circumferencia de cõr differente da do resto da cabeça.

Alvação, fumaça, claro.

Araçá, (bras.), amarelo mascarado ou matizado de preto.

Barroso, (bras.), branco, amarelo pallido ou branco acinzentado.

Bisco, que possue um chifre mais baixo do que o outro.

Bocalvo, de focinho e cabeça escura.

Borralho, cõr de cinza.

Botineiro, que tem as pernas de cõr differente das do resto do corpo.

Braúna, (bras.), muito preto.

Brazino, (bras. do Sul), de pêllo vermelho com listas pretas.

Broco, que tem um ou ambos os chifres pequenos e cheios de rugas. R. Magalhães, Voc. Popular.

Cabano, que tem as pontas horisontaes ou um tanto voltadas para baixo.

Caldeiro, que apresenta os chifres um tanto baixos e menos unidos que os dos gaiolos.

Cambraia, (bras.), inteiramente branco.

Camurça, amarelo claro.

Capirote, de cabeça e pescoco da mesma cõr e pintas differentes no resto do corpo.

Capuchinho, que desde a fronte á parte superior do pescoco, tem cõr differente da do resto do corpo.

Caraúna, (bras.), muito preto: "Meu boi preto caraúna." Sylvio Romero, Contos populares, I, 80.

Cardim, branco e preto.

Castanho, cõr de castanha.

Chamurro, boi mal castrado. R. Magalhães, Voc. Popular.

Chifres, que possue os seguintes synonyms: — armação, armadura, armas, chavélos, aspas, cornos, galhada, galhas, galhos, guampa, hastes, palitos, pontas, paus, tócos.

- Chita, ou chitado, (bras.), pintadinho de branco, e vermelho.
- Chumbado, de qualquer cõr, geralmente branco, vermelho ou castanho, chumbado de preto.
- Churriado, (bras. do Sul), pêllo em que, sobre o pelame vermelho ou preto, notam-se extensas listas brancas.
- Colorado, (bras. do Sul), vermelho, encarnado.
- Cornalão, de chifres muito grandes.
- Corneta, (bras.), que tem falta de um dos chifres ou que possue algum delles quebrados.
- Corombó, (bras. do Norte), de chifres pequenos, ou quebrados.
- Cubéto, que possue hastes muito caidas e quazi juntas nas pontas.
- Combuco, (bras. do Norte), que tem os chifres curvos para baixo.
- Ensabanado, de pêllo todo branco.
- Escaraldo, diz-se dos chifres, quando se desfiam, batendo de encontro a objectos resistentes.
- Espaceo, (bras.), que tem os chifres abertos.
- Estorninho, zaino com pequenas manchas brancas.
- Fubá, (bras. do Norte), de cõr azul escuro. R. Magalhães, Voc. Popular.
- Fumaça, (bras.), vermelho tirante a preto.
- Fusco, castanho escuro ou amarelo escuro, puxado á fumaça.
- Gaiolo, que tem os chifres em forma de meia lua e muito proximos nas pontas.
- Hôsco, (bras. do Sul), com os lados das costellas vermelhas e o resto do corpo tostado escuro, ou o corpo todo escuro carregado, menos a cabeça que é vermelha.
- Jaguaney, (bras. do Sul), que tem branco o fio do lombo, preto ou vermelho o lado das costellas, e de ordinario branca a barriga. Romaguera dá jaguané.
- Laranjo, (bras.), cõr de laranja.
- Listão, que tem no dorso uma lista de cõr differente da do resto do corpo.
- Lobuno, (bras. do Sul), o que tem o pêllo escuro e um tanto acinzentado como o do lobo.
- Lombardo, ou Lompardo, negro com o lombo acastanhado.
- Machacá, (bras. do Norte), boi mal castrado.
- Malacara, (bras. do Sul), de testa branca com uma lista branca do focinho ao alto da cabeça.
- Mal-armado, que tem chifres defeituosos.
- Malhado, ou lavrado, listado, betado de preto e castanho. Outras vezes manchado, ou raiado de castanho claro e escuro, conforme Ruy Barbosa, Lições de Coisas, 193.
- Mascarado, que tem a cara branca.
- Meano, que tem branco o pêllo dos orgãos reproductores.
- Môcho, que não tem chifres.
- Mogão, de chifres sem pontas.
- Moico, (prov. trasm.), privado de um dos chifres ou de ambos.
- Moreno, (bras.), menos avermelhado que retinto.
- Mouro, (bras. do Sul), ipreto salpicado de pintinhos brancas.
- Nambijú, (bras. do Sul), o que, apresentando a cõr ou pêllo baio-pangaré, tem as orelhas amarellas. Romaguera, Voc. Sul-Rio-Grandense.
- Nevado, que tem algumas pequenas manchas brancas.
- Nilo, (bras. do Sul), com a cabeça ou metade della branca e o resto do corpo de outra cõr.
- Oveiro, (bras. do Sul), que tem malhas vermelhas ou pretas sobre o corpo branco, ou vice-versa.

Pampa, (bras. do Sul), o mesmo que Nilo.
 Parrado, (prov. trasm.), que tem as orelhas caídas.
 Pinheiro, (bras. do Norte), que possue os chifres direitos.
 Pintarroxo, pintado de castanho claro.
 Pombo, branco ou camurça, com os olhos brancos.
 Punaré, (bras.), amarellado:

"O signal desta vaquinha?
 Cara branca **pumaré**,
 Traz o ferro do Burel,
 Não tem cauda, é coché."

S. Romero, Cantos Pop., I, 89.

Rabicho, que não tem pêlo na extremidade da cauda.
 Retinto, que tem similhante ao dos cavallos castanhos.
 Rosado, branco, mesclado de amarelo, vermelho ou preto.
 Rouxinol, da côr do passaro de igual nome:

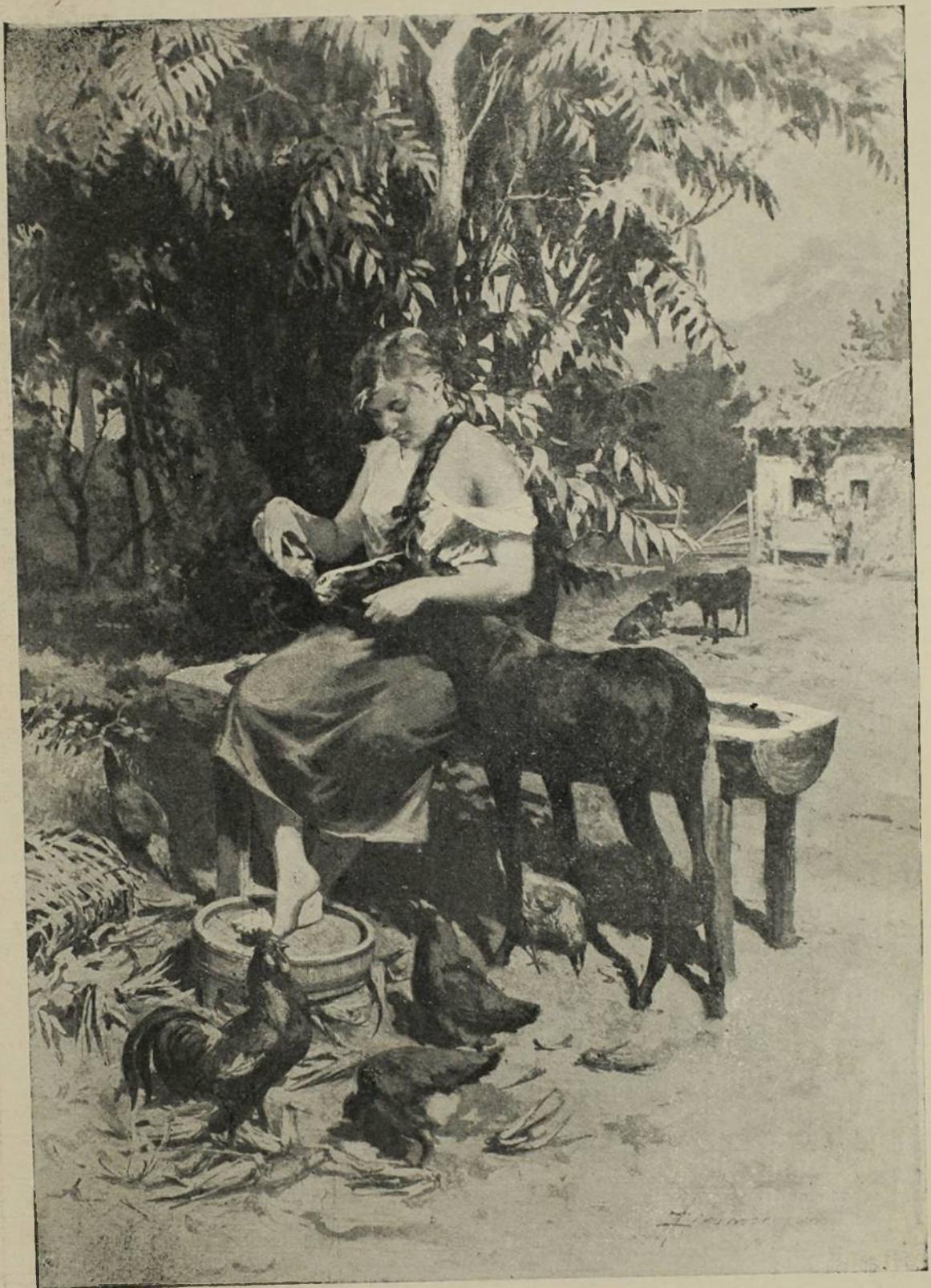
"Encontrei numa maiada
 Tres rezes brancas, uma lavrada,
 Tres castanhas requeimadas,
 E uma rouxinol **disfarçada**."

S. Romero, Cantos Pop., I, 89.

Salino, (bras. do Sul), com o corpo salpicado de pintas **brancas**, pretas ou vermelhas.

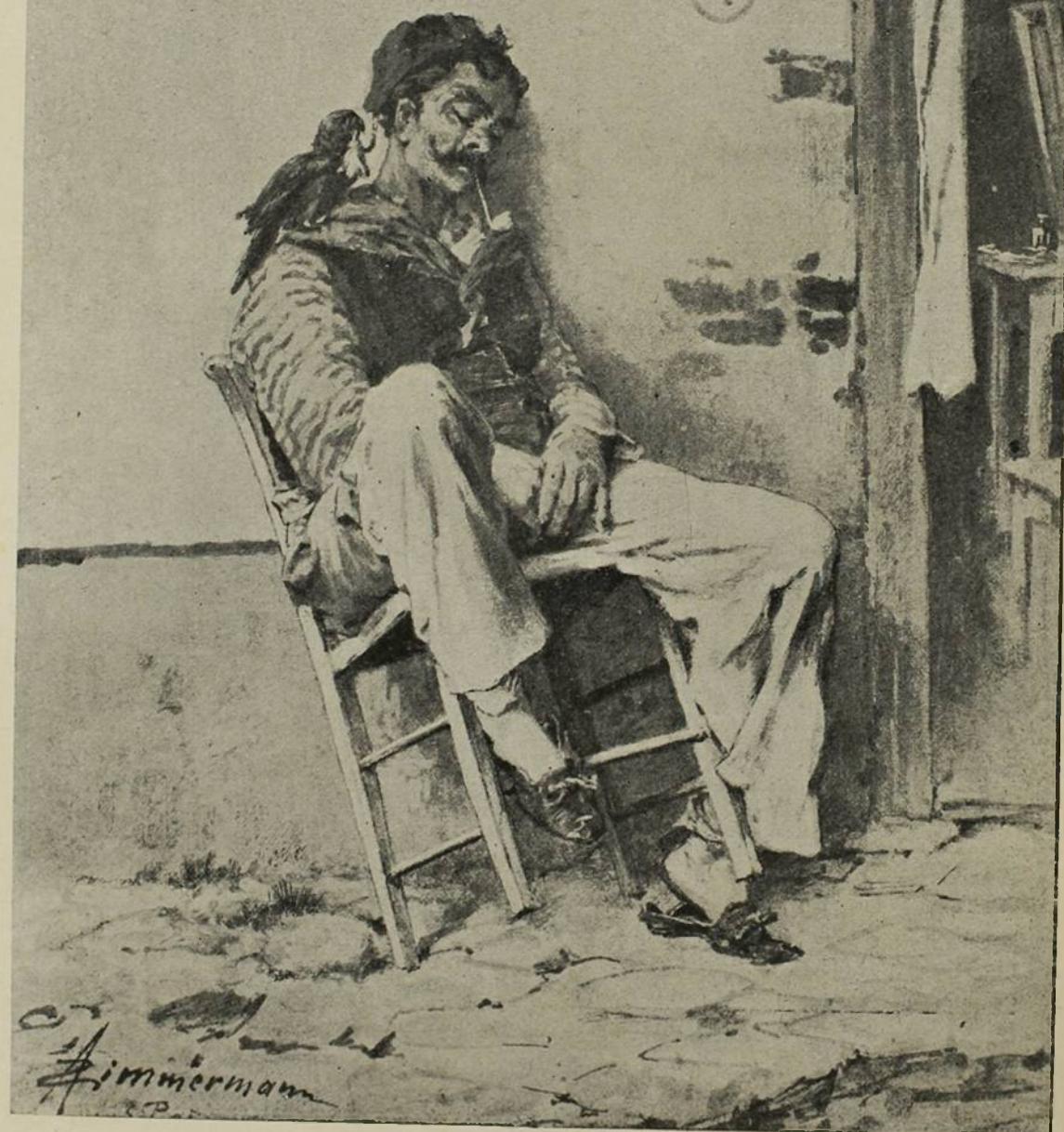
Salmilhado, (bras.), salpicado de branco e amarelo.
 Silveiro, que tem uma malha branca na testa, sendo escura a cabeça.
 Troncho, (bras.), aquelle a que falta uma orelha.
 Varreiro, que tem o corpo mais comprido do que é vulgar.
 Vinagre, que tem o pêlo castanho claro, tirante a rubro.

FIRMINO COSTA



O orfão, A. Zimmermann

O Barbeiro
é aqui.



Barbeiro de Imbituba, A. Zimmermann



ARTES E ARTISTAS

AURELIO ZIMMERMANN

A natureza brasilica é mais grata a estrangeiros do que a nacionaes. Grata no duplo sentido de agradavel e agradecida. Sedulos, impressiona-os mais; bem como deve a elles os mais serios estudos até hoje feitos.

Martius, Spix, Bates, Landsdorff, S. Hilaire, Lund, Agassiz, a sciencia enfileira toda uma cohorte de notabilissimos nomes exóticos aos quaes com difficuldade oppomos indigenas de igual valor.

Tambem nos dominios do desenho não sabemos de obra nacional equivalente ás composições de Debret, Rugendas, Danvin, Vandelbduck e outros.

E' natural o phenomeno e não vale deblaterar contra. Natureza de casa não faz milagre, nem nunca fundamente impressionará criaturas que formam com ella parte integrante.

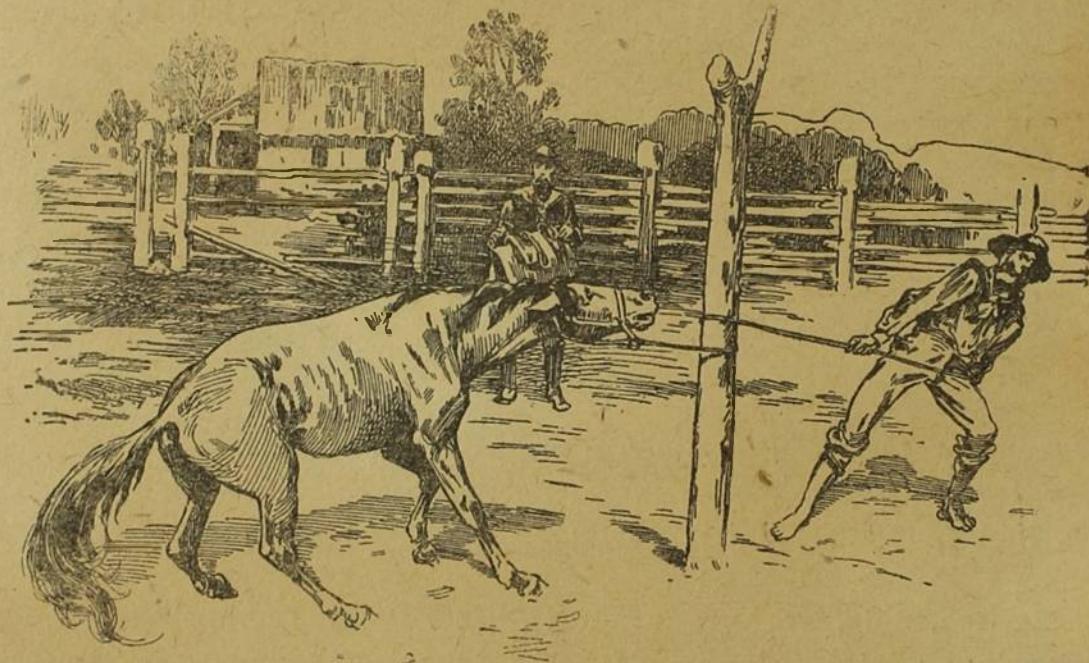
Assim, o mesmo artista embotado á comprehensão das coisas da terra natal, se muda de ambiente, extasia-se, sensibilisa-se e sente desabrochado no peito o esto da creatividade.

Isto explica o caso de Aurelio Zimmermann. Nascido em Breslau, em 1854, estudou desenho em Berlim sob a direcção de Thumann e aperfeiçoou-se em Dresde sob a de Pohle. Em seguida retorna a Berlim, casa-se e... mergulha no Rio dos Bugres, em S. Catharina, em pleno seio da natureza bruta, longe meia legua do mais proximo vizinho.

Ali vive um anno; e vive dez, em seguida, no Rio Preto, território contestado. Em 1905 muda-se para S. Paulo, donde não mais saiu até hoje.

Este estagio em pleno ambiente selvatico affeçoou-o para sempre e deu a Zimmermann um'alma bem mais brasileira do que a dos que assim a tem por contingencia de nascimento..

Dotado de excepcionaes dons estheticos, e apetachado d'uma tecnica verdadeiramente maravilhosa, Zimmermann, neste interregno de vida ao ar livre, construiu uma obra que se impõe ao respeito e á admiração. Fiel interprete do que viu e sentiu, suas composições formam algo aparte no acervo da arte brasileira. Costumes



Desenho de A. Zimmermann

sulinos, gau'chadas, violencias da vida semi-selvagem dos sertanejos, a lucta do homem contra a hostilidade ambiente, a feição da terra nova apenas explorada pelos pioneiros do povoamento, o desgarre deste pioneiro em plena lucta de adaptação, todas as caracte- rísticas do formidavel e inconsciente embate elle as resume em telas de primorosa factura. Examinando-as, -o que admira antes de tudo é a potencia imaginativa do artista posta a serviço da mais consumada arte de compor.

São devéras notaveis as qualidades ressaltantes á primeira vista, o garbo, a facilidade, o "á vontade" com que elle dispõe personagens em scenas, harmonicas e as loca no mais adequado enquadramento natural. Admira em seguida a mestria soberba da technica que não pede meças á dos grandes desenhistas. Disto resulta

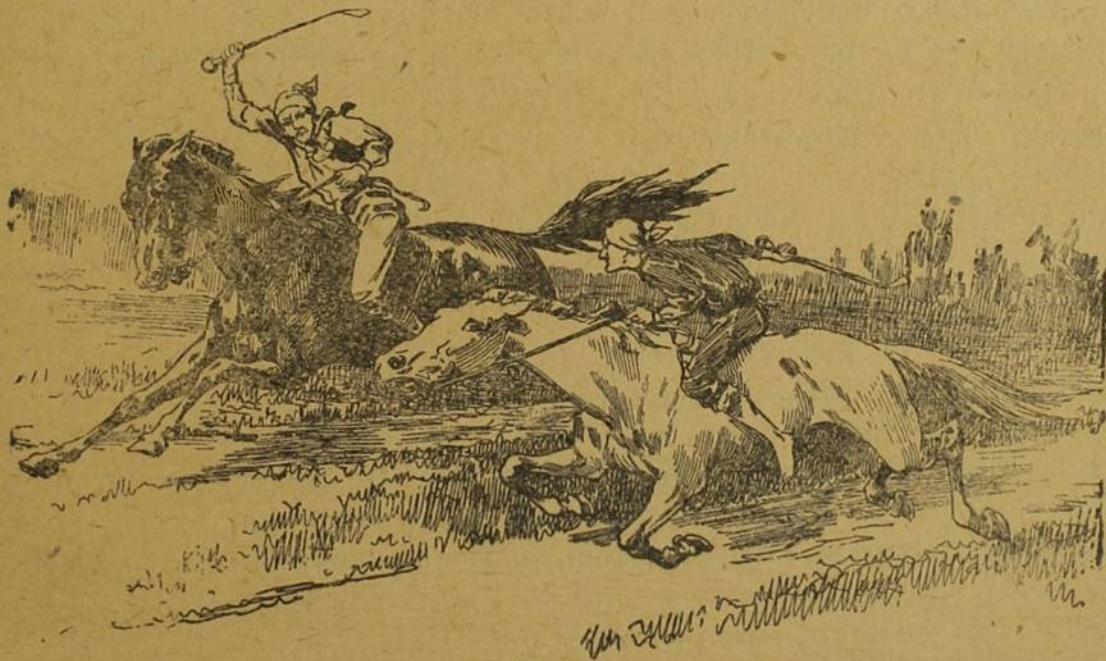
tornar-se cada quadrinho de Zimmermann uma perfeita obra prima, das que nos levam os olhos e tanto mais admiramos quanto mais as contemplamos.

As gravuras reproduzidas dão pallida idéa da sua obra. No *Orphã* reunem-se em epitome todas qualidades mestras do pintor.

Harmonia de conjunto, elegancia de composição, equilibrio das partes, factura inexcedivel, e, pairante sobre tudo, uma suave aura de poesia bucolica. A figura da menina sentada é sem duvida o mais gracioso desenho de mulher jamais feito entre nós.

No *Bebe ladrão!* já se revela outra feição do seu temperamento, amigo de apanhar ao vivo scenas semi-barbaras da vida do Sul. Como desenho e arranjo é magistral, deixando a perder de vista o que ha por ahí de similar ao genero. A figura do menino, no primeiro plano, a expressão do seu sorriso ingenuo e curioso, valem por si toda uma escola de pintura.

Fim de combate, Mau pouso e Corre! Corre! pertencem ao mesmo genero episodico, muito da predilecção do autor. No ultimo delles o estudo dos animaes em desapoderado galope, o enlace desesperado do fugitivo, o jogo do laço pelo mais proximo perseguidor, a vida e o movimento de toda a scena, fazem da composição uma obra d'arte sem par, sufficiente por si só á consagração dum nome.



Desenho de A. Zimmermann

No *Carrasco*, *Barbeiro de Embituva*, e *Bicho do pé*, revela-se-nos elle sob uma faceta nova, a humoristica, e ainda aqui consegue alçar-se á plana onde, entre nós, não tem companheiro.

Deste rapido exame da sua obra resulta uma complexa persona-

lidade de artista integral, --poeta romantico e humorista a um tempo. Entretanto, Zimmermann vive na penumbra, mal conhecido, assistindo ao triumpho das gralhas empavonadas. Seus trabalhos desconhecidos por cá, circulam no velho mundo sob forma de ilustrações de magnificas revistas d'arte. Não deixa de ser desairoso para nós o facto de possuirmos integrado no nosso meio social, ha 30 annos, um artista deste valor sem que nos apercebamos disso...

Empenhada em revelal-o ao paiz onde consumiu 30 annos de actividade artistica, a "Revista do Brasil" procurará em numeros subsequentes reproduzir novos trabalhos seus, na generalidade emigrados para a Allemanha. Será isso um deleite para os leitores da revista e ainda maliciosa lição aos collegas indigenas que "não acham por aqui o que pintar", e vivem chorando pelas scenasinhas classicas da sediça Bretanha...

CAMPOS AYRES

Campos Ayres, um dos pintores sahidos do Pensionato Artístico, expõe actualmente uma serie de 48 quadros, resultantes da sua ultima excursão pelo interior do Estado.

Accentuam-se nelles a sua feição esthetica. Ayres é um miniaturista que só tem entre nós companheiro em Pedro Weingartner, o mestre do genero. Caracterisa-lhe a arte a minucia cuidadosamente vista e honestamente reproduzida, sem arrojos desnorteadores do publico nem truques de atelier. Paysagista, vê-se que pintou ao ar livre, em plena natureza, escolhendo, porém, os momentos de maiores effeitos poeticos, os crepusculos, as manhãs, as resteas de sol isoladas. Elegera como thema dilecto a paysagem triste dos nossos campos de macega e barba de bode, vestimenta pobre, denunciativa da reiterada queima da terra.

Vagos capões de matto e uma ou outra arvore mais feliz são os unicos vestigios da passada exuberancia. O homem turturou a terra, desnudou-a, fez-a um deserto arido e tristonho, Ayres, reproduzindo fielmente essa paysagem, consegue, por suggestão, comunicar ao espectador a melancolia da terra suppliciada. A Revista reproduzindo varias telas desse talentoso artista presta-lhe a homenagem que por todos os motivos lhe é devida.



BIBLIOGRAPHIA

JOSE' TEIXEIRA REGO — Nova theoria do sacrificio — Ed. "Renascença Portugueza" — Porto — 1918

Iniciada a critica, em começo do seculo passado, pelos irmãos Schlegel, rumo novo tomou a philosophia, assentada que foi então sobre outras bases, mais amplas e mais solidas que a mera especulação e a simples mathematica. Extenderam-se os estudos aos innumereis factos que constituem a vida complexa da especie, instaurando-se desde a linguistica — summa de necessidades sociaes inadiáveis — até a sciencia das religiões e dos mythos, productos das necessidades espirituales do homem. O campo é infinito e, por isso, ainda hoje e sempre, não de todo explorado: — linguas, arte, mythologia, lendas, tradições, costumes, moral e crenças.

Não admira, pois, o apparecimento de um livro intitulado — **Nova theoria do sacrificio**, e que é "como que a introdução a um sistema de philosophia". Se a simples investigação, a escavação apenas de novos elementos nesse genero é sempre fecunda, mais o é a margem que ao pensador offerecem para theorias interpretativas e systemas philosophicos. A critica, como no livro do sr. Teixeira Rego, é, sempre, estudo interessantissimo e absorvente pelo mundo de suggestões que nos abre ao espirito.

Lemos com prazer este ensaio, que sem favor se dirá magnifico. Linguagem correntia, como expressão de ideias claras, ordem e metodo de exposição constituem seus meritos de estylo, utilisados de modo a vehicular promptamente á intelligencia do leitor os fructos de uma erudição vasta e cultura aprimorada.

Em synthese, diz o autor o seguinte, nas duzentas e cincoenta páginas do seu bello estudo:

Entre os mythos do peccado original e da consequente quéda do homem ha, nos mais dispares e afastados agrupamentos humanos, um liame imperturbavel — o homem caiu por um alimento, seja vegetal, seja animal. Ora, — dil-o a sciencia — o estomago humano, como o do simio, é o de um frugivoro. Logo, aquelles mythos são a representação symbolica de uma grande mudança no regimen alimentar dos primeiros homens, ainda quando quasi anthropoides. Para que uma tradição se conserve tão viva em todos os povos, seria indispensavel que representasse alguma cousa assim profundamente modificadora da especie. Estaria, pois, não no fructo prohibido,

porém no primeiro animal sacrificado ao appetite dos Adões, a causa do peccado. A imaginativa de innumerias gerações, auxiliada pelo estro dos sacerdotes, teria modificado fundamentalmente a memoria da maior das revoluções por que tem passado a humanidade: — transição para o regimen carnívoro, seguida de extraordinarios phenomenos.

"Depois da quēda, de comer o fructo fatal, a carne, esta vida feliz volveu-se no mais horrivel martyrio. Veiu a nudez (a quēda do pello) circumstancia mencionada nalguns mythos congeneres, e que já vimos ser uma consequencia do regimen carneo dos simianos."

"Esta mudança de regimen foi, quanto a nós, o facto capital da especie, pelas consequencias que acarretou. A' vida livre, ociosa, arboricola, frugivora, do anthropoide na floresta, sucedeu a necessidade de caçar a presa, o desenvolvimento do cerebro, diuturnamente ocupado nos ardis da caça, as doenças occasionadas por alimentos a que o seu organismo não estava habituado, a necessidade da defesa contra os animaes que, reagindo, passassem de perseguidos a perseguidores, e, seguidamente, os rudimentos da civilisação mercê do desenvolvimento mental, os excessos sexuaes com a quebra da normal periodicidade, a familia, as habitações, a fabricação de instrumentos e a guerra com todos os seus horrores. Foi a origem do bem e a origem do mal."

Esse, o acontecimento que os mythos adamicos symbolisam e que os sacrificios dramatisam. Essa, a these desenvolvida admiravelmente pelo autor nesta sua obra, que constitue, além de um solido tratado sobre a materia, um livro raro na bibliographia portugueza, em que escasseiam as producções de caracter nimicamente philosophico.

**OCTAVIO AUGUSTO — Fausto e Asvérus — Poema
— Ed. Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1919**

Entre os versos que de commum se escrevem, estes se destacam. Não só technica perfeita existe nelles, porém alguma cousa mais: — pensamentos e idéas. O sr. Octavio Augusto a poetar é, coisa rara, um philosopho que pensa. Versos conceituosos e bem feitos, concepção clara e composição eloquentemente chocante são as qualidades do seu bello poema. A urdidura simples, traçada por moldes estrictamente artisticos, impressiona forte e captiva agradavelmente.

Fausto e Asverus, o peccador e o asceta, o homem que gosa e o homem que se penitencia, significam bem a eterna lucta intima dos humanos, tão exactamente figurada pelo poeta. Um é o anseio para a immortalidade terrena e o outro, para a eternidade do outro mundo. Encontram-se em caminho quem vê em

"Margarida!... Apogeu da vida transitoria!
O maximo do amor e o maximo da gloria!"

e quem procura

"A morte, sim! Procuro embalde em mim fixal-a.
Procuro-a, mas não sei qual o halito que exala.
Quantas vezes busquei comprehendel-a, atrail-a.
Sempre que a vi, achei uma vida tranquilla

Em vez de horror, tristeza e abyssmos tenebrosos...
Quando ás vezes a tive entre os dedos sequiosos
Sempre essa voz ouvi que me disse: — "Caminha,
Anda, não pares. "E eu segui a sina minha.
Não parar! Não morrer! Em toda a eternidade,
Como um éco da Cruz, a minha imagem ha-de
Rolar como um labéu ante a face da terra,
Mostrando ao mundo a eternidade que me aterra,
Exhibindo ao planeta, á feição de um sudario,
Toda a recordação do drama do calvario.

E' natural o encontro, que embos são os incontentados da vida
e do mundo.

"Vamos. Segue-me. Aprenderás commigo,
Sorrindo ao teu irmão, beijando o teu amigo,
Dois mil annos de angustia, esperança e saudade,
E quanto vale e pesa esta immortalidade!
Aprenderás a amar toda a tua velhice!"

Ahi a razão do livro, que sobejamente justifica a contraposição
de um e outro typo, unindo-os, depois de contrastal-os. Juntos, por-
ém, não seguem. A concordancia é rapida e a separação, imme-
diata.

A Vóz de Margarida, ballada que é uma obra prima, desperta os
instinctos humanos e Fausto ficara

"Para o bem, para o mal, para a perpetua historia
Do homem e o seu lamento! E serei, como tudo
No amplo seio sensual deste universo mudo
Um pouco de materia, um pouco de mentira
Para a verdade ideal a que minha alma aspira!"

Em traços largos, este e entrecho que, á sublime poesia sabiamen-
te junta o profundo.

Bellezas de minucia, de imagem, de conceito, de lingua não es-
cassem. Cital-as-iamos ás muitas.

Assim, alma de poeta, espirito de philosopho, Octavio Augusto em
Fausto e Asverus, realisa o ideal, porque realisa a si mesmo.

Ao poema acompanha um prefacio em que o autor versa brilhan-
temente o seu thema, fazendo a professão de fé de sua philosophia
e de sua arte. E' um estudo por muitos titulos digno de leitura.

O capitulo, por exemplo, em que se justifica da escolha do ale-
xandrino, é uma analyse perfeita. Não resistimos á idea de trans-
crevel-o:

"Não me sorri a obrigação, se ella existe, de explicar todos os mo-
tivos de arte que me levam a uma dada metrificação. Contento-

me em constatar que o alexandrino ainda não deu em portuguez toda a energia, toda a magestosa amplitude de que é capaz. E' o verso mais bello que se possa imaginar. Nenhuma outra medida pode vibrar com tanta gravidade, tanta elegancia austera, tanta espiritualidade. Completa-se por si mesmo, com um piano substituindo uma orchestra. Ha nelle todas as notas harmoniosas que podem dar os outros.

Divididos em dois hemistichios, tem a melodia das redondilhas. Seccionado em um de dez e outro de dois, patenteia a heroicidade tradicional do decassylabo, prolongado por um delicado verso de duas vozes. Invertida a ordem de divisão, revela uma curta phrase dissylabica, a resoar em seguida, multiplice, no metro camoneano. Repartido o seu amplo rythmo em quatro medidas eguaes, assombra e encanta o ouvido pela repetição sonora dos versos de tres syllabas. Dahi o poder magico do alexandrino quaternario. Subdividido em seis pausas symetricas, dá o maravilhoso do verso hugoano, que pela sua repercussão acustica nos orgams auditivos produz a impressão singular de um echo inextinguivel, uma sonoridade que não acaba. E' o alexandrino proprio dos extasis felizes. Cadeiado em tres pausas de quatro syllabas metricas, com ou sem a elisão classica, temos este mimo da poesia moderna, o ternario, prodigo contra a monotonia do binario, mas cheio de perigos.

Por estas e muitas outras razões, humanas e divinas, é que o alexandrino é o mais difficulte e o mais exigente de todos os versos. E' o tormento do poeta, a angustia do artista."

AFRANIO PEIXOTO — POEIRA DA ESTRADA —
Ed. da Livraria F. Alves — Rio — 1918.

Afranio Peixoto desde a *Esphinge* se nos patenteou um dos nossos mais vigorosos prosadores. Entre os brasileiros é daquelles que escrevem com arte, escrevendo alguma coisa. Nem o malabarismo de palavras, nem o seco relato de um thema — o que sae de sua penna tem o merito, que não é vulgar, de alliar um e outro: fundo e forma. Não o desnorteia a volupia da phrase. O prazer da ideia, antes, é que dirige a palavra, no que, aliás, consiste toda a arte de escrever.

Leia-se, por exemplo, esta sua — *Poeira da estrada*, encantadora collecção de estudos literarios.

Abre-a o discurso de sua recepção na Academia. E' uma peça notável como analyse, bella como psychologia. Successor de Euclides, estuda-o com talento. Criticando-lhe o estyo barbaro, mas maravilhoso, usa desse mesmo estylo: — os mesmos arranques, as mesmas surpresas, o mesmo fuzilar de impressões inéditas, de ideias brilhantes.

Si cada assumpto tem o seu estylo, nada mais justo que analysar o auctor d'"Os Sertões" com as suas proprias armas. E só assim elle é abordavel. Comprehendeu-o bem Afranio Peixoto e melhor o executou, dando-nos uma pagina viva de impressionismo.

Já noutros assumptos não é o mesmo. Assim, ao estudar Raymundo Corrêa. Dir-se-ia que a bondade do poeta, a delicadeza de suas

emoções lhe desbastaram e amaciaram o cálamo para a narrativa simples dum viver tambem simples, embora continuamente torturado.

Em "Rousseau e o mundo contemporaneo" revela-se-nos o pensador equilibrado. Apanha em synthese a obra phylosophica desse poeta, erigido patrono de todas as democracias e republicas e conclue, referindo-se á obra inconsciente do "genio de um vagabundo e de um louco":

"O Romantismo, os novos methodos de educação, a Revolução Franceza, com a Convenção e o Terror, as reivindicações libertarias ulteriores do suffragio universal e do socialismo do Estado, todos os fundamentos da democracia moderna, pela republica, com o governo popular... um seculo de dores e aspirações da humanidade..."

E até, por uma contradicção, digna de Rousseau, as perseguições religiosas e as intransigencias da cultura leiga na França contemporanea reclamam de sua disciplina, das doutrinas do pobre Jean Jacques, que era crente fervoroso e ensinara a duvidar da presumida sciencia dos Enciclopedistas..."

Assim vae, o mundo... conduzido, para vossa humilhação, por actos vãos e por palavras loucas..."

"Pelo mesmo diapasão afinal outras paginas, dignas de leitura: — elles encantam e aproveitam ao espirito.

BELISARIO PENNA — Conferencias — (Sobre o problema medico-social no Brasil) — Typ. do "Journal do Commercio" — Rio — 1919.

O dr. Belisario Penna, o hygienista notável cuja operosidade e saber tem sido nestes ultimos annos um dos factores mais activos e eficientes na campanha em prol do saneamento do nosso paiz, fez reunir em volume diversas conferencias que, sobre os relevantes assuntos que são os de sua especialidade, teve ensejo de pronunciar em diversas cidades do Brasil. Foi esse mais um bom serviço prestado pelo eminent scientist patrício, que, salvando-as da dispersão em que se achavam, deu ás suas conferencias uma divulgação mais ampla e mais condizente com a importancia dos themes nellas estudados.

Conhecidos que são os variados recursos de estylo, o senso perfeito da analyse, e o criterio das observações pelo dr. Penna sobejamente revelados em trabalhos anteriores, bastará, para mostrar-se o valor deste novo livro, citar aqui as epigraphes entrepostas aos diversos capitulos de cada uma dessas palestras.

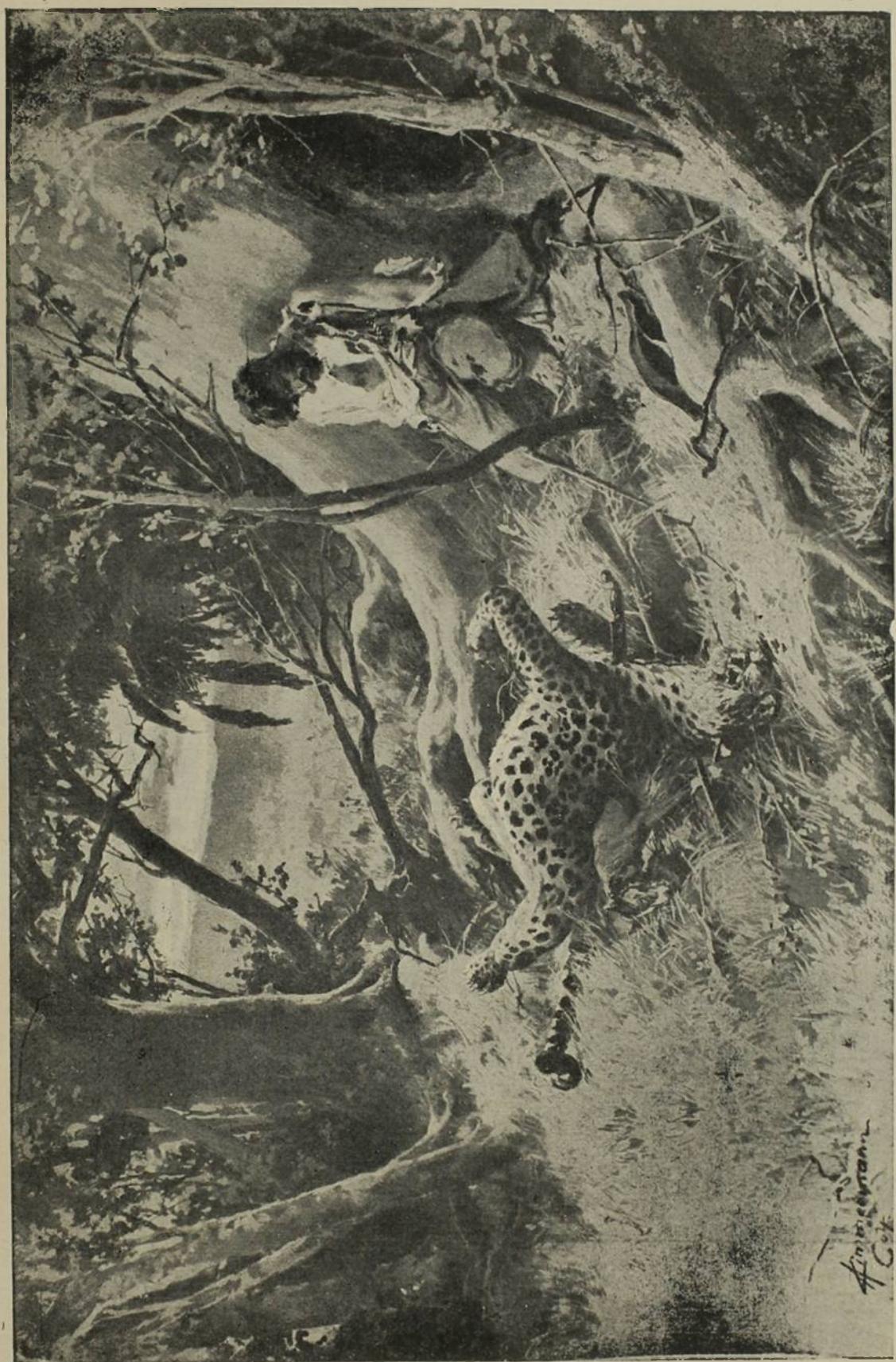
Eis-os: A linguagem da verdade, da sinceridade e da lealdade — Politica de fachada — Illusão immigratoria — Vertigem do industrialismo forçado — A Hygiene moderna — Povo invalido — Provas recentes — Minas não escapa ao cataclysmo nacional — Minas é o coração do Brasil — Resultado negativo da instrucção — A mania do urbanismo e do municipalismo — Reflexo da saude sobre a economia — O problema brasileiro é medico e hygienico — Começar é tudo — Unidade de orientação, unidade de accão, unidade de responsabilidade — As tres grandes endemias — Molestia de Chagas, — Impaludismo — Opilação — Lavradores — Providencias urgentes — Valor dos postos sanitarios — A redempção — Liga do gentes — A cultura civic — Oswaldo Cruz — A saneamento do Brasil — A cultura civic — Oswaldo Cruz — A clava da verdade — Muitos e graves erros — Desorganisação do trabalho agricola — Primeiro passo official — A classe medica do Brasil — A missão da geração actual — As iniciativas particulares

— Programma de governo, salvador — A nossa raça e o nosso clima — O que entre nós anemia o homem — Appello á mulher — Parasitismo politico, parasitismo administrativo — Parasitismo social — Quaes as causas deste vasto parasitismo activo e passivo — O unico recurso — A verdade — A campanha patriotica — O que se revelou — Doloroso contraste — Inicio de providencias — S. Paulo e a campanha — Porque S. Paulo é forte — Contraste confortador — Solução efficaz.

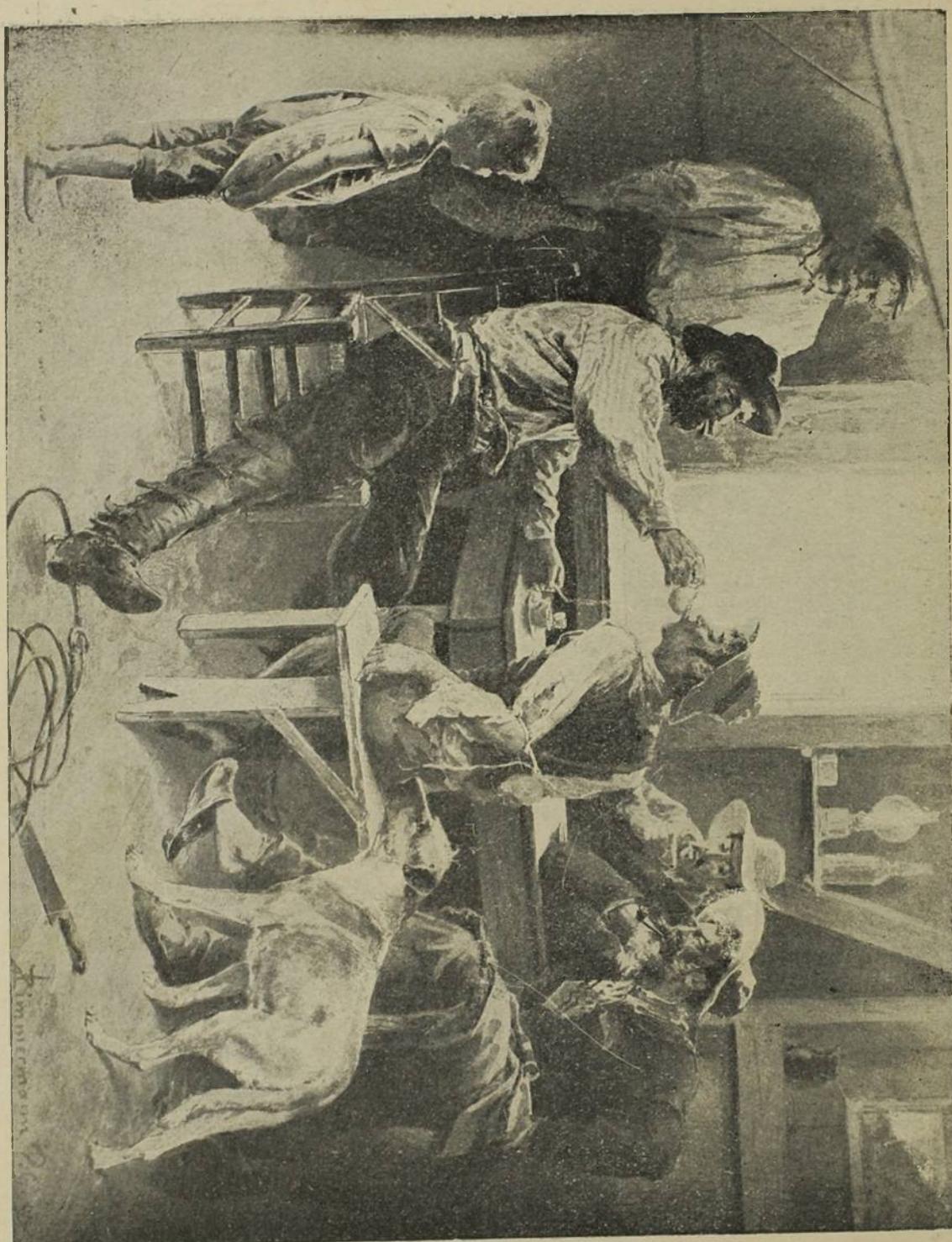
Na estreita craveira desta simples noticia bibliographica, basta-nos essa citação, que melhor do que o fariam todos os adjectivos, dá uma amostra do que encerram as paginas suggestivas de onde a extrahimos, as quaes contém copia de ideias dignas de retenção e da meditação de todos aquelles que amam verdadeiramente o Brasil e se preocupam com o seu futuro e com a solução dos seus problemas sociaes, economicos ou politicos. São problemas esses que todos se resumem num unico problema — o do saneamento do Brasil — e para cuja solução muito hão de contribuir estas "Conferencias" do dr. Belisario Penna.

B. F.

Recebemos: — **VOCABULARIO MILITAR** — pelo Coronel Cândido Borges Castello Branco — Rio — 1919 — **RELATORIO** apresentado pelo dr. Cândido Motta, do anno de 1917 — S. Paulo — **REVISTA ACADEMICA** — do Centro Academico do Paraná — **A DEFESA NACIONAL** — Rio — **POLYANTHE'A** — homenagem do povo mogiano ao dr. Deodato Wertheimer — Mogy das Cruzes — **O VOLUNTARIO PAIZANO** — Conto, por Alberto Deodato — **O ENSINO** — Revista mensal de Pedagogia e Literatura — Pará — **MERCURE DE FRANCE** — **LA GRANDE REVUE** — **LA REVUE DE PARIS** — **REVUE FRANCE** — **LA REVUE HERBDOMADAIRE** — **REVUE DU JOURNAL DES DE'BATS** — **REVUE BLENE REVUE SCIENTIFIQUE** — **RASSEGNA NACIONALE** — **REVISTA DELLE NAZIONI LATINE** — **ESTUDIOS FRANCISCANOS** — **LA REVISTA QUINCENAL** — **OPILAÇÃO OU AMARELLÃO** — Folheto editado pela Liga Pró — Saneamento do Brasil — Rio — 1918.



Fim da lucta, A. Zimmermann



Bebé, ladrão!, A. Zimmermann



RESENHA DO MEZ

CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES

O sr. conselheiro Rodrigues Alves, ora morto, foi grande entre os seus contemporaneos. Para o seu elogio, entretanto, resta medi-lo, a estes, que se amesquinham, aliás, dentro das raias do mediocre.

Si é alguma coisa ser grande entre pequenos, convenhamos em que não é tudo. Podia ser maior o fí-nando presidente. Homem de sua epoca, tanto não basta para a glorificação. E, extictamente, o sr. Rodrigues Alves foi o typo da actualidade, com os seus defeitos e falhas. Dahi, o seu aferro á perpetuidade de uma situação que se sustenta ao prego, caro demais, do nosso pudor e do nosso brio.

Menos do seu tempo fosse elle e seria maior: — fosse mais do futuro, fosse mais do passado embotta. A actualidade é sempre a negação do ideal. E o ideal é o que distingue o estadista do simples administrador. Olhasse mais para o futuro — e apprehenderia a inanidade do *statu-quo* da politica nacional. Voltasse a vista evocadora para uma historia bem sua conhecida, porque bem vivida — e á lembrança lhe acudiriam scenas bem mais edificantes que estas do pal-

co, que timbrou por conservar em sagrada intangibilidade.

Vindo do Imperio liberal, caminhando para um mundo reformado, novo, inédito, forçou em demasia a parada no remansado oasis do egoísmo político. Ao conselheiro da Monarchia, quebrou-se-lhe a recta do criterio equanime, ao penetrar o marmonto da revolução psycologica de 15 de Novembro. Não acontecera o phenomeno — e esta democracia se lhe antolhara em toda a sua fallacia e indignidade, exigindo-lhe o golpe de estadista e de patriota.

A fatalidade da Historia, que nestes dias se está escrevendo, calca-lhe a silhueta — em irrecusavel cotejo — sobre outra figura de grande homem. E não ha fugir ás affinidades e repulsas do confronto.

Conselheiro do Imperio tambem houve outro que chegou até nós. Tambem adheriu á Republica, si é que a não fundou, sózinho talvez... Tambem foi e é grande — Ruy Barbosa.

Todavia, sob tantos contactos, alongam-se uma da outra as duas personalidades — o liberal e o conservador da Monarchia, o instituidor da Republica e o seu conservador, o eterno reformador e o aínda e sempre conservador...

Um tem ideias. O outro não.

Um adhère á Republica e á mentalidade politica rebaixada. O outro funda-a, mas repelle o criterio republicano desnaturado.

Um é o administrador. O outro, o estadista.

Um é o politico. O outro, o patriota.

Rodrigues Alves é o homem do seu tempo. Ruy é um deslocado na Historia destes dias nefandos.

E, si aquelle é grande entre pequenos, este o é entre os maiores destas e de alheias plagas, destes e de todos os tempos.

OLAVO BILAC

Olavo Bilac morreu! Esta phrase tem o dobre sinistro das grandes calamidades. Bilac foi o typo mais acabado do brasileiro artista. Em sua poderosa personalidade revelou-se todo o entusiasmo exhuberante da nossa raça, divinamente rythmando por esse instineto superior que idealiza e transfigura as paixões, convertendo-as em beleza e poesia. Com Bilac pôde-se dizer que morrem pouco de nós mesmos, um pouco da alma de toda uma geração de sonhadores e de patriotas. Qual o brasileiro destes ultimos tempos que não amou e sonhou a vida através do harmonioso esplendor do grande contemplativo da "Via Latea", do epico do "Caçador de Esmeraldas", do lyrico maravilhoso e eloquente da "Alvorada do Amor"? Bilac é um pedaço da alma de todos nós, um laço interior que nos liga uns aos outros, revelando-nos a nós mesmos, numa magnifica exteriorização das nossas melhores qualidades de povo tropical.

Foi, como todos os verdadeiros poetas, um grande mediador entre os seus conterraneos, a quem soube amar largueadoramente, á maneira das divindades...

Não sabemos ao certo quem disse que os genios passam por entre os homens como os deuses das lendas

de ouro da nossa infancia, disfarçados em humildes criaturas que hospedamos um dia e uma noite... Depois que se vão, ao dobrarem "a curva extrema do caminho extremo" (ai!) é que, com inaudita surpreza, nos damos conta da gloria immensa de havermos tratado com um immortal!

Bilac está no numero desses seres extraordinarios aos quaes só a posteridade fará inteira justiça. Não quer isso dizer que lhe faltasse aplausos. Mas, de envolta com os aplausos, quantas pequenezas e sordidas malignidades! Um dia virá em que a figura colossal do mais brasileiro dos nossos poetas se desenhará no horizonte da historia patria como o iniciador de uma nova epocha —, estupendo abridor de represas interiores na alma inexgotável e creadora do Brasil. — J. A. Nogueira — "Diario de Minas" — Bello Horizonte).

OLAVO BILAC

*Morto, é morto o cantor dos meus
[guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!*

Foi com esta nénia suspirosa, em que se condensam os soluços de um povo e as lamentações de uma raça, que Machado de Assis celebrou, há dez lustros, a morte de Gonçalves Dias; e eu não sei, neste momento, de grito mais expressivo, mais afflito, mais doloroso, mais inconsolável, para annunciar ás tribus que passaram, e ás gentes que hão de vir o desapparecimento de Olavo Bilac!

Rebentou a ultima corda, hontem, a lyra mais clara, mais eloquente, mais harmoniosa, que já resou no Brasil. A mão tragic da Morte, que destróe os sonhos e os imperios, não respeitou, de passagem, a divina fragilidade daquelle vida! Nada poderá, porém, destruir a sua memoria. A gloria dos poetas nasce, tambem, na caverna tempestuosa dos ventos; mas, como os ventos da "Odysséa", não regressa, jámais á calma das

ilhas Eolias... O som de uma harpa uma vez partido, não volta ao ninho originario das cordas. E a lyra de Bilac, sonora e prophética, encheu o céo do Brasil, o céo da America, de um côro alto, vasto, magnifico, de sonoridades profundas e eternas!

A memoria de Olavo Bilac repousará sobre o futuro do Brasil com a magnificencia dos firmamentos que elle cantou. A sua lembrança, em nós, que o amavamos, ha de ser, como a sua obra, cheia de estrelas. Elle foi, em verdade, na terra, um grande semeador de belleza. Era de ouro, e do mais puro, a propria pálha do seu trigo. E elle me contou, uma vez, confidencialmente, como se falasse a si mesmo, o segredo da sua seára. Era ao anoitecer, na Avenida, em frente á casa Arthur Napoleão. Com a alma atordoada de sonhos recentes, eu lhe contava o prazer inédito que tivera, naquelle dia, ao lér, pela millesima vez, os seus sonetos de amor. E como eu inferrisse, daquella circumstancia, daquelle estado d'alma, que as suas rimas ardentes e desesperadas fossem o fruto consciente e previsto de um estado de espirito correspondente áquelle em que eu me encontrava. o Poeta Supremo pegou-me affectionadamente da mão, e, apontando-me um humilde accendedor de lampeões, que passava, revelou-me, na maravilha de um symbolo, a melancolia da sua gloria:

— "Estás vendo aquelle homem? — disse-me — com aquelle varapão que leva nas mãos, elle vai accendendo, um a um, os lampeões do caminho. E' machinalmente que faz isso. Dentro de uma hora, elle se recolherá ao seu casebre miseravel, na falda de um morro; onde não haverá uma simples vela, e onde terá, talvez, de dormir ás escuras. Mas de lá, olhando para tráz, para a cidade elle verá esta Avenida fulgindo, brilhando, radiando, faiçando para os outros, para os felizes; e, então, ha de se admirar, elle proprio, como foi que, sem o sentir, accendeu aquillo tudo..."

E, depois de uma pausa:

— "Nós, os poetas, somos como esse homem humilde. Accendemos insensivelmente os lampeões, e passamos..."

Essas palavras melancholicas do Mestre fixaram-se moldadas em ouro, na biblia de ferro da minha vida. Ellas contém, sem duvida, a essencia das grandes verdades. Mas Bilac não passará, na memoria dos homens, como o accendedor das lampadas de uma noite. Elle accendeu uma das constellações mais puras e radiosas do firmamento da raça e da lingua, e os deuses, que accendem os astros, são eternos, pelo menos, como a claridade das suas estrelas...

(MICROMEGAS. — Do *Imparcial* — Rio).

A CONFERENCIA DA PAZ

Com a grande e dolorosa lição que o mundo inteiro soffreu e presenciou terá surgido a consciencia internacional capaz de fazer nascer uma liga de nações que possa produzir alguns fructos?

Com a terrivel derrota allemã terá cahido definitivamente a theoria do Estado a moral que Althusius expoz e de que Machiavel foi um dos entusiastas mais intelligentes?

Já chegou, enfim, a época do direito das gentes sobre o qual Grotius fundou o seu principio do progresso juridico como necessario para o desenvolvimento da sociedade civilizada?

Wilson, Lloyd George e Clemenceau, reproduzindo expressões antigas, já se mostraram favoraveis no sentido de que da Conferencia da Paz surja um organismo internacional qualquer a que todas as nações devam obediencia e respeito.

Essa questão será, porém, a ultima a ser tratada pela Conferencia e, talvez, seja necessaria a ratificação de todos os delegados, por quanto esses delegados foram escolhidos para celebrar a paz e tomar parte nas combinações resultantes da paz.

A grande Conferencia da Paz deve ser dividida em quatro phases perfeitamente distintas.

A primeira dessas phases, que já começou ha dias, só será realizada entre a Inglaterra, a França e a Italia, para combinação do modo a serem realizadas as promessas trocadas por essas tres grandes nações e para solução de varias questões que dizem respeito unicamente á Europa.

A segunda phase começará depois da chegada de Wilson e nella serão discutidos não só os problemas que dizem respeito aos Estados Unidos como os que já sofreram a intervenção da grande nação americana.

A terceira phase será constituida pela presença dos delegados de todas as nações aliadas na guerra contra a Alemanha e dos representantes desse paiz e dos seus aliados. Nesta phase será estudada e resolvida a paz e todas as questões geraes e particulares que lhe são inherentes.

Na quarta phase, em que serão admittidos os representantes de todas as nações que desejem comparecer, serão discutidos varios problemas de cuja solução depende a vida futura universal, avultando a organização de uma liga ou sociedade das nações.

Como em 1609, quando appareceu o celebre livro de Grotius — *Mare liberum*, a Inglaterra se prepara para dizer qual seja o seu pensamento a respeito, affirmando desde já que não aceita qualquer limitação ao seu poder naval, isto é — não está disposta a submeter-se a uma esquadra internacional como Wilson, ideou, afim de acabar com as supremacias navaes.

Em 1609, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal sustentavam que os mares circumvisinhos deviam considerar-se fechados a todos os paizes, com excepção daquelles por elles banhados. Apparecido o trabalho de Grotius, que fez enorme sensação, a Inglaterra destacou a sua maior autoridade juridica da época, lord Seldon, para responder ás theorias ali-

expostas. Só em 1803 a Inglaterra abandonou de todo as idéas que lord Seldon tinha sido incumbido de combater.

Os mares ficaram livres... até ao momento em que a esquadra ingleza não resolyesse o contrario, fazendo valer o seu estupendo poder que agora, mais do que nunca, foi posto em prova e prova honrosa...

Pensa Wilson que a liberdade dos mares nunca será um facto enquanto um poder naval como possue a Inglaterra existir, por quanto, é logico, aquella liberdade ficará dependendo dos homens que manejarem esse poder. Wilson, o Grotius pederoso e pratico de hoje, vai ter o seu Seldon em Lloyd George, já apoiado pela imprensa ingleza, que iniciou uma tremenda campanha contra qualquer diminuição da esquadra ingleza.

Chegarão os dois poderosos países a um acordo?

Si não chegarem, já se annuncia que os politicos norte-americanos agirão no sentido de dotar os Estados Unidos de uma esquadra tão poderosa quanto a ingleza, ou mais ainda, de forma que a liberdade dos mares não corra riscos...

Essa será a primeira grande dúvida a resolver-se entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

A segunda diz respeito á representação das varias nações no organismo que fôr criado para executar as determinações da Sociedade das Nações.

Como aconteceu na Segunda Conferencia de Haya, a Inglaterra, segundo todos os planos que ali têm surgido, não se mostra disposta a conceder a egualdade de representação a todas as nações, como Wilson deseja e como Ruy Barbosa defendeu com a sua palavra incomparável.

O plano de liga das nações do escriptor O. F. Maclagan, que mereceu os melhores elogios da imprensa e dos estadistas ingleses, diz no seu artigo quarto o seguinte: — “Cada nação deve ter o Conselho Internacional um numero de mem-

bros correspondente á sua relativa extensão e importancia".

Quasi a mesma cousa diz o plano da Liga de Defesa Internacional de Londres: — "Toda nação terá no Conselho Internacional uma representação proporcional á exportação e importação que realize".

E', pelo menos, estranho que nesse momento, em que tanto se fala da victoria da Democracia e que, de facto, ella parece vitoriosa em muitos pontos — se queira manter uma aristocracia internacional, estabelecendo-se varias categorias de nações...

Essa igualdade internacional será ponto em que Wilson, segundo tudo faz prever, não cederá terreno.

Ha ainda uma terceira questão que promette estabelecer certas duvidas entre os Estados Unidos e a Inglaterra: é a questão financeira e de commercio.

Antes da guerra, os Estados Unidos deviam á Europa cerca de vinte e cinco milhões de contos, e, no momento actual — é a Europa que deve aos Estados Unidos mais de trinta e dois milhões de contos, e, si forem realizados os emprestimos já projectados, essa dívida montará em breve a mais de quarenta e cinco milhões de contos.

Os banqueiros norte-americanos têm em vista mudar a capital financeira do mundo de Londres para Nova York. De ha muito que esse plano começou a ter realisação. Verificaram, por exemplo, os financistas norte-americanos que, sómente em commissões aos bancos de Londres, os negociantes da America do Norte pagavam annualmente para mais de cento e trinta mil contos. Muitas das transacções que, antigamente, eram feitas em Londres e em libras, passaram a ser feitas em Nova York e em dollars. Estão nestas condições o café brasileiro e os couros argentinos.

Esse movimento norte-americano, é claro, não tem passado despercebido aos ingleses, que já mudaram inteiramente o seu procedimento bancario e estão dispostos a offe-

reer ao mundo e, principalmente, á America do Sul, todas as vantagens possiveis, como outrora era feito pelos alemães.

Por seu lado, o National City Bank, de Nova York, creou escolas especiaes para instrucção de banqueiros e de empregados de bancos, pois que pretende dentro de breve prazo estabelecer succursaes em centenares de cidades, principalmente na America do Sul.

O mais provavel é que as duas mais poderosas nações da actualidade entrem em intelligencia sobre essa ultima questão, de forma a estabelecer zonas de influencia, afim de evitar possiveis attritos no futuro.

Oxalá assim seja, e que a Conferencia da Paz, de facto, estabeleça a Paz! — OTTO PRAZERES — do *Correio Paulistano* — S. Paulo).

A PROSODIA BRASILEIRA NO THEATRO

Um dos motivos que têm contribuido para entravar o desenvolvimento do theatro nacional é a prosodia usada em nossos palcos, na maioria dominados por artistas estrangeiros, sobretudo portuguezes.

E' preciso ir até ás casas de theatro do Rocio, onde se exhibem peças intensamente populares, para ouvir uma linguagem diferente do fallar cerrado de Portugal. Os nossos directores de scena, além de não attenderem á necessidade de velar pela nossa prosodia suave e caracteristica, ainda cometem o grande erro de exigir que noveis artistas brasileiros pronunciem á maneira lusitana... para não desafinar.

Não cabe aqui discutir a preexcellencia da prosodia brasileira ou da lusitana. A pronuncia é um dos phenomenos linguisticos mais radicalmente ligados ás condições do meio physico. Brasileiros e portuguezes pronunciamos com fundas divergencias a mesma lingua por motivos subtilissimos, independentes da nos-

sa vontade. Fóra, porém, dos domínios da pedantaria, nenhum brasileiro sensato quererá pronunciar a lingua por uma forma totalmente diversa da que ouvio desde o berço, da que se falla no grande meio em que vive.

E' lastimavel que nós, que representamos superioridade formidavel no quadro da geographia linguistica do portuguez; nós, que somos hoje os mais numerosos depositarios das tradições da lingua, os seus perpetuadores, os artifices de muitas de suas bellezas; nós, que tanto a enriquecemos, que a cobrimos de novas galas, que a rejuvenescemos e lhe demos frescura e suavidade, descobrindo effeitos imprevistos na sua harmonia e rythmo, é lastimavel, dizemos, que estejamos condemnados a essa submissão incomprehensivel, sem uma prosodia nacional no nosso theatro, que, convencionalmente, é a reprodução do meio social nos seus varios e variados aspectos.

Entre o accento lusitano e a giria dos nossos morros e bairros, povoados de capadocios, está a linguagem da sociedade brasileira, a linguagem do nosso meio culto, dos nossos homens de letras, dos nossos oradores, dos nossos salões. Que fallem á maneira lusitana personagens portuguezes, em scenas portuguezas, está muito bem, como bem está que o arruaceiro da Saude ou Favella falle o seu calão. Exigir, porém, que interpretes nacionaes estropiem a prosodia portugueza, que, diga-se de passagem, não sabem reproduzir convenientemente, é ter em muito pouca estima a lingua que aqui se falla e procurar submeter uma sociedade inteira a uma vassallagem que já desappareceu, para todos os effeitos, desde 1822.

Após um periodo de forte depressão, o nosso theatro começa a resurgir aos poucos. Ha um pugillo de autores novos que vão trazendo para a scena os factos do nosso meio das capitaes e dos sertões. Não são, decerto, interpretes estrangeiros ou extrangeirados que poderão reprodu-

zir esses factos da nossa vida intima de uma maneira aceitável.

E' preciso implantar de vez nos nossos palcos a nossa prosodia, bannido para sempre o arremedo simesco do accento lusitano, que torna ridiculos os nossos artistas. A boa impressão que levamos das excellentes peças a que temos assistido ultimamente é sempre diminuida por esse velho erro, que urge corrigir. Parece aos nossos directores de theatro que não pôde haver scenas de effeito sem o apertado rythmo lusitano a que os nossos jovens artistas se têm de ageitar... Para que, entretanto, esse reforço perante um auditorio nacional, na sua immensa maioria?

Esse facto merece as attenções dos nossos comedigraphos, criticos e directores de theatro, que, numa acção conjunta, devem aconselhar ou permittir que se falle em scena o portuguez do Brasil, o que todos fallamos, e que nada tem a invejar em harmonia e suavidade, á lingua de além-mar. — (JULIO NOGUEIRA — *Do Jornal do Commercio — Rio*).

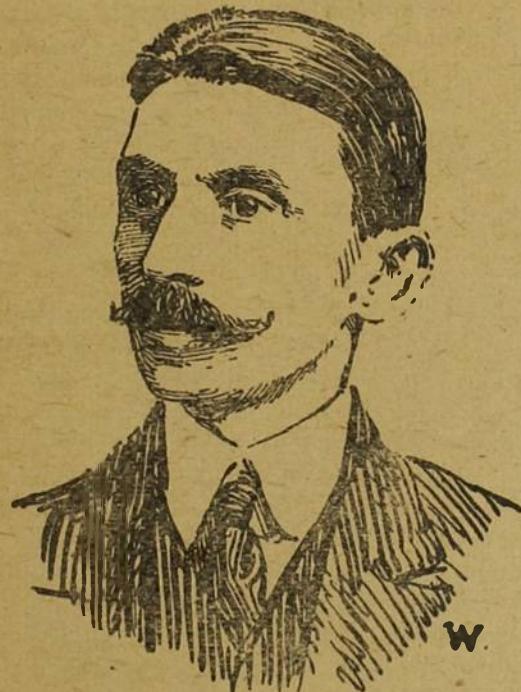
HOMENAGENS A EUCLYDES DA CUNHA

Ha já varios annos que um grupo de generosos moços constitue o Gremio "Euclides da Cunha", que tem como seu principal objectivo prestar á memoria do autor d'"Os Sertões" uma homenagem digna da obra do incomparavel estylista. Promovendo conferencias, publicando monographias em que sob varios aspectos foi estudada a personalidade do seu patrono, essa associação tem desenvolvido uma grande somma de esforços, cujos effeitos começam finalmente a surgir.

O Gremio "Euclides da Cunha" conta publicar em Agosto deste anno um volume "In memoriam", contendo as seguintes conferencias realizadas a respeito do glorioso escritor: "Um pouco do coração e do

carácter, por Alberto Rangel; A sua vida, por Escragnolle Doria; A sua contribuição naturalistica, pelo dr. Roquette Pinto; Feições do homem, por Coelho Netto; A arte do estylo na sua obra, por Afranio Peixoto; A feição brasileira da obra euclídea, por Basilio de Magalhães.

A essas conferencias juntar-se-ão, como homenagem aos dois grandes criticos de Euclides da Cunha, os trabalhos de Silvio Romero e Araripe Junior sobre "Os sertões", além de estudos sobre a personalidade do notável escriptor, prometidos ao gremio por George Dumas, John Branner, Oliveira Lima, Reynaldo Porchat, Julio Mesquita, Valdomiro Silveira, Affonso d'E. Taunay, Francisco Escobar, Mario de Alencar, Gonzaga de Campos e Alcides Maya.



Conterá ainda esse "In memoriam" uma numerosa colleção de photographias de Euclides, e de aspectos interessantes da sua vida e terminará pela reunião completa dos dados já colhidos pelo gremio sobre a biographia, a bibliographia e a iconographia do seu patrono.

Por occasião da inauguração do monumento do morro da Babylonia, no Rio, será publicado o 2.º volume

desse "In memoriam", para o qual o Gremio conta com a cooperação de Ruy Barbosa, Vicente de Carvalho, Alberto Rangel, Alfredo Pujol, Juliano Moreira, Ignacio do Amaral, Pacheco Leão, Tasso Fragoso, Felix Pacheco, Veiga Miranda, Araujo Jorge, Eliodoro Villazon, Manuel Bernardes e Cândido Rondon.

Pretende também o Gremio dar publicação aos numerosos trabalhos de Euclides, ainda não reunidos em livro, entre os quais avultam a sua correspondência de Canudos para o "Estado de S. Paulo", as suas provas de lógica no Colégio Pedro II, artigos de crítica literária e científica, bem como os seus Relatórios das várias comissões técnicas que desempenhou, e fragmentos da sua correspondência e dos seus cadernos de versos. Esses volumes constituirão um acréscimo valiosíssimo à edição uniforme das suas "Obras completas", pela realização da qual, em benefício do monumento, o Gremio se vem empenhando.

MOBILISACÃO DE VERSOS

Alguns meses antes da morte de Bilac, eu recebi uma interessante carta feminina, em que a missivista gentilíssima se queixava sentidamente do grande poeta, que lhe tinha destruído, segundo asseverava, duas ilusões: uma, de que havia merecido alguma coisa do seu coração, e outra, de que havia sido alvo inconfundível das atenções da sua arte.

E contava-me então, o caso. Havia trinta anos, tendo-lhe ella destinado o primeiro lugar em seu álbum de poesias, Bilac, correspondendo à distinção captivante, escrevera especialmente para essa página um soneto maravilhoso, que veiu a figurar, depois, sob o número XV, na *Via-Lactea* (*Poesias*, pag. 53), e cuja segunda quadra começava por estes dois versos:

Umas, de meigo olhar piedoso e lindo,
Sob as rosas de neve das capellas...

Passados alguns annos, a inspiradora dos quatorze diamantes desse collar foi surprehendida por uma supposta ingratidão do seu poeta: escrevendo o soneto *Ida* (*Poesias*, pag. 161), Bilac, no segundo quarteto, havia posto o mesmíssimo de cassyllabo:

*Sob as rosas de neve da capella,
Ida soluça, vendo abrir-se a porta.*

Essas repetições, em que o Príncipe dos nossos poetas incorreu apenas essa vez, são muito communs em todos os escriptores. Alguns chegam mesmo a abusar desse direito de lançar mão daquelle que lhes pertence. Eça de Queiroz, por exemplo tem "uma açucena a abrir dentro de um copo", que compara aos soluços que enchem o coração, a qual é encontrada em nada menos de tres logares das *Prosas barbaras*. E nessa insistência elle é batido apenas por Paul Saint-Victor, que por seis vezes, na minha conta, chamou a bandeira da Allemanha "um sacco destinado á pilhagem" e contou, em quatro capítulos diferentes, que as taças dos altares haviam sido modeladas pelos seios de Helena.

Os poetas brasileiros são, entretanto, discretos nessa mobilisação de versos ou imagens. Entre os antigos, eu encontro, apenas, Thomaz Antônio Gonzaga, que principia a *I Lyra* da I Parte dos seus versos a Marilia. (*Obras*, pag. 41), dizendo:

Eu, Marilia, não sou nenhum vaseiro...

E que, na II Parte, *Lyra XVIII* (pag. 214), repete:

Eu, Marilia, não fui nenhum vaseiro...

Isso podia ser, porém, uma necessidade, na unidade da sua obra, que, pelo seguimento, constitue um verdadeiro poema.

A poetiza rio-grandense do norte Auta de Souza não tem, no entanto, a mesma justificativa. Esta nossa

Santa Thereza de Jesus, no seu *Hor-to* (pag. 197), na poesia *Oswaldo*, canta:

*Quando elle ri, os seus dentinhos
[brancos
Lembram á gente um bogary abrin-
[do.*

E, adeante, no mesmo volume (pagina 262), na poesia *Dadá*, alludindo a outra creança, torna:

*Quando falava, os seus dentinhos
[brancos
Lembravam á gente um bogary
[abriindo.*

MICROMEGAS — (Do *Imparcial* — Rio).

MARIOS POETAS

O sr. dr. Castro Menezes, uma brilhante figura nos citados literários do seu paiz, publicou agora um livro de contos, editado pela casa Leite Ribeiro & Maurillo, desta capital, e do volume, que eu li em um dia, o que mais me fez pensar, entre tantas novidades de estylo e imaginação, foi um conto em que o autor apresenta uma senhora encantadoramente sensata, que se arrepende de haver casado com poeta. O dr. Castro Menezes procura, é certo, destruir a impressão deixada pelas considerações da sua heroína; a verdade, porém, é que ella tem toda a razão, e que os escriptores, especialmente os poetas, como eu já assinalei aqui uma vez, são uns marios verdadeiramente insupportaveis.

— "Qualquer que seja a profissão que abracem, — assegura a sensatíssima senhora, — os poetas serão sempre, ao menos para a mulher com que casarem, poetas, e mais nada. Ainda quando, o que é bem raro, deixem de fazer versos, ficam para o resto da vida com a mania da glória. E se fosse só isso... Um advogado poeta, encontrando uma constituinte formosa, acaba sempre apaixonando-se mais por ella do que

pela demanda. Um medico poeta, chamado para acudir uma doente encantadora, nunca mais lhe dá alta. Voltando para a casa, longe de entregar-se ás calmas alegrias domesticas, ajudando a esposa a fazer dormir os filhos, a organizar uma festa familiar, a receber gentilmente as visitas, o marido que se tem na conta de artista ou de homem de sciencia, mergulha egoisticamente nos livros, prefere ficar sózinho, a ler e a escrever até tarde, entre a fumarada dos cigarros... Esquece os recados, os figurinos, as encomendas, os dias de anniversario, tudo! Ainda sempre a exclamar que não tem tempo, e, afinal, põe todo o tempo fóra."

E haverá desillusão maior para uma alma feminina, do que essa, de se ver acorrentada eternamente ao muro de uma vaidade? Que tem ella com a gloria do seu marido, se esta só serve a elle, nas suas ambições nos seus interesses, nas suas conquistas? Os prazeres de uma dona de casa reduzem-se ao bem estar na familia, á commodidade no lar, e aos passeios em companhia do esposo. E se este não presta attenção ao ambiente domestico, ás modificações do mobiliario, ás novidades da vida intima, e não pode, nunca, sahir em companhia da mulher, isso não representa, para ella, no mundo das suas esperanças e do seu affecto, a fallencia completa, absoluta, do seu sonho de felicidade?

Não tem razão, pois o brilhante escriptor do "Jardim de Heloisa": os homens de letras, e, sobretudo, os poetas, são uns maridos intoleráveis, para as mulheres... delles! — X. X. (Do *Imparcial* — Rio).

USOS E COSTUMES DA CAMARA DOS COMMUNS

As sessões na Camara ingleza — escreve Edward Pawot no "Chamber's Journal" — começam sempre por uma reza, segundo um costume antigo. Primeiro de tudo entra um arauto de casaca, com um distintivo de ouro; segue-o com a maça ao

ombro o chamado Sargento de Armas, encarregado de manter a ordem, de toga e cabelleira, acompanhado por um lacaio que segura na cauda do seu comprido manto. Fecha o cortejo o Capellão em habitotalar de seda preta, luvas brancas e uma estola bordada com as armas reaes. Todos affectam um porte serio e cheio de dignidade. O Presidente, com as suas feições delicadas e a sua barba branca em ponta, parece uma figura tirada dos quadros do seculo da Rainha Elisabeth.

Só o Sargento de Armas, o Presidente e o Capellão transpõem a linha marcada no pavimento, conhecida sob o nome de "barra". Para os que não são membros da Camara o passar esse "Rubicon" durante a sessão é considerado um delicto semelhante ao que Pompeu perpetrhou, penetrando no *Sancta Sanctorum* do Templo de Jerusalém.

O augusto triumvirato dispõe-se junto a uma mesa sobre a qual o Sargento de Armas apoia o couto da maça. Depois de varias cortezias o Capellão lê o Psalmo n.º 65 e termina com a leitura de alguns versiculos da Biblia aos quaes o Presidente responde segundo o rito. Seguem-se o Padre Nossa, as preces pelo Rei e a Familia Real, e outra prece especial, cujo autor se ignora e na qual se roga a Deus que os membros da Camara sejam illuminados pela sabedoria divina nas suas deliberações, pondo de parte quaesquer interesses particulares. A cerimonia termina por outra pequena reza e pela benção.

Durante este tempo o recinto acha-se semi-vazio, salvo nas sessões importantes em que os deputados se disputam os lugares, pois que havendo 670 membros na Camara ha apenas lugares para menos da metade por causa das dimensões da sala. O centro, onde se sentam os ministros, está sempre devoluto durante as orações, porque esses felizes mortaes não têm de assegurar de antemão os seus lugares.

A Camara enche-se a pouco e pouco. Os seus membros conservam o

chapéo na cabeça quando estão sentados, mas não á entrada, á saída, ou quando tomam a palavra. Conta-se que um dia Gladstone, que tinha uma cabeça enorme, esquecera o chapéo fóra da sala das sessões e pediu a um dos seus vizinhos que lhe emprestasse o delle, mas como esse chapéo era muito pequeno, teve de fazer esforços inauditos para o manter em equilíbrio na cabeça, provocando a hilaridade geral.

Por falta de lugar mais apropriado os oradores, quando se levantam para tomar a palavra, collocam o chapéo no sitio onde se sentavam e não raro acontece que o acharam distrahadamente depois de terminarem o seu discurso.

Em seguida ás interrogações e á leitura da ordem do dia começa o verdadeiro trabalho. O Presidente deixa o seu lugar, o Sargento de Armas tira a maça da mesa, e o orador toma o lugar que antes disso ocupava o Secretario da Camara.

No entanto nota-se um exodo geral, só permaneceu na sala uns vinte e tantos membros, quer dizer, apenas aquelles que mais se interessam pelos assumptos em discussão e que os poderiam tratar com maior competência.

Que fazem, entretanto, os ausentes? Muitos delles vão tomar chá; outros dirigem-se para a biblioteca onde abrem a sua correspondencia, lêm jornaes, ou preparam os seus discursos com citações numerosas, tiradas do *Hanson*, a biblia do homem politico britannico. Os sybaritas vão para a sala dos fumadores, onde se acham numerosas poltronas que os convidam a uma sésta reparadora; outros cavaqueiam com amigos sobre os incidentes da sessão...

Durante os meses de verão, o terraço, o terraço que deita para o Tamisa, transforma-se em *tea room* á ar livre, objecto de grande admiração para todos os illustres visitantes de Londres que infallivelmente ahi são levados.

São necessarios 40 membros para completar o numero legal de uma sessão. Se acontece não haver na

sala o numero sufficiente, toca-se uma campainha e, em menos de douz minutos, o numero de deputados presente sobe logo a 70, 80 ou mesmo a 100. Quando se não podem reunir pelo menos 40, a discussão é adiada para o dia seguinte.

A' medida que os oradores se sucedem na Camara, um continuo anuncia em alta voz os seus nomes na sala do restaurante; quando esses nomes são os do Presidente do Conselho, Lloyd George de Asquith, Balfour, Lord Hugh Cecil, o restaurante esvaziava-se num abrir e fechar de olhos.

Vejamos agora quaes são as características desses oradores, não sem observar primeiro que a Camara é geralmente muito benevolente e indulgente para os novos membros que pronunciam o seu *Maidem speech*, ou primeiro discurso, e que os discursos empolados e rhetoricos não têm exito algum, prevalecendo os que se caracterizam por factos e raciocinios concretos.

O Presidente do Conselho exerce especial fascinação no elemento popular, que elle sabe conquistar melhor do que qualquer outro orador da Camara, graças ao seu ardor critico, á sua arte maravilhosa de cunhar phrases, á sua habilidade em adaptar as idéas populares ás questões politicas do momento e finalmente ás suas poeticas perorações.

Asquith é a antithese do Presidente do Conselho. Embora capaz de fazer vibrar as cordas mais profundas do sentimento, cada vez que a Camara quer celebrar a memoria de um dos seus membros, caido no campo de batalha, Asquith é em geral friamente classico na sua dicção e claro como crystal nos seus logicos raciocinios. Os seus discursos parecem-se com os templos da Grecia antiga, simples na sua estructura, mas com linhas purissimas, ornamentação severa, isenta de tudo quanto é commum ou banal.

Balfour é um orador *sui generis*. Embora seja um modelo de cortezia, ai de quem tente interrompel-o; é um mestre de dialectica e prepara

os seus discursos com um methodo rigoroso. Tem diante de si duas grandes folhas de papel branco; numa dellas marca com largos espaços os assumptos que tencionava tratar, na outra toma apontamentos á medida que a discussão se desenrola, depois antes de se levantar para fallar insere estas annotações no ponto mais dequado nas notas da primeira folha. Resulta dahi uma connexão que poucos oradores attingem; o seu unico defeito é que nem sempre chega ao nó da questão.

Bonar Law possue uma grande facilidade de expressão e uma memoria prodigiosa; sabe discutir um orçamento com meia pagina de aportamentos. E' a suavidade em pessoa, e sempre senhor de si.

Lord Hugh Cecil é com certeza o melhor orador, não official, da Camara dos Communs. E' essencialmente um idealista christão, não isento de uma pontinha de humorismo, mas como qualidades administrativas e segurança de raciocinio, é bastante inferior a seu irmão, Lord Robert Cecil.

As discussões terminam geralmente ás 11 da noite, depois tratam-se de diversos assumptos durante meia hora e ás 11 1/2 em ponto o Presidente ergue-se, enquanto lá fóra os continuos emittem o antigo e misterioso brado de: *Who goes home?* (Quem vai para casa?)

Este brado que resou durante séculos no Palacio de Westminster remonta aos tempos em que era prudente que os membros sahissem todos juntos e se dirigessem em grupos para as respectivas casas, porque esse bairro solitario era então infestado de ladrões e assassinos. — (Alter Ego — "Jornal do Commercio" — Rio).

A BELIEZA DA MULHER

Augusto Rodin, o grande escultor francez ha mezes fallecido, não é celebre sómente pelas suas estatuas: as suas maximas e sentenças,

sobre questões de arte e estheticas, deram-lhe grande notabilidade.

Ao eminent critic pariziense Paul Isell, em conversa, o insigne ancião dizia uma vez que na sua vida, já longa, havia encontrado uma infinitade de modelos perfeitos, e affirmou que existem ainda no mundo formosas mulheres, embora a sua belleza tenha um defeito: a de apenas conservar-se durante um curíssimo espaço de tempo. O artista fez uma comparação entre a mulher e uma paisagem florida: nesta, como naquella, a sedução muda, segundo a hora. A verdadeira belleza, segundo Rodin, encontra-se nas virgens sómente nos primeiros cinco ou seis meses da sua completa maturação physiologica; depois o encanto já não é mais o mesmo. Por outro lado, é falsa a crença de que a mulher de época antiga fosse mais bela que a mulher contemporanea. As mulheres gregas foram bellas, sem duvida alguma; mas muitas italianas de hoje podem ser perfeitamente comparadas com os modelos de Phidias e isto pelo seu principal caracteristico, que constitue a grande formosura das mulheres: a quasi igual largura dos homens e dos quadris.

Muitos artistas e não artistas pensam que a antiga belleza da forma feminina foi modificada na Edade Média pelos cruzamentos com os povos barbaros. Affirmava Rodin, ao contrario, que também entre os barbaros — povos do norte — existiam e existem fulgorantes bellezas: muito bellas mulheres francesas, allemans e slavas são comparaveis a qualquer typo meridional perfeito. Este ultimo porém tem maior desenvolvimento dos quadris que das espaduas.

Para dizer a verdade existem entre todas as raças tipos attrahentes; sómente é preciso saber descobril-os. E Rodin concluiu essa sua conversa assim: "Frequentes vezes eu ordenava a um dos meus modelos que se sentasse no chão, os braços e as pernas estendidos, apresentando o dorso. Nessa posição, o corpo feminino parecia-me uma enorme amphora

dentro da qual se devia formar o espirito de uma vida futura. Ao corpo humano é o reflexo do espirito que lhe imprime melhor belleza. O que admiramos não é puramente a graça da estructura, mas a nobilissima chamma que, através da materia, refulge do interior para o exterior".

Esta definição, talvez nova, tomava na bocca de Rodin o valor de uma alta sentença. (Do *Estado de S. Paulo*. — S. Paulo).

ERMETE NOVELLI

Falleceu em Nápoles o grande actor italiano Ermete Novelli. Occupava actualmente o theatro Sannazaro, naquelle cidade meridinal da peninsula, e foi victimado por uma broncho-pneumonia, aos 67 annos de idade, pois nascera em 1851.

A sua carreira foi rapida; começando aos 16 annos apenas, adoptou o genero comico, e aos 33 era primeiro actor.

Novelli esteve no Rio de Janeiro como actor comico e pouco destaque teve; foi sómente quando se apresentou em outras temporadas no grande repertorio, representando as peças de Shakespeare, sobretudo o *Otello* e o *Rei Lear*, que os nossos criticos reconheceram o seu alto merecimento.

Bello coração o de Novelli, sempre preocupado com os seus collegas, tanto que fundou em Roma a *Casa di Goldoni*, decalcada nas bases da *Comédie Française*; mas a tentativa falhou e o nome de Goldoni, seu autor predilecto, não ficou ligado a um theatro, como merecia aquele illustre Veneziano, que morreu em Paris no anno de 1793, rodeado de grande prestigio na Côte franceza.

A mocidade de Novelli foi agitadissima. — Bohemio e jogador, dissipou fortunas, até que um dia deliberou ser comedido e dedicou-se exclusivamente á sua arte.

Tratou, antes disso, de reivindicar os seus direitos de descendencia, até

ser reconhecido filho do Conde Novelli de Bertinoro.

No seu repertorio tornou-se unico interprete possivel em varias peças, como sejam *Bisbetica domata*, *Papá Lebonard*, *Morte civil*, *Alleluia*, *Pane altrui* e *Luiz XI*.

Nasceu na cidade de Lucca. O seu primeiro emprezario foi Vitaliani; mas libertou-se dos especuladores, formou companhia sua e percorreu o mundo vitoriosamente.

Esse actor esteve duas vezes em Paris — 1898 e 1902. Causou grande sensação e varios criticos, confessando ignorar o idioma italiano, declararam que percebiam tudo quanto Novelli recitava, e apreciaram a sua attitude em scena, sempre distinta e sempre apropriada, na comedia, no drama ou na tragedia.

E não era só um grande actor — era um mestre sem rival, e a prova é o outro colosso italiano que elle guiou e acônselhou — Zacone, que transferia os seus espectaculos para ir aprender com elle, todas as vezes que se annunciaava uma peça nova, — (Do *Jornal do Commercio* — Rio).

UM REBOCADOR DE HELICE AEREA

Para manter e desenvolver o serviço de reboque na Guyana Ingleza, em Demerara, uma casa de Londres acaba de construir uma embarcação tendo o seu orgão de propulsão aereo. Com o comprimento de 9m,19, seu tirante de agua é apenas de 20 cent. para permitir sua navegação no rio que não é bem regular nem em todas as épocas, nem em todo seu percurso.

O casco, inteiramente de aço, pôde resistir aos esforços que terá talvez de suportar e realizar raspando, por assim dizer, e não poucas vezes o fundo rio. Quanto ao motor, é elle de um só cilindro, utilisa o oleo bruto e fornece 13 cavallos, dando 450 rotações. O peso total da embarcação é de 4.600 kilogrammas.

Naturalmente que não era possivel

pensar na collocação de uma helice de systema commun, em consequencia da insignificante porção do casco que mergulha nagua; recorreu-se, então, á helice aerea de 2m,75, girando 1.200 vezes e collocada, mais ou menos, no centro da embarcação.

Nas experiencias e ensaios effetuados no rio Tamisa, indo de encontro á corrente, conseguiu-se a velocidade de cinco milhas por hora. Acredita-se que será possivel rebocar, na proporção de duas milhas por hora, velocidade esta imposta pelas condições locaes, 15 a 20 chatas de 9 m. por 3m. e da capacidade de 4.250 kilogrammas.

Esta tentativa merece ser conhecida e mesmo imitada, pois, como se está vendo, talvez possa tornar-se uma realidade a navegação de pequenos riachos, isto é, de cursos de agua de fundo insignificante e até de canaes e outras vias de comunicação fluvial.

A ANKYLOSTOMIASE

A ankylostomiasse ou uncinariose, conhecida entre o povo pelos nomes de *opilação*, *amarellão*, *cansaço*, *mal da terra* e *cangoary*, é uma doença muito grave, espalhada em todo o Brasil, onde infelicitia 80 pessoas em cada 100 das classes trabalhadoras.

E' uma doença produzida por uma lombrigasinha muito pequena e muito fina, que se agarra ás centenas no intestino, e que chupam e envenenam, dia e noite, o sangue da pessoa.

Esses vermes criam-se na terra suja de fezes humanas, e, quando filhotes, entram no corpo da pessoa, ou pela boca, quando se bebe agua contaminada ou se come com as mãos sujas da terra, ou pela pelle, quando se anda descalço, ou se pega em terra, onde foi lançada obra de gente.

E' portanto, uma doença que pega de uma pessoa para outra, por intermédio da terra ou da agua polluida de fezes humanas.

E' uma doença que enfraquece o corpo e a intelligencia; produz a preguiça e o desânimo; envenena e destroea o sangue, e faz a desgraça de familias atacadas por ella.

E' uma doença que mata todos os annos dezenas de milhares de creanças: que definha e prejudica o desenvolvimento do corpo e da intelligencia de centenas de milhares de outras crianças: que diminue de mais de metade a capacidade de trabalho de centenas e centenas de milhares de homens e mulheres, que, por isso, vegetam na miseria e se viciam na cachaça; que é a causa de muitas ulceras e feridas rebeldes e de muitas doenças chronicas do coração, dos rins, do figado, do estomago e dos intestinos, que matam milhares e milhares de pessoas annualmente.

A opilação é a maior desgraça do Brasil, que enquanto não a combater seriamente, não conseguirá de maneira alguma se emparelhar, nem mesmo se approximar das nações civilisadas e prosperas.

E como acabar com essa doença, com esse flagello?

Promovendo a cura dos doentes, com ssistencia capaz, e facilitandolhes o uso de remedios, que os ha absolutamente efficazes, e que os poderes publicos têm o dever imperioso, social, economico, humanitario e nacional, de colocar ao alcance de todos os habitantes.

Impediindo a contaminação da terra, pela construcção de esgostos ou pela obrigatoriedade das fossas, e pela educação hygienica do povo.

Empregando todos os meios directos ou indirectos para que se generalise o uso do calçado em todas as classes da sociedade;

Combatendo sem treguas o vicio do alcoolismo, e barateando os artigos indispensaveis á alimentação, ao vestuario, e á hygiene domiciliar.

Promovendo por todos os meios a educação do povo, nas escolas, nas fabricas, nas fazendas, etc.

Conhecido o perigo que é para a saude e a vida dos filhos, o lançar

fezes no chão, haverá paes que continuem a sujar a terra, e consitam que os filhos o façam?

Haverá mães que descuidem dos filhos e os deixem andar descalços e brincar com barro; que os deixem ás soltas pelos mattos; que não os eduquem no asseio; que não os façam lavar as mãos antes de comer, e não os obriguem a procurar a casinha para fazer as suas necessidades; que não os ensinem a ter vergonha de fazer como os animaes?

Si houver creaturas tão desnaturadas, será necessario forçal-as, por lei, a executar essas medidas de salvação publica, e dos proprios filhos.

Deitar veneno num copo d'agua que alguém tem de beber, é um crime nefando, que leva o criminoso para a cadeia, e que o malsina no conceito dos homens.

Pois muito mais criminoso é quem defeca á flôr da terra.

O primeiro mata uma pessoa; o segundo pode prejudicar a saude de dezenas ou centenas de pessoas, muitas das quaes morrerão em consequencia da molestia contrahida; pode fazer a desgraça de familias inteiras.

E desde que conheça o povo a causa da preguiça e da miseria em que vive, quererá ainda fazer o papel de carniça? Porque afinal o opilado não é mais que uma carniça ambulante, comida pelos ankylostomos, de dentro para fora.

300, 500, 1.000 e mais vermes (ankylostomos) agarrados ás paredes intestinaes de uma pessoa, assemelham-se ás larvas das moscas varejeiras devorando uma carniça.

A unica diferença é que as varejeiras devoram a carne morta, e os ankylostomos devoram e envenenam o sangue da carne viva, matam-n'a e morrem com ella, entregando-a á voracidade de outros vermes.

Duas terças partes ou mais da população do Brasil estão servindo de pasto aos vermes intestinaes ou da preguiça, são carniça delles, deixam-se devorar, se degenerar, se degradar e se aniquilar, devido exclusivamente á ignorancia em que vi-

vem do tremendo perigo e do nefando crime que é obrar sobre a terra.

Fica assim explicado com clareza o que é a opilação e os males tremendos que ella causa.

Feita a educação hygienica do povo, habituando-o ao asseio indispensavel das mãos, ao uso do calçado e das fossas, ao tratamento conveniente e a tempo dos doentes, não só a opilação será extinta ou consideravelmente reduzida, mas outras verminoses communs na nossa população, taes a ascaridiose, produzida pelas lombrigas, que causam sérias perturbações e mortes, a trychoceyhalose, tão prejudicial quanto a opilação, e a schistosomose, que no Nordeste do Brasil, sobretudo, vae tomado incremento assustador.

(Do folheto — *Opilação ou amarelão* — do dr. Belisario Penna — publicado pela Liga Pro-Saneamento do Brasil).

A TRAVESSIA DO ATLANTICO PELO AR

Passou no dia 25 de julho o nono anniversario da travessia do Canal da Mancha, pelo aviador francez Blériot. Espera-se que antes de se registrar o decimo anniversario desse acontecimento, algum aviador inglez ou americano tenha conseguido atravessar o Atlântico. Se acreditarmos num collaborador do "Observer" nem sequer teremos de esperar mais um anno para vermos realizado este sonho.

Já se possuem aeroplanos que podem voar á razão de mais de 90 milhas por hora levando o petroleo necessário, assim como os mantimentos indispensaveis para um vôo de mais de 30 horas, sem paragem, o que representa 2.700 milhas. Está claro que para distancias muito menores se pode exceder esta velocidade.

A distancia, atravez do Atlântico, da Terra Nova aos Açores é de

1.195 milhas, dos Açores a Portugal 850 milhas, isto é, um total de 2.045 milhas. Partindo, porém, directamente da Terra Nova para a Irlanda, a distancia é apenas de 1.880 milhas. Existe ainda outra via que offerece a vantagem de apeadeiro todas 600 milhas, e vem a ser, pela Groelandia, a Islandia e a Escocia, mas as vias do sul hão de sempre ser preferidas por causa das melhores condições climatericas.

O autor do artigo que resume teve uma "interview" com o celebre constructor de aeroplanos Kandley Page, cujo apparelho de guerra, a que deu o seu nome, serviu aos allemães para modelo dos seus Gothas. Esta autoridade em materia de aviação entende que a travessia do Atlantico terá de ser feita por aeroplano e não por hydroplano. Os aeroplanos terão de voar por cima de mares tempestuosos, onde nenhum hydroplano poderia navegar ou tornar a levantar o vôo. Será porém, indispensavel prover o apparelho do combustivel necessario e de um machinismo que exclua toda a necessidade de uma descida sobre o mar. Para este fim serão necessarios uns paucos de motores.

Quando se trata de uma viagem muito longa, como a travessia do Atlantico, a machina não deve trabalhar com a velocidade maxima, e o seu vôo, mesmo quando todos os seus motores não estiverem em actividade. Além disto, podemos prever que o aeroplano do futuro terá um dispositivo para "aterrissage" muito pequeno, adequado a especias apeadeiros, fora dos quaes nunca terá de descer á terra.

O Mr. Handley Page é decididamente um antagonista do hydroavião e as razões, que para isso apresenta, não deixam de ser plausiveis. Em primeiro lugar os aeroplanos munidos de fluctuadores ou de botes, isto é, os hydroplanos, são menos efficazes ao ponto de vista aerodinamico do que os apparelhos que possuem o dispositivo com rodas para a aterissage e além disso são mais pe-

sados e menos manejaveis; insistir na sua adopção como typo de aeroplano do futuro é simplesmente retardar os seus progressos. Como já dissemos, nenhum hydroplano conseguiria fluctuar num mar tempestuoso, por cima do qual um aeroplano pode voar com toda a facilidade: o problema a resolver é, pois, o de evitar a possibilidade de paragens do motor; isto obtém-se facilmente com apparelhos aperfeiçoados e com a multiplicidade dos motores.

O primeiro vôo transatlantico terá logar provavelmente a uma grande altitude. Uma das vantagens d'este sistema consistirá em que, apezar da velocidade ser ligeiramente inferior, a distancia percorrida com uma dada quantidade de combustivel será maior. Não ha razão alguma para que os aeroplanos de longo raio de acção, que a America está construindo para a França, não cheguem ao seu destino pelos seus proprios meios, em vez de ocuparem logar a bordo dos navios que têm de transportar outras cargas.

Pelo que diz respeito aos passageiros, disse ainda Mr. Handley Page, não está longe o dia em que os homens de negocio poderão apreciar a economia de tempo que resultará da travessia pelo ar.

Com respeito a algumas difficultades praticas a resolver, enquanto o caminho a percorrer não ficar bem estabelecido e se não crearem apeadeiros regulares, as travessias só poderão ser effectuadas durante as horas do dia. Não haverá, porém, diffuldade em voar durante a noite desde o momento que os pilotos possam revezar-se todas as duas ou tres horas.

A primeira viagem emprehendida será de oeste para leste e por varias razões será a mais usual do que a viagem da Europa para a America, porque o vento de oeste para leste é mais frequente nesta latitude, especialmente a grandes altitudes onde ha muitas probabilidades de encontrar um forte vento propulsor na direcção desejada.

Segundo o rumo dos vapores transatlanticos, um aviador nunca se encontraria a mais de meia hora de distancia de um navio munido de apparelhos de telegraphia sem fio, o que é de enorme importancia tanto para a navegação maritima como para a aerea.

Uma cousa se pode affirmar em conclusão: é que está para se estreitar um laço sentimental, commercial e industrial entre os dois continentes, que terá a mais profunda influencia na historia da nossa raça. (Do *Diario de Pernambuco* — Recife).

D. LUIZ DE ORLE'ANS E BRAGANÇA

A "Revista do Brasil" ufana-se de noticiar aos seus leitores que tem promettida a collaboração literaria do Príncipe D. Luiz. Já conhecido do publico brasileiro por uma obra que vale por multiforme revelação de superioridades, pois mostra no homem moderno de idéas claras e adiantadas, e no artista fino, cheio de sensibilidade e altas aptidões estheticas, um acabado temperamento de estadista de visão larga a que não escapa nenhum aspecto dos grandes problemas sociaes, é com entusiasmo que o vemos preparar-se para cooperar na obra commum entendida pela grande revista brasileira.

Neto de D. Pedro II, D. Luiz, além do sangue e da intelligencia, herdou do excelso imperante aquele entranhado amor á terra natal; isso o leva a seguir no exilio com olhar carinhoso a nossa evolução, e o induz, agora, a prometter o seu con-

tingente de idéas para a tarefa constructiva da nossa cultura. Transcrevemos, o trecho da carta onde nos dá a grata nova: "Até agora não consegui livrar-me dos incommodos que ha mais de tres annos me atormentam, e ainda não adquiri a liberdade de espirito necessaria para trabalhar seriamente dando forma aceitável ás notas tomadas durante o anno que passei com as tropas inglezas. No caso, porém, de continuarem as melhoras que tenho experimentado nestes ultimos tempos, prometto com o maior prazer a minha collaboração para a Revista, cujo convite muito me lisongea".

PINHEIRO JUNIOR

Depois de tres annos de exercicio ininterrupto deixou o lugar de Secretario-Gerente da "Revista do Brasil", o Dr. J. M. Pinheiro Junior, indubitavelmente o mais esforçado dos seus fundadores. Graças á sua operosidade e tino pratico poude a Revista prosperar e vencer estes annos de anormalidade commercial determinada pela guerra, periodo sobremaneira penoso para todas as industrias que dependem do papel, e mais ainda para uma a que tão avesso se mostrou sempre o nosso meio. Venceu-os porém, dominou-os um por um a quantos obices se lhe antepuseram no caminho e conseguiu fazer da Revista o que ella é, a melhor, a mais acreditada, a mais bem aceita do paiz. Seu nome ficará, pois, gravado com magnifico destaque na vida desta publicação, e na casa, onde só deixou amigos, será sempre lembrado com profundas saudades.

AS CARICATURAS DO MEZ

O RESTO ESTA' CHÔCO



A gallinha — Para que tantos ovos, si um só tem pinto?

(J. Carlos — *Careta*, Rio).

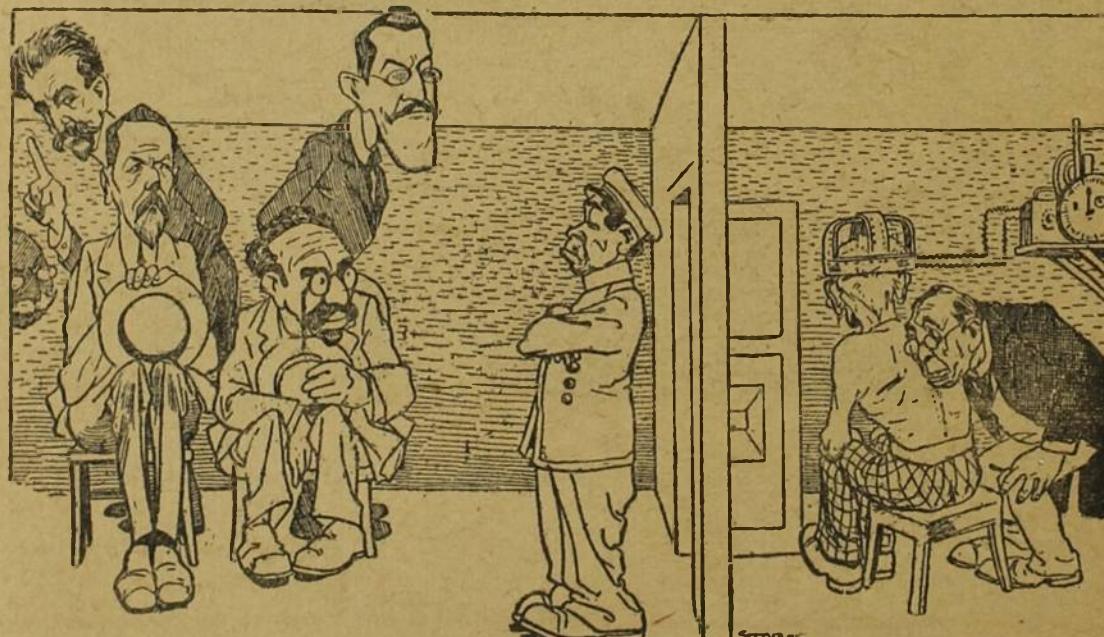
CANDIDATURAS



Nilo — A prova de que nunca fui teu inimigo é que o maior mal que te desejo, eu bem o quizera para mim.

(Romano — *D. Quixote*, Rio).

REFORME-SE A CONSTITUIÇÃO



Onde convier: — "Os candidatos á Presidencia da Republica deverão ser submettidos a rigorosa inspecção de saude, em que fique constatada sua resistencia physica por mais 4 annos".

(Storni — *D. Quixote*, Rio).

NA MICROBIOLANDIA



Mme. Spyrillo — E' muito longe
daqui o lugar onde vaes, meu bem?

Dr. Spyrillo — E', minha querida;
sao 2 millimetros que tenho de per-
correr — mas, coragem! daqui a dois
annos estou de volta.

(Yantok — D. Quixote, Rio)



A PARTIDA DE VAPORES SEM A 3.a CLASSE

— Porque nós, pobre gente, eramos uteis sómente quando era
occaſão de nos fazer matar!...

(Voltolino — II Pasquino Coloniale, S. Paulo)

UMA SOLUÇÃO



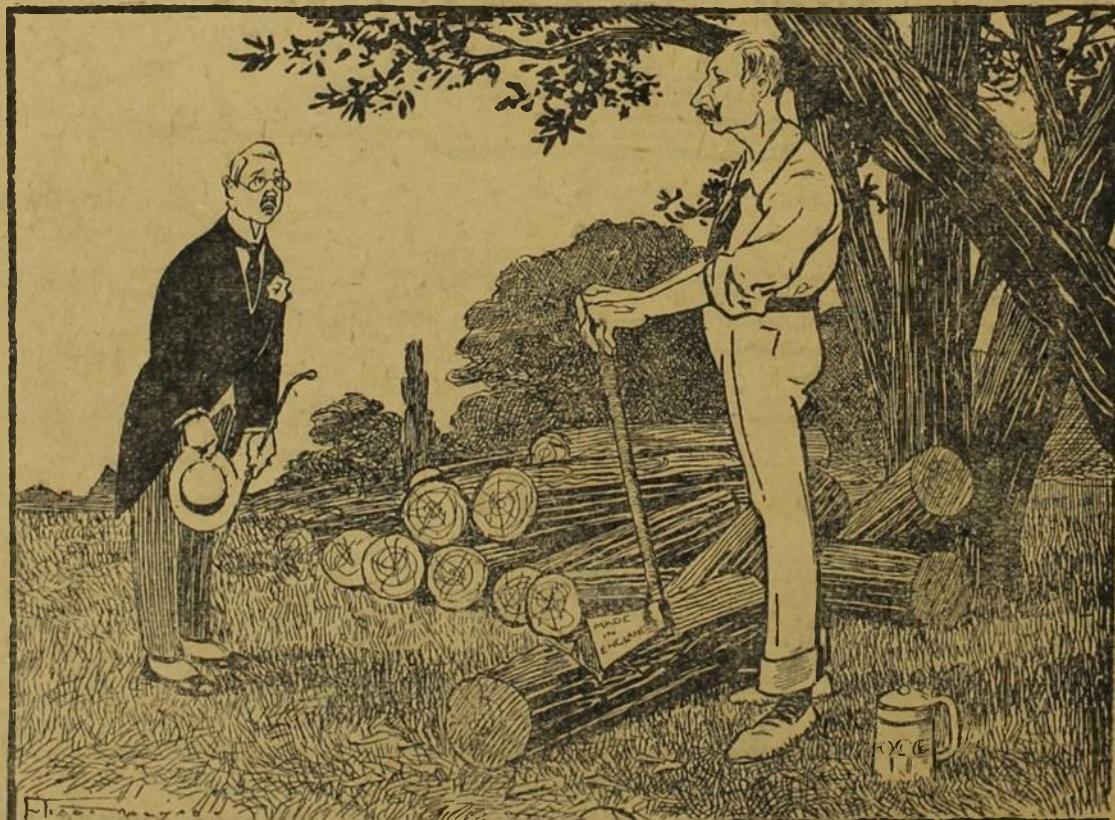
Ruy — O momento é grave, meus amigos e não permitte lutas.
O melhor é vocês todos concordarem commigo.

(J. Carlos — *Careta*, Rio)

PARA MATAR, PELO MENOS, O TEMPO

HAYA, 19 — Guilherme II, para se distrahir, passa as manhãs rachando lenha".

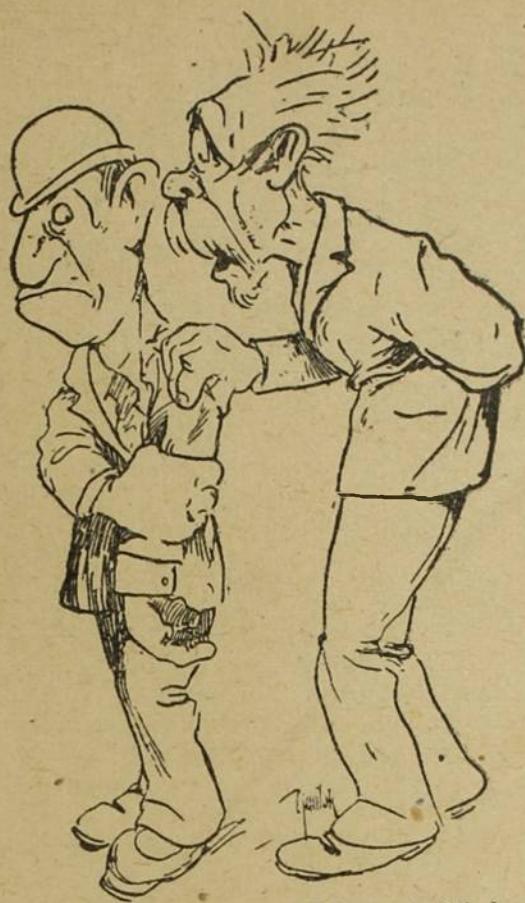
(*Dos jornaes*)



— Ah! Sire!... Voessa Magestade rachando lenha!...
— Que diabo quer você que eu agora rache?

(Julião Machado — *D. Quixote*, Rio).

OS EXALTADOS



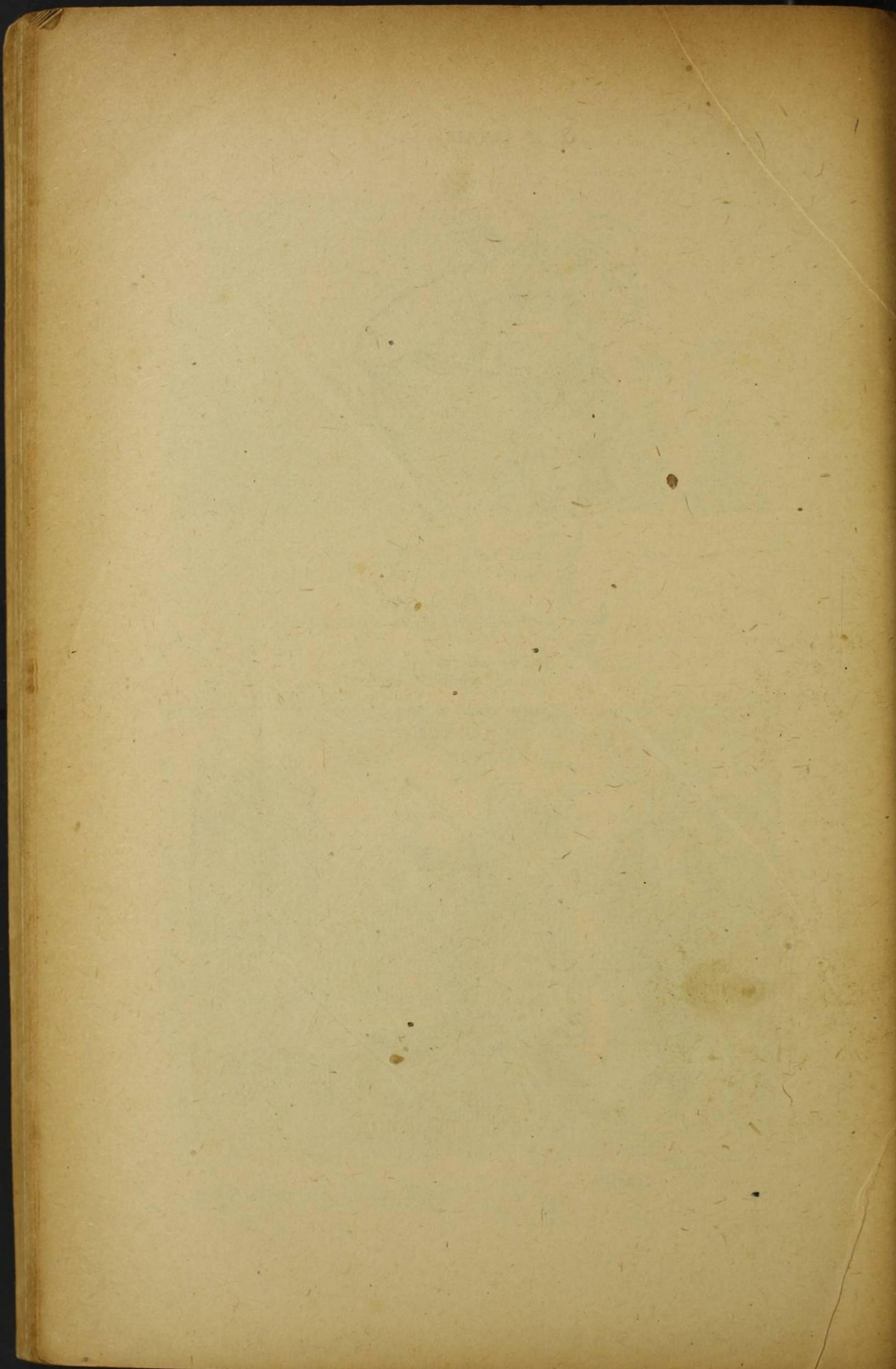
— E' o que te affirmo! Só ha o
Ruy; os outros são todos ruinosos!
(Yantok — *D. Quixote*, Rio).

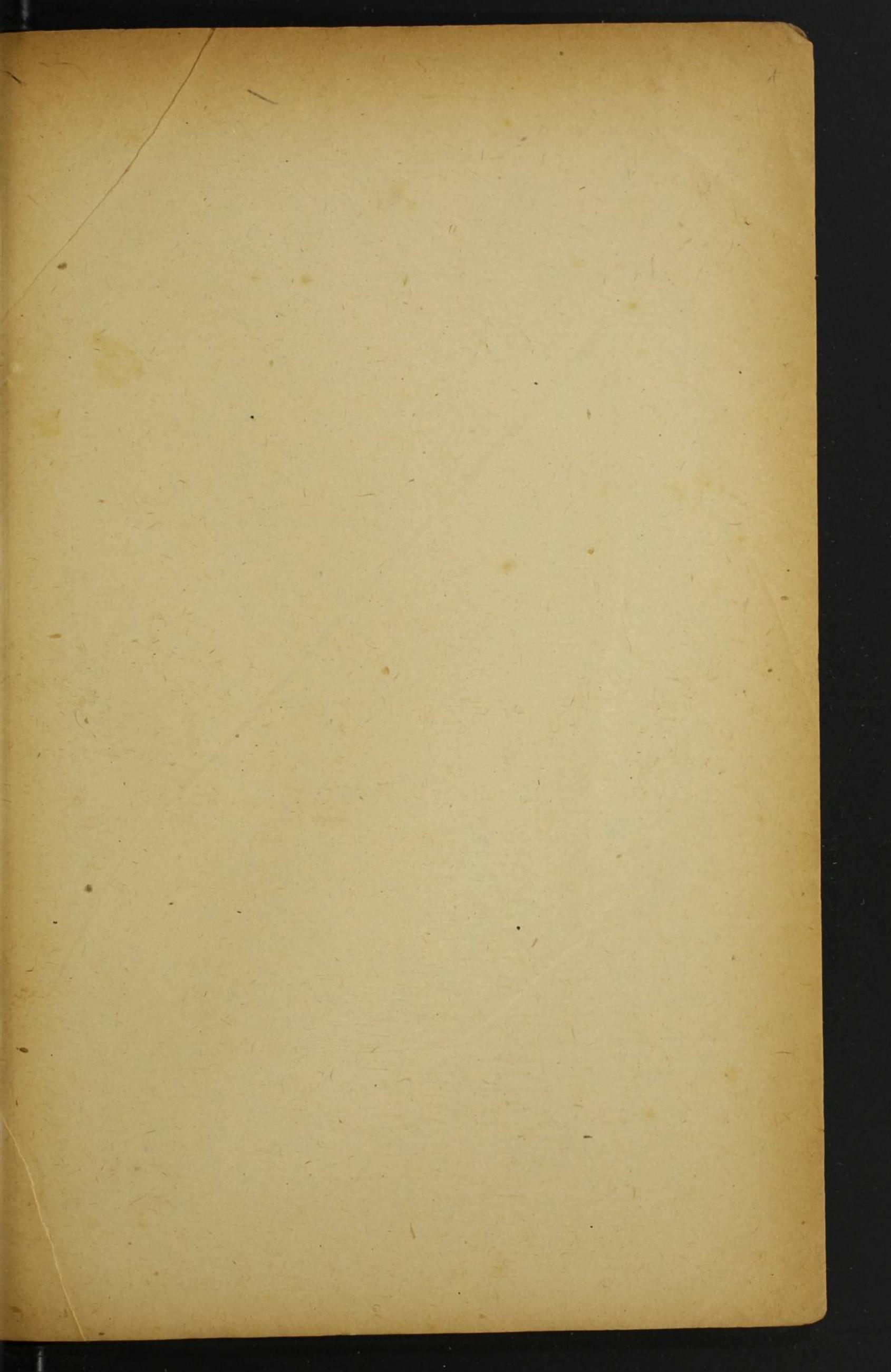
DOÇURA DE COSTUMES



— E' cocote?
— Não. E' de familia.

(Raul — *D. Quixote*, Rio).





40253

